

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**ARQUIVOS DO CD ANEXO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO – MONOGRAFIA – DE GÉSSICA DA SILVA**

**TRANSCRIÇÕES ENTREVISTAS EM
PROFUNDIDADE COM DOCENTES E
PESQUISADORES**

Entrevista em Profundidade com o coordenador do curso de Jornalismo da UFSC
Professor Aureo Moraes
Concedida dia 22/10/2014

Géssica: Você é a favor do estágio em Jornalismo? Por quê?

Aureo Moraes: Na verdade, eu não tenho uma posição definitiva sobre o estágio. Mas eu tendo a entender que... Me parece, que a opção do estágio não obrigatório pode ser mais produtivo, sobretudo pelos últimos, acho que, vinte e tantos anos. Desde que o estágio deixou de ser obrigatório nas escolas de Jornalismo, eu não percebo que possa ter havido alguma perda na formação dos alunos, pelo fato do estágio ter deixado de ser obrigatório. Então, sob o ponto de vista pedagógico, ou seja, sobre a possibilidade de um estudante de um curso de graduação ter uma experiência complementar à sua formação, que possa ser expressa pela participação num estágio, eu não vejo que haja necessidade desse estágio ser obrigatório. E aí eu tentaria fazer uma analogia com outras áreas de formação... Então, por exemplo, se você pegar um curso de licenciatura, pode ser um curso de Educação Física, por exemplo, cujo objeto fundamental da formação é formar um professor de educação física. Nesse caso, se o estágio fosse não obrigatório, isso poderia implicar que, ao final do curso, um aluno desse curso não tivesse tido uma experiência de sala de aula, o que para sua formação seria assustador. No caso de um curso como o de Jornalismo, que não é voltado à formação de professores licenciados, se a estrutura da escola oferecer a esse jovem, oportunidades de contato com práticas profissionais, com experiências de produção em diferentes ambientes, próximo do ambiente profissional, a formação dele estaria, talvez não plena, mas bastante próxima de ser plena. Então, eu não sou, por princípio, contra o estágio obrigatório, mas entendo que, se as escolas conseguirem dar conta de oferecer ambientes de laboratório controlado, em que esse estudante tenha as mesmas oportunidades que ele teria no campo profissional... Não exatamente as mesmas, mas muito próximas, e ainda assim, se ele tiver a opção de poder fazer alguma atividade de estágio, que não seja obrigatório, mas que seja no ambiente profissional, mais uma vez a formação dele está próxima de ser plena. Desde que, obviamente, a formação deste curso não seja, por exemplo, de uma licenciatura, em que aí você tem que ter, de fato, uma vinculação obrigatória com alguma atividade.

Géssica: Que características devem conter um estágio em Jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Aureo Moraes: Principalmente o acompanhamento regular e frequente de um orientador desse estudante. A compreensão de que, para quem emprega esse estagiário, aquilo não é uma atividade profissional, mas uma atividade pedagógica, educacional e formativa. E a compreensão do próprio estagiário, de que aquela condição temporária dele é precária, e não pode ser vista, nem substituir, um emprego, ou uma fonte de renda, ou uma forma de se manter. E me parece, que talvez essas questões não estejam devidamente resolvidas atualmente, com a ausência do estágio obrigatório. Mas também não acredito que elas vão estar resolvidas se o estágio voltar a ser obrigatório. Primeiro, porque, no caso do nosso curso, por exemplo, em que o estágio voltará a ser obrigatório, nós teremos que restabelecer todo um conjunto de relações internas, carga horária de docentes, que vão se envolver cotidianamente com um número de estagiários, que vão ter que estabelecer contato com as empresas ou instituições que vão abrigar esses estagiários. Quer dizer, vamos ter que intensificar relações que hoje nós não temos, porque não existe o estágio obrigatório. Então a primeira condição é essa de estruturar, ou de gestão, desse estágio, que vamos ter que dar conta de resolver. A segunda é a relação que a empresa passa a ter com o estagiário. Porque de um jeito ou de outro, hoje a gente tem um conjunto de estágios sendo ofertado, mesmo não obrigatórios, e o que se observa é que a regra é a presença desse estagiário ainda ser entendida como mão de obra mais barata, como alguém que ganha menos, mas pode trabalhar praticamente a mesma coisa que um profissional. Então não existe uma compreensão exata, de boa parte das instituições, de qual seja o papel do estagiário. E hoje isso é um problema, e talvez com o estágio obrigatório isso não seja totalmente resolvido. Não sei ainda, eu tenho dúvidas quanto a isso. E a terceira questão, que é a relação do estudante... Cada vez mais o que a gente tem observado é que o estudante busca um estágio como forma de ter uma renda, pagar as suas contas, e não necessariamente com esta perspectiva pedagógica. Então, para mim, a grande perda que há em todo esse processo com o estágio não obrigatório atualmente, e eu não consigo enxergar que com o estágio obrigatório vai ser diferente, se ele vai cumprir um papel, de fato, pedagógico. Que vai mudar apenas a relação formal, que hoje é não obrigatória e passa a ser obrigatória. Mas todas essas outras questões, não me parece que vão ser dirigidas para o aspecto pedagógico. Obviamente que na essência, qualquer estágio, que significa uma vivência externa ao ambiente de estudo, ele tem um fundo pedagógico. Mas eu não consigo mensurar o resultado disso, eu não sei o quão melhor um aluno se forma se fizer um estágio, ou quão melhor ele se forma se ele se mantiver cumprindo o currículo do curso, buscando

disciplinas em outras áreas, quer dizer, ampliando por sua conta a formação, sem necessariamente ter que ter uma vivência. Eu não consigo medir isso, tenho bastante dúvida.

Géssica: Essa seria justamente uma questão: Você vê mudanças significativas entre quem fez e quem não fez estágio?

Aureo Moraes: Olha, para mim fica bastante difícil perceber alguma diferença. Porque, já de alguns anos, o nosso curso tem condições de oferecer alguns espaços do exercício profissional controlado, que é a essência de um laboratório. Em que você procura minimamente reproduzir condições de trabalho próprias e adequadas a um jovem em formação. Você não tem um grau de exigência tão rigoroso, porque não tem que ter. E, por tanto, a gente talvez esteja mascarando uma formação que a gente considera razoável, para quem atua estritamente nos limites do curso, ou seja, para alunos que não fazem estágio. Por outro lado, o que fica mais evidente para mim, na maioria dos nossos alunos que fazem estágio, é que eles trocam, a prioridade passa a ser o estágio, em detrimento da formação no curso. Então eles permanecem mais tempo do que necessitariam permanecer, eles alternam estágio sobre estágio, a partir de quem paga mais, de quem a jornada é mais flexível, de quem é mais próximo de casa, etc. Então, ao final de um período de quatro ou cinco anos, eu tenho dúvidas se o aluno que fez estágios foi melhor formado do que aquele que não fez estágio. Até porque cada vez mais, menos alunos não fazem estágio, a maioria deles tem feito. E, dependendo do perfil das instituições que oferecem o estágio, o que a gente tem observado é que boa parte das atividades dos nossos estagiários estão ligadas a uma única área, que é assessoria de comunicação, assessoria de imprensa. Que é claro, uma área importante de empregabilidade hoje, um espaço importante de atuação do jornalista. Eu não consigo precisar, mas eu estimo que no mínimo setenta por cento dos nossos estagiários estejam nessa condição, ou em assessoria de imprensa, ou em assessoria de comunicação, ou em pequenos birôs de prestação de serviço de assessoria. Há pouquíssimos estagiários em redação, eu suponho isso, talvez a tua pesquisa possa apurar com mais precisão. E há talvez uma outra parcela um pouquinho maior... Menor é claro do que assessoria de imprensa, mas maior do que as redações, que faz estágios em portais de notícias, apurando, produzindo alguma coisa mais próxima da atividade de jornalista. Então, nesse sentido, se um aluno passa dois anos, dois anos e meio, ou três anos, estagiando em assessoria de comunicação, ele vai ter uma vivência muito importante nessa área, mas e as outras áreas da formação? Então não me parece que ele consiga ser melhor formado do que um aluno que não fez estágio. Porque um aluno que não fizer estágio, ele vai ter, provavelmente, um aproveitamento melhor nas disciplinas, ele vai

faltar menos às aulas, ele vai ter mais tempo para se dedicar as tarefas das disciplinas, leitura de textos, a produção de trabalhos acadêmicos, participação em atividades. Então eu acho que o estágio hoje, e não sei se isso vai ser revertido, tem ocupado mais o tempo dos alunos do que o espaço deles em sala de aula.

Géssica: Em sua opinião, quais são as atividades que não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de Jornalismo?

Aureo Moraes: Eu não acho que eles não possam exercer nenhuma. Eu acho que eles podem exercer todas as atividades, desde que, aquelas questões que eu me referi a pouco tivessem resolvidas. Que houvesse um acompanhamento de um professor regularmente, que houvesse a compreensão da empresa de que ele está experimentando, e que o próprio aluno não tratasse o estágio como sua fonte fundamental, principal, essencial de sobrevivência. Porque se você tem um estagiário numa redação de jornal, por exemplo, de um portal de notícias, ele não pode apurar junto a uma fonte, formalmente falando, porque ele ainda está em formação, ele não pode assinar um texto, porque o que ele vai publicar tem um conjunto de responsabilidades legais, éticas, morais, sobre as quais ele não está plenamente formado. Então o que caberia à um estagiário num ambiente de uma redação, por exemplo? Acompanhar o trabalho de apuração de um repórter. Ele pode acompanhá-lo numa entrevista, acompanha-lo no contato com uma fonte, ele pode acompanhar o processo de redação desse texto, de construção dessa narrativa, dessa reportagem, enfim. Ele pode acompanhar um repórter fotográfico, as reuniões de pauta e de fechamento da edição do jornal. Ele pode propor a organização de algumas informações de modo que aquilo seja transformado depois num infográfico. Então ele tem que se envolver parcialmente nas atividades, a ele não pode ser atribuído uma responsabilidade que é própria de um profissional. Então, mal comparando, é assim: um jovem estudante de medicina vai fazer uma atividade de estágio, ou alguma coisa assim, numa sala de cirurgia, não vai ser ele o principal cirurgião. E me parece que no Jornalismo tende-se a isso, quer dizer ‘não, não interessa, o estagiário é brilhante, ele é muito bom, então nós vamos pô-lo para fazer uma entrada ao vivo no noticiário das oito’, não, ele não pode entrar ao vivo no noticiário das oito. Ele, no máximo, vai poder fazer a produção, o apoio ao repórter, ele tem que respirar aquele momento, e não ser protagonista daquilo. E é isso que eu temo, que hoje não acontece tanto, em atividades, vamos dizer assim, mais de ponta do Jornalismo, redação de jornal, de rádio, televisão. Quando acontece é por uma liberalidade do estagiário e da empresa, que fazem um pacto meio casto assim, ‘não tudo bem, tu finge que tu é jornalista, eu finjo que tu não é mais estagiário’. Mas então o que eu acho

que o que ele não poderia fazer é isso, ele não pode ser a estrela do espetáculo, ele é o cara que empurra o banquinho para o elefante botar a pata. Ele não é o domador do elefante, ele não está preparado para isso, mas ele pode empurrar o banquinho, ele pode alcançar o chicotinho, isso ele pode fazer. Então, numa redação, num ambiente de... Do mundo do trabalho efetivamente, o estagiário fica assistindo as coisas, ele fica tirando dúvidas. Ele fica apoiando, mas ele não fica protagonizando, ele não aparece na linha de frente disso.

Géssica: E nesse processo, qual seria o papel de um orientador de estágio?

Aureo Moraes: Pois é, aí é que está a questão que me parece bastante séria para as instituições resolverem, que é assim... Nós teremos aqui, provavelmente, na manutenção dos sessenta estudantes que ingressarão por ano, quando a gente chegar lá no quarto ano de formação, que provavelmente na sétima fase eles farão estágio, talvez nós tenhamos aí trinta... Vamos arredondar, talvez para vinte estudantes em um primeiro semestre, vinte estudantes em um segundo semestre de um ano, que deveriam estar fazendo estágio. Aí você vai ter que ter, para cada cinco, um professor orientador. Então desses vinte que estarão fazendo estágio, nós teríamos que ter, pelo menos, quatro professores dedicados à orientação dos estágios. Qual vai ser o papel desses professores? Eles vão ter que estar mantendo um contato frequente com esse aluno a cada semana, a cada quinze dias, e estabelecendo um conjunto de respostas e questionamentos sobre a atividade que esse aluno está desenvolvendo. É como se estágio se transformasse de fato numa disciplina, cursada fora do ambiente da universidade. Então o aluno vai ter que ter acompanhada a sua frequência no estágio, ele vai ter que descrever quais atividades ele está desenvolvendo. Então o que vai acontecer, ou que deveria acontecer, é que o conjunto de instituições ou empresas que ofertarem estágio terão que estreitar relação com esses professores orientadores, de modo que as informações não sejam sonegadas, não sejam confusas, não sejam equivocadas. E as empresas vão ter que entender que no momento em que se definiu nas Diretrizes Curriculares Nacionais o retorno do estágio, esse também é um problema delas. Porque elas podem se fechar e dizer: ‘nós não queremos estagiários assim, queríamos como era antes, que eu botava um moleque a trabalhar oito horas aqui e ninguém acompanhava’.

Géssica: E o curso já está pensando em como vai fazer para orientar e fiscalizar isso?

Aureo Moraes: Com certeza está pensando. Não consegui chegar ainda num modelo que seja capaz de tornar efetivo esse acompanhamento. Porque eu não tenho dúvida também de que... Não estou acusando nenhuma instituição A ou B, ou curso C ou D, mas que existe uma

certa... Que dado o volume, por exemplo, de estágios em determinados cursos, você não tem um controle absoluto disso. Você pega um curso, por exemplo, que a gente conhece aqui na Universidade Federal, de Engenharia de Materiais. O curso de Engenharia de Materiais foi concebido para ser trimestral, e alternar ao longo da formação, um semestre em sala de aula, um semestre na fábrica, um semestre aqui, dois aqui, mais um lá. Então o aluno praticamente faz quarenta por cento do seu curso sob a forma de um estágio. Deve ser administrativamente impossível você acompanhar pedagogicamente todos os estagiários que estão lá. Então, no nosso caso, talvez não seja tão difícil administrar isso, porque nós temos um número menor de alunos, mas eu fico pensando nas escolas que tem cinquenta, sessenta estudantes por semestre, em condições de fazer estágio, como é que essas empresas vão... Então, uma das questões que já foi pensada nesse sentido é que nós tentemos, especificamente no caso do Jornalismo da UFSC, que haja um volume razoável de vagas de estágio obrigatório dentro da instituição.

Géssica: É mais fácil de orientar?

Aureo Moraes: Não é nem porque é mais fácil, mas é que, pelo menos, a gente está oferecendo uma solução institucional. O que isso vai significar, por exemplo, para os estudantes, é que eles vão ficar num ambiente mais controlado. E que no caso das vagas externas, vai ser preciso formalizar um conjunto de instrumentos ou termos de convênio... Hoje já existe né, quer dizer, o sistema de registro de estágios da universidade exige que para o aluno desenvolver o estágio numa instituição, essa instituição esteja cadastrada, conveniada formalmente com a universidade. Que é uma atuação do Ministério Público do trabalho, que exigiu um termo de ajustamento de conduta nesse sentido, que a universidade não tinha controle, soltava seus alunos para estágios onde fosse. Então, o que está se pensando é isso, é tentar aproximar cada vez mais as empresas e instituições que oferecem estágios, para que elas autorizem que haja um acompanhamento. Por exemplo, eu serei coordenador do estágio do aluno João, Pedro ou Paulo, como orientador do estágio seguramente eu vou quer ir à empresa onde ele trabalha para acompanhar o ambiente onde ele está. Então a empresa tem que se dispor a isso, a empresa tem que admitir que é uma outra relação. Que hoje, elas oferecem estágio não obrigatório, e que o aluno trata aquilo como uma atividade, uma ocupação profissional, a empresa também admite que tudo bem, deixa o menino trabalhar, ele faz menos que o outro, o outro é formado, ele não é, mas vamos cobrar um pouquinho dele. Nós professores enxergamos isso tudo de longe. Nós não temos obrigação, nós assinamos um documento como orientador daquele estágio, mas ele não é obrigatório, então o nosso

compromisso acaba sendo negligenciado. Eu, por exemplo, tenho dezenas de orientandos. Eu não recuso praticamente nenhum orientando, porque eu sei que o nome do orientador é essencial para esse menino, essa menina estar no estágio. E eu costumo dizer apenas 'se você precisar de alguma coisa me procura'. Mas eu sei que o aluno só vai me procurar quando ele fizer o termo de rescisão daquele estágio, e quiser que eu assine um novo termo. Os alunos não tem essa prática de procurar o orientador para tirar alguma dúvida. E nós orientadores assumimos essa fragilidade e deixamos tudo como está. Vou te dizer também, o que me parece... Um outro aspecto que o retorno do estágio obrigatório vai fazer. Hoje os nossos alunos estão fazendo estágio da segunda fase para frente. Com o retorno do estágio obrigatório, talvez eles possam continuar fazendo esses outros estágios, mas, de novo, eles vão precisar de um orientador. Aí se eu tiver cinco orientandos de estágio obrigatório, eu vou recusar estágio não obrigatório, eu não vou dar conta. E talvez seja estabelecido um limite para nós docentes, orientadores, assim: 'você só poderá orientar cinco estudantes de estágio obrigatório'. Então nós vamos acabar, indiretamente, gerando repercussão sobre os cento e oitenta que vão querer fazer estágio fora do obrigatório.

Géssica: Só que o professor não vai dar conta...

Aureo Moraes: Se for lá na minha sala, eu tenho uma pilha de termos de registro de estágio. O aluno trás eu assino. Eu assino porque a gente assume que não orienta estagiário, porque não é um estágio obrigatório, não tem um compromisso formal. Se eu sou um orientador de aluno em TCC, eu faço questão de acompanhar o desenvolvimento do trabalho, porque ele vai ser submetido a uma banca pública, aquilo é um trabalho que é do aluno, mas que tem muito da orientação ou falta de orientação do orientador, ele é resultado disso. No caso do estágio obrigatório também vai ter essa relação. Hoje os estágios não têm, eu sou só um nome no formulário do aluno.

Géssica: Hoje é mais burocrático?

Aureo Moraes: É só burocrático. No momento que ele deixa de ser só informal e passa a ser obrigatório, e aí vai ter uma exigência, porque, vai ter uma nota no final, o aluno vai ter que ter um aproveitamento pedagógico desse estágio, aí a luz amarela vai acender, aí eu não posso ter doze, só posso ter cinco, então sete vão ficar sem orientador.

Géssica: Outra questão também é que tem alunos que dependem do estágio para se manter na universidade...

Aureo Moraes: É, isso é uma outra questão. Se a universidade, como instituição provedora, não tem dado conta, e cada vez mais abre as opções de ingresso para grupos da população historicamente mais excluídos, e que mesmo não estivessem, no momento em que passa a ser incluídos eles têm que se manter. Mas a universidade não consegue dar conta disso, ela tem um limite, e o aluno que vem, e que não consegue vaga na moradia, que não consegue isenção do restaurante universitário, e precisa pagar o aluguel, a comida, isso e aquilo, ele vai correr atrás de alguma coisa. Mas olha só que curioso, uma história que eu passei, quando eu dirigia a Agecom, nós tivemos um aluno de primeira fase que me procurou, em 2000... 2001, perguntando se tinha vaga de estágio na Agecom. E aí eu disse a ele: 'olha, nós vamos abrir vagas aqui, tem vários estudantes querem fazer bolsa. Mas quais são os horários que você tem disponíveis?', 'só tenho horários disponíveis a noite professor', eu disse: 'mas a Agecom não tem atividades à noite', 'não, então está bom'. Aí ele foi arrumar um emprego, ele foi ser caixa de supermercado. Então ele estudava de manhã, estudava de tarde, trabalhava a noite, morou na moradia estudantil. E ao final de um ano, um ano e meio em que ele trabalhou como caixa de supermercado, ele juntou um dinheirinho e ele priorizou a formação do curso até aquela altura. No segundo ano, quarta ou quinta fase, é que ele me procurou de novo, 'agora eu quero um estágio professor, porque agora eu posso ficar com essa bolsa de trezentos e pouco reais e eu adiantei a minha formação'. Então, olha só... Acho que isso não precisa ser regra, mas quando você me pergunta assim 'pois é, mas e quando o estudante precisa do estágio para se manter?', eu te pergunto o seguinte: estudantes de vários outros cursos, principalmente os cursos noturnos, não necessariamente trabalham na sua área de formação, eles têm que ter um trabalho, que eles têm que pagar conta, alguns deles sustentam a casa. Mas, nem por isso, eles vão num escritório de advocacia e dizem assim: 'eu preciso de um estágio de advogado' na segunda fase. Não, ele vai trabalhar vendendo carro, ele vai trabalhar de balconista de loja, ele vai fazer outras atividades profissionais, que nem tem a ver... O que o estudante de Jornalismo tem de diferente, que ele precisa, a partir da segunda fase, trabalhar na área de formação dele? Por que ele não pode ser um caixa de supermercado? Por que ele não pode ser um atendente de farmácia? Por que ele não pode ser operador de telemarketing? Acho que essa é uma pergunta que cada aluno tinha que se fazer. Eu fui garçom, eu vendi caldo de cana, eu trabalhei em outras áreas profissionais, muito embora eu perseguisse o sonho de ser jornalista. E as minhas mãos não tem mais ou menos calos que a mão de ninguém. Então acho que existe um certo mito de que 'eu preciso me sustentar'. Então vai

arrumar emprego aqui no supermercado Angeloni, que paga às vezes mais do que o teu estágio pagaria, para você se manter. O problema é se manter ou o problema é arrumar logo um emprego de jornalista, para já ir para o mercado de trabalho? Essa que é minha dúvida.

Géssica: Que peso tem o estágio para a formação do pessoal aqui de Jornalismo?

Aureo Moraes: Eu acho que ele deveria ter um peso relativo ao período que ele compreendesse na formação. Se ele for um estágio de um semestre, ele vai ter o peso de quinze por cento da formação desse aluno, vinte talvez, um pouquinho mais. Porque é o mesmo peso que você vai dar para um TCC, por exemplo. Na nossa estrutura curricular, o aluno tem dois semestres para desenvolver o projeto final de curso, um ele prepara e um ele executa. O que deve refletir nesse TCC? Que ao longo de sua formação, o aluno teve capacidade para pensar sobre um tema, pesquisar sobre esse tema, se organizar sobre as etapas de execução desse trabalho, e ao final revelar uma capacidade de apresentar muito mais do que ele apresentou durante o curso, reunindo as suas competências, habilidades e tal. Esse é o peso de um TCC, é um peso grande, é uma carga horária grande na composição do currículo. E o estágio tem que ter menos peso do que isso, quer dizer, o estágio tem que ser a oportunidade de o aluno dizer assim: ‘eu vivi parte da experiência profissional’, mas não pode ter esse peso que tem hoje. O peso que tem hoje é o peso de sustentar o aluno, é o peso de representar uma ocupação profissional que acaba privilegiando isso em detrimento à formação. Eu acho que o peso maior tinha que ser da formação. Para mim, a formação superior ideal é aquela que permite que o aluno experimente um conjunto de novas informações, conhecimentos, vários... Na área de Jornalismo então, quanto mais múltiplo ele conseguir ser, melhor, quanto mais ele conseguir circular na história, na psicologia, na economia, no direito, conhecendo essas outras relações. E que o estágio seja a oportunidade para ele poder por um pouco a mão na massa. Mas se ele põe a mão na massa da segunda fase até a oitava, quando ele chegar lá ele já é um veterano, quando ele se formar ele já está... E eu não sei se isso vai ser bem administrado na cabeça desse aluno.

Géssica: Como o estágio pode influenciar a formação de um jornalista e colaborar para sua consciência profissional?

Aureo Moraes: Outra questão complicada nisso, e tem haver com formação profissional é assim: esse estagiário não pode se considerar um jornalista. E eu temo que alguns... E hoje eles já estão assim, já se consideram formados. Porque também o estagiário tem um conjunto de anedotário contra o estagiário, ‘coisa de estagiário’. Mas é coisa de estagiário, ao estagiário

é permitido errar, tropeçar, se enganar, se equivocar, e o nível de cobrança tem que ser nessa mesma medida. Mas se você confere ao estagiário um status que não é dele, ele se apodera disso, 'eu sou o cara, eu já faço estágio desde a segunda fase'.

Géssica: Parece que dá status ao estagiário...

Aureo Moraes: Exatamente. Então eu acho que a gente vai ter que retomar algumas concepções filosóficas, pedagógicas, ideológicas, que põe o estágio no seu devido lugar. Ele não pode substituir uma fonte de manutenção de um jovem, ele não pode imaginar que dá conta de formar o estudante, porque não dá. Então o que me parece que seria mais adequado é... Ok, vamos reservar um semestre para prática de estágio obrigatório supervisionado, e ao longo das fases anteriores a essa vamos colocar um limite de atividades que o aluno possa fazer com característica de estágio. E cada curso, cada escola, deveria pensar em criar ambientes de laboratório, que simulem o espaço profissional. Para que os alunos da segunda, da terceira, da quarta, da quinta, antes de ir para o mercado fazer o estágio, tivessem tido essa vivência também aqui dentro, sob os nossos olhos.

Géssica: Se o aluno acaba assumindo o papel de jornalista e é tratado como um profissional, como isso pode refletir depois de ele estar formado?

Aureo Moraes: Bom, eu não sei se não vai ter algum componente de frustração profissional, ou de imaginar que já aprendeu tudo, de autossuficiência. Eu não consigo te responder claramente, objetivamente essa pergunta. Mas se a gente pensar na formação do ser humano, a gente precisa passar por estágios e etapas diferentes para dar conta de amadurecer uma informação. Se você queima etapas como essa, você antecipa determinados processos, você corre o risco de... Ok, formar um jovem mais preparado, mas em algum momento vai ter peça faltando nessa formação. Então, quando o aluno começa muito cedo a fazer uma atividade fora do ambiente acadêmico, associado a sua formação, um estágio, uma bolsa, alguma coisa, e quando ele dá uma dimensão para isso que ela de fato não tem, ele corre esse risco. Ou ele se desencanta com a sua formação e diz assim: 'vou abandonar o curso e vou ficar só no estágio'. Ou ele pode descobrir, por conta dessa experiência que às vezes pode ser ruim, que não era aquilo que ele queria, e aí abandona o curso porque não gosta disso. Então assim, acho que são vários os riscos, ou as ameaças que antecipar essa participação no estágio pode trazer. E lá na frente, para ele ter uma consciência profissional crítica, enfim... Como é que ele vai enxergar os estagiários dele? Como ele se enxergava ou como ele acha que eles têm que agir? Para eu ser um editor, eu tive que ser um repórter, para poder dialogar com esse

repórter. Eu não sei se você não for um bom estagiário, se você vai lidar bem com os futuros estagiários que você vai ter que receber.

Géssica: Quais são as maiores falhas dos estágios em Jornalismo?

Aureo Moraes: Eu acho que a ausência de orientação regular. A confusão que existe entre o que é fazer um estágio e o que é uma atividade remunerada para me manter, são coisas diferentes. E a questão da visão da empresa, ela não pode entender o estágio como ‘oba ganhastes mais dois a puxarem a corda para subirem o sino’, não. ‘Terei mais duas pessoas aqui, que eu vou acompanhar, que a gente vai ensinar’, o estagiário tem que estar passeando no mundo, ele não tem que estar pilotando o trem. Tem que estar na janela abanando para as pessoas, vendo com é que ele se movimenta, qual a velocidade que o trem anda, estagiário está ali para isso. Hoje eles não estão ali para isso, hoje eles estão para... Sobretudo, os jovens que estão fazendo estágio, estão para isso... ‘Quero ganhar dinheiro’. Tem alguns que acumulam, fazem um estágio, uma bolsa disso, e no final das contas ganham mais que um jornalista no início de carreira.

Géssica: Vocês tem algum controle das atividades que os estagiários exercem?

Aureo Moraes: Hoje não, definitivamente não tem nenhum controle. O único controle é o controle do sistema. Se você me perguntar quantos estagiários estão cadastrados no sistema eu sei. Mas se você me perguntasse qual é o desempenho deles, subjetivamente eu não sei.

Géssica: E você sabe dizer se estão de acordo com o currículo do curso essas atividades?

Aureo Moraes: Não.

Géssica: Qual é sua interpretação do artigo 19 do Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor?

Aureo Moraes: Para mim, essa definição do artigo 19 paira sobre as relações que todos os cursos têm com seus estagiários e as empresas que os empregam. Mas eu não tenho nenhuma... Vamos dizer assim, nenhuma preocupação de que os nossos alunos, esses jovens que nós temos hoje, cadastrados e registrados sob a forma de estagio, bolsa, estivessem próximos disso aqui, que isso aqui é sério, é uma questão bastante séria e relevante. Mas eu não tenho muita preocupação de que nós estejamos, por exemplo, se quer próximos disso aqui. Então o controle que existe hoje, pelo menos ele diz pra mim, que em algum momento uma empresa está cadastrada na universidade, da oferta de algum estágio, que esse aluno

preencheu os requisitos, e que ele está recebendo a devida remuneração para desenvolver aquelas atividades. Pedagogicamente nós não temos acompanhamento do estágio, isso é verdade. Agora, legal, formalmente, que poderia implicar, por exemplo, em desrespeito a legislação trabalhista, isso eu não consigo ter controle hoje. A não ser que o aluno me procure e diga assim ‘professor eu preciso lhe dizer que estou fazendo estágio na empresa A, e que eles estão me exigindo trabalhar sábado, domingo seguido, todo final de semana’. Mas eu preciso ter essa motivação do aluno, eu não tenho como ir lá, porque não existe hoje uma relação formal com a empresa. Eu assino às vezes documentos de estágios que tem a figura do CIEE, ele é uma agência, e eu parto do princípio que essa agência de integração, pela vulnerabilidade que ela está... Quer dizer, ela é objeto da visibilidade da sociedade, ela cumpre um papel que responde isso aqui. E também as nossas ações quando existe essa situação tem sido a de dizer o seguinte... A gente cansa de receber gente que vem aqui com um *folderzinho*: ‘é que eu preciso de um estagiário’, ‘e o senhor precisa de um estagiário para que?’, ‘não, é que eu tenho um portal de notícias, assim e assim, e nós estamos precisando de um aluno, que a gente sabe que...’, ‘então faz o seguinte meu amigo, atravessa a rua e vai lá na reitoria, te cadastra junto a Pró-Reitoria de Graduação, Central de Carreiras, Departamento de Integração (DIP). E, uma vez cadastrado no sistema, ter assinado o termo de convênio com a universidade, os nossos alunos estarão aptos a se candidatar às suas bolsas’. O cara faz a volta e vai embora. Outro dia nós recebemos aqui uma mensagem eletrônica de um gestor de uma emissora de televisão, não vem ao caso dizer qual é, propondo uma parceria para cobertura das eleições. Em que doze dos nossos alunos estavam convidados, graciosamente, gratuitamente, a se engajarem na cobertura dos meios daquela empresa, televisão, TV a cabo, rádio, internet, como forma de ampliar o seu aprendizado. E nós dizemos um educado não, porque obviamente o que estava embutido ali era uma ideia de uma força de trabalho gratuita, ou com pagamento simbólico, ou sob o pretexto de estágio, e tal. Então nós não coadunamos com isso, só que a gente não tem o controle de tudo. Mas eu acho que isso aqui preserva, particularmente, em primeiro lugar a pessoa do estudante, em segundo lugar a instituição e em terceiro lugar a formação dele, porque ninguém quer ser explorado. Agora, se o aluno ignora que a empresa onde ele quer fazer estágio tenha que estar cadastrada, ele vai em qualquer empresa, se ele aceita qualquer condição de trabalho, se ele aceita qualquer pagamento, ele não pode exigir que eu vá lá, chame a atenção, que ele está fazendo tudo por sua conta e risco. Então a gente procura assumir umas posturas institucionais e dizer assim ‘empresa, se cadastra’, ‘aluno, faça dentro dos conformes’, e na medida do possível acompanhar esse estudante. Mas isso aqui diz mais respeito a esse tipo de situação fora do formal. Inclusive

que eu já falei a pouco, que o atual sistema de registro de estágio na universidade foi aprimorado por conta de uma ação do Ministério Público do Trabalho, que vinha recebendo denúncias de exercício ilegal de profissões, de exagero de parte das empresas e tal, e aí eles ajustaram de modo a atender também isso aqui.

Géssica: A coordenação do curso tem alguma ligação com os estagiários, ou é apenas a coordenação de estágio que é responsável pelos estágios?

Aureo Moraes: Na verdade, pedagogicamente, as atribuições na instituição relativas aos aspectos pedagógicos são do coordenador do curso. Mas o sistema de registro de estágio exige cadastro de um nome como coordenador de estágio. Então, o coordenador de estágio tem uma carga horária dedicada a isso. Ele é designado pelo departamento, não é pela coordenação do curso, mas ele se relaciona com o coordenador do curso porque o estágio, ainda que não seja obrigatório, ele tem esse caráter pedagógico. Tanto que o coordenador do curso tem acesso ao mesmo sistema que o coordenador de estágio, e na ausência deste, quem responde pela coordenação de estágio é o coordenador pedagógico, que é o coordenador do curso. Então eu sei disso, eu tenho acesso ao sistema, eu acompanho os alunos, eu só não sou o cara que assina como coordenador de estágio.

Géssica: Como a UFSC, em especial o curso de Jornalismo, pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios no Jornalismo?

Aureo Moraes: Eu acho que nós vamos ter que repensar a dedicação que nós deveremos ter como docentes, aos estagiários que passarão a ter o estágio como componente obrigatório. Porque hoje a gente, de fato, negligencia a orientação de estágio, porque nós não reconhecemos esse estágio como sendo um estágio pedagógico. Todo mundo, nós, os estudantes, enxergamos o estágio que eles estão fazendo hoje como uma forma de ganhar dinheiro. Pode ser uma concepção equivocada, que precisaria ser revista, pode ser. Mas talvez para resolver um pouco isso, o que nós pudéssemos propor era ambientes de prática profissional, laboratórios integrados, em que o aluno tivesse uma vivência que fosse bem próxima da vivência profissional. Mas isso resolveria uma parte, que é a parte de capacitá-lo para... A outra parte que é mantê-lo, não cabe ao curso de Jornalismo. Aí a universidade tem que repensar como é que ela vai dar conta de sustentar tanta gente, que vem para cá na expectativa de ser sustentado. Sobretudo os alunos que acabam ingressando pelas diferentes modalidades, de ações afirmativas, ou seja, cotas raciais, cotas de escola pública, para renda família inferior a um salário mínimo. Isso aí está se transformando num universo de pessoas

que vem para a universidade... Ou, veem na universidade, enxergam na universidade, primeiro, uma possibilidade de ascensão social, passaria a ter uma oportunidade de fazer um curso superior, 'que meu pai não fez, que meus irmãos não fizeram', e acham, ou consideram, que só o ingresso vai lhes garantir o acesso a isso. E aí quando eles veem que estar numa universidade pública, gratuita e de qualidade não é de graça, porque alguém paga essa conta, não existe almoço grátis, ele vem com a demanda para a universidade, fala: 'ó, vocês me deixaram entrar, agora não me deixa sair', e a universidade não está dando conta disso. Não sei como resolver, tem várias questões em jogo, mais recursos para isso, para aquilo, assistência estudantil, enfim. Então assim, nós vamos ter que acompanhar mais de perto nossos estagiários, vamos ter que criar uns mecanismos internos de gestão de estágio, pedagógica e administrativamente. A universidade vai ter que, cada vez mais, desenvolver programas de apoio à permanência e manutenção do aluno. E os alunos vão ter que pensar, isso eu acho que é importante que eles pensassem, que o estágio não é o que eles precisam para pagar as contas, o que eles precisam para pagar as contas é um trabalho. Então talvez, nós devêssemos, inclusive, pensar numa mudança de perfil de turno, priorizando algumas atividades no noturno para permitir que o nosso aluno trabalhasse. Porque hoje nós não deixamos ele trabalhar, aí ele vai para o estágio, que o estágio é meio período. E, se um aluno é gerente de uma loja, ele trabalha oito horas por dia, e aí ele não pode estudar na universidade federal. Então, talvez isso sirva para a gente pensar em algumas coisas que poderiam ser alteradas, não sei.

Entrevista em Profundidade com a ex-coordenadora de estágios do curso de Jornalismo da UFSC: Professora Daisi Vogel
--

Concedida dia 22/10/2014

Géssica: Você é a favor do estágio em Jornalismo? Por quê?

Daisi Vogel: Eu sou bem dividida em relação a isso. Eu acho que em termos da formação profissional de vocês, da parte da formação mais técnica, eu tenho um pouco de dúvida sobre se o estágio seria de fato fundamental. Como ele está sendo colocado agora que vai ser obrigatório, eu não estou convencida de que essa passagem por um lugar em que as pessoas estão trabalhando ela seja assim, até porque será por um período pequeno, será por 200 horas, eu não sei em que medida isso será determinante para complementar a formação de vocês enquanto profissionais de Jornalismo. Até porque eu não tenho certeza se as condições em que vocês, enquanto alunos, vão fazer estágio, se a gente tem como garantir que essas condições sejam ideais, até porque a gente nem sabe mais o que que seria o ideal no âmbito do Jornalismo. Está tão aberto, sempre foi aberto, continua aberto, uma coisa sempre tão multável, então como definir qual é o lugar. Enfim, não tenho certeza, sou dividida sobre essa ideia da obrigatoriedade, embora ela agora seja definida por lei, mas não tenho certeza se isso teria uma influência radical na formação de vocês, porque a gente não sabe direito ao que que temos de formar. É uma profissão que, como todas elas, está passando por uma mudança muito grande, a condições de trabalho estão se alterando drasticamente e já nem sei se a gente teria um grande ganho em colocar os alunos dentro de ambientes profissionais que estão mudando e que de fato já não atendem exatamente a uma coisa que a gente preconcebe como sendo Jornalismo. Por outro lado eu preferiria que as pessoas pudessem se dedicar integralmente à formação acadêmica no período da formação acadêmica. Mas esse é um desejo quase idealizado, que vocês não precisassem complementar a renda. Eu vejo cada vez mais e tive isso muito nítido no período em que eu fiquei como coordenadora de estágios e agora que a gente está produzindo a regulamentação para o estágio, de que a cada ano aumenta a necessidade que os nossos alunos têm de complementar a renda, então nesse aspecto eu acho que o estágio não obrigatório, que é necessariamente remunerado, a legislação exige que o estágio não obrigatório seja remunerado... O obrigatório pode não ser... Então eu estou cada vez mais acreditando que haver a disponibilidade de estágio não obrigatório, que sejam momentos para vocês conseguirem ganhar dinheiro. Ainda mais que, o modelo de ingresso tem sido um modelo que, nessa ótica das políticas afirmativas é um ingresso cada vez maior de pessoas que não tem como fazer a faculdade sem trabalhar e aí,

nesse aspecto, eu acho que as vagas do não obrigatório ela são positivas, embora elas obviamente interfiram na qualidade da vida acadêmica. Então assim, tentando sintetizar, é claro que eu preferiria que os estudantes pudessem dedicar-se integralmente à sua formação acadêmica no período da sua formação acadêmica universitária, mas acho que a gente não tem como, no momento, exigir isso de ninguém. As pessoas não tem o dinheiro para fazer isso, as pessoas precisam dessa complementação de renda para poder ficar em Florianópolis, poderem se sustentarem aqui. Então, mais do que uma coisa de preparar para o mercado de trabalho, que eu não vejo como tal, eu acho que de fato já é um mecanismo paliativo de garantir que essas pessoas consigam terminar a sua formação universitária. É claro que será uma formação que perde muito pela falta de tempo que os meninos têm, por exemplo, de ler. As pessoas não têm tempo fora do período de aula efetivamente a continuar estudando, a permanecer no ambiente universitário enquanto estudantes. Ele sai da aula e vai ser o trabalhador, mas essa é a condição social que nós temos.

Géssica: Mas a professora percebe mudanças significativas no desenvolvimento dos alunos que realizam estágio em relação àqueles que não realizam?

Daisi Vogel: É difícil fazer isso assim, é difícil porque acho que a gente acaba influenciado na hora de tentar fazer essa avaliação pelas qualidades individuais de determinados alunos. Muitas vezes alunos que são provenientes de escolas de grande qualidade, obviamente têm um desempenho superior à média, porque a pessoa já tem uma formação acumulada superior. Esse menino, essa menina, que vêm de uma escola privilegiada, também vem de uma situação social privilegiada. Então a possibilidade que ela tem aqui de demonstrar que um desempenho mais qualificado é resultante de uma circunstância social também, então é difícil fazer essa comparação. É claro que, por exemplo, um estudante que tem uma jornada no estágio intensa, chegará um pouco mais cansado do que um aluno que não precisou ir para o estágio e que podia passar o resto de seu tempo lendo, vendo filmes.

Géssica: Então que características deve conter um estágio em Jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Daisi Vogel: Eu acho que a gente tenta imaginar uma situação em que o estudante, já mais ao final da sua trajetória acadêmica, conseguisse vislumbrar que tipo de atividade profissional seria aquela com a qual ele tem mais satisfação, identidade. E que ele pudesse encontrar vagas de estágio obrigatório em locais que se assemelham, se aproximam daquilo que é o desejo da continuidade de atuação daquele estudante, então isso seria o ideal. Que nós tivéssemos um

conjunto de empresas, de lugares, de instituições e organizações com oferta de estágio em que o estudante pudesse eleger, desse conjunto de empresas e instituições e organizações aquelas em que se desenvolve um trabalho ligado à área de comunicação, de Jornalismo próximo àquilo que o estudante considera como a que ele tem mais identidade profissional. Isso seria muito ideal, mas a gente acaba restrito ao conjunto de empresas, instituições e organizações que existem ao nosso redor que a maioria delas não atua exatamente com o Jornalismo tal qual a gente idealiza. E além do mais, seria de se esperar que nesses locais, houvesse também profissionais, que são os supervisores no local de estágio, que tivessem algum tipo de inclinação à contribuir para a formação, o que não é necessariamente o que a gente pode esperar que as pessoas que estão trabalhando vão entender. Então é difícil imaginar que a gente consiga aproximar o ideal do local, com as pessoas que lá atuam e as necessidades que esses lugares têm. Então, por exemplo, eu fico imaginando se você tem a sorte de ir fazer um estágio digamos, no Ministério Público, no setor de comunicação do Ministério Público. Ali você vai ter um contato, provavelmente, espera-se, com o procedimento no tratamento da informação que seja ético, que seja especialmente cuidadoso nesse aspecto da ética da informação que é tratada como ela é tratada. Isso seria super proveitoso. E se nós também tivéssemos possibilidade de que as pessoas fizessem esse estágio em empresas de Jornalismo mesmo, que não precisassem desse estagiário como reforço de mão de obra barata. Porque é o que infelizmente tende a acontecer. O estagiário chega no local e tem de fazer tudo aquilo que o pequeno corpo de profissionais não consegue dar conta. E não é nem por maldade, por exploração, não é nem esse o desejo de quem está no local. É porque realmente as condições de trabalho estão muito desgastadas. Então você chega em uma redação em que pouquíssimas pessoas tem que fazer o trabalho de muita gente. Acaba realmente sobrando uma carga de trabalho para o estudante que está ali e também não quer ficar ali ocupando lugar. Por outro lado, como eu já tive estagiário na época em que eu era jornalista e tinham estagiários na redação que atuavam comigo, eu notava que os estudantes já de fases avançadas que vinham fazer estágio com a gente tinham imenso desejo de fazer tudo o que pudessem fazer. Então é claro que eles não faziam tarefas que não fossem tarefas de jornalista. Mas de fato tudo o que fosse tarefa de jornalista, e que pela legislação eles não poderiam fazer, era o que eles mais desejavam fazer. E eu acho que nesse aspecto, até pelo retorno que eu tive dessas pessoas depois, a memória boa que eles têm do estágio foi daqueles momentos em que eles tiveram que suprir o papel dos profissionais de Jornalismo, porque houve carência, houve falta. E eles foram chamados para cumprir tarefas do cotidiano do Jornalismo. E essa memória boa que

eles têm de quando foram chamados e tiveram que fazer coisas. Exatamente ao contrário do que a legislação manda. Então eu sou bem dividida na interpretação disso.

Géssica: Mas quais são as atividades que não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de Jornalismo?

Daisi Vogel: Pela legislação ele não pode fazer matéria, reportagem, não pode assinar um texto a não ser que isso seja coassinado por algum profissional que trabalha no local. De fato, ele tem de ficar ali mais como observador participante. Isso é mais para a proteção do emprego formal, do que para a proteção do aluno. Eu tenho a impressão de que a legislação mais protege o emprego formal do que protege o aluno. Porque o aluno, em geral, ele está bem interessado em fazer tudo. Para ele aquele é um momento de grande aprendizagem quando ele começa atuar de igual para igual na redação, e percebe o ritmo e a dificuldade do processo de produção. Mas pela legislação ele não poderia fazer nenhuma dessas coisas, ele poderia apenas acompanhar.

Géssica: A professora fala dessa legislação de 1979? O Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor? Qual é sua interpretação do artigo 19?

Daisi Vogel: É exatamente em relação a ele que a gente vai escrever a regulamentação. Isso exige de nós que estamos aqui, um trabalho de acompanhamento e até de fiscalização, que é quase impossível de ser realizado. Nós não temos e nunca teremos, mas a princípio seria possível que nós tivéssemos 30 alunos fazendo estágio concomitantemente. Digamos que em trinta locais, é claro que esses locais terão que ser precisamente avaliados e autorizado por nós para serem concedentes de estágio obrigatório, porém nós também teríamos que fazer esse acompanhamento no local e ver que tipo de atividade o estagiário está sendo levado à fazer nesses locais. E ao mesmo tempo acho que, no mais das vezes, esse estagiário, se ele está em uma empresa, em um local em que o que se faz lá é o que ele deseja fazer enquanto profissional futuro que ele vai ser, ele tem esse desejo de já ser integrado à equipe. Porque é nesse convívio com a equipe de profissionais que ele sente essa impressão de que começa a ter um tipo de experiência que é a experiência que ele de fato quer ter ao longo da vida. Mas de fato pela lei ele não pode. Acho que não tem como descumprir a lei, a lei tem que ser cumprida, mas é difícil de cumpri-la. Uma boa parte dessa tarefa de verificação acaba sendo feita pelos sindicatos, que têm esse zelo pela proteção do emprego. E isso inclusive está previsto na legislação, que os sindicatos ajudem a fazer esse controle das atividades dos

estagiários nos locais. Porque a gente não teria realmente como ter uma pessoa sempre controlando todo mundo, em todos os locais, não temos estrutura, não temos condição.

Géssica: Mas a professora, enquanto era coordenadora, sabia as atividades que os estagiários faziam?

Daisi Vogel: Não, porque são muitos. São sempre mais de 90 pessoas e com uma rotatividade gigantesca. Alguns permanecem o contrato de um ano, porém a maioria tem contratos que são interrompidos ao segundo, terceiro, quarto mês, porque o estudante acaba encontrando outra possibilidade de estágio e já está cansado daquele lugar, acha que já aprendeu o que ele pode aprender ali ou aquilo não é legal, não é divertido, não interessa, é um trabalho mais de estafeta. E aí ele acaba tendo uma alternativa e ele vai para o outro. Então a rotatividade nas vagas é muito grande nesse período de estágio não obrigatório e isso vai mudar com o obrigatório. Porque no obrigatório você jamais terá mais de 90 pessoas. O que vai rolar é que você vai ter as 90 e mais as 30. E nós teremos que ser rigorosos com os 30. O coordenador de estágios hoje não tem condições de acompanhar os 90 e tantos contratos que estão sempre rolando concomitantemente e existe sempre a figura do orientador de estágio que é sempre um de nós, mas esse tem operado de maneira bem proforma. Raramente um professor orientador de estágio de fato tem resposta, acompanhamento da atividade que o estagiário desenvolve de fato. É uma coisa que tem agora sido bastante feita apenas para cumprir as exigências legais dos contratos. E os contratos são importantes porque eles protegem o aluno, principalmente no que diz respeito a seguro. Qualquer estágio tem que ser formalizado pelo SIARE porque, nesse momento em que se assina, o aluno tem o direito ao seguro que a universidade paga para ele. Se acontecer qualquer coisa para esse aluno durante a sua jornada de estágio e ele não estiver protegido pelo seguro é complicado para a universidade, nós somos responsáveis por isso. Então eu acho fundamental que o registro seja feito, que seja formalizado. Não recomendo nunca e de fato sempre reprimo que a pessoa faça estágio que não seja formal, que não passe pelo registro no SIARE, por conta dessa questão da proteção ao estudante. Se ocorre algo a ele, ele está protegido.

Géssica: Como atua o coordenador de estágios?

Daisi Vogel: O coordenador é superdemandado. Ele tem uma exigência de atuação absolutamente insana. Porque ele é o cara que tem acesso ao sistema eletrônico de formalização dos estágios da UFSC, que é o SIARE. No momento em que você recebe a portaria de que você foi designado, você é designado para isso. Claro que te perguntam, mas é

uma pergunta muito... Você é designado por portaria do chefe de centro. E quando você recebe essa portaria que você é designado, você precisa ir ao SIARE e você recebe uma senha de acesso ao sistema eletrônico. A partir desse momento, só você do curso tem acesso ao SIARE, ninguém mais tem. Então todos os contratos que precisam ser autorizados, tanto para registro, quanto para finalização, precisam passar por esse coordenador de estágio. Como os alunos do não obrigatório têm um ritmo de ingresso e saída dos estágios muito alto por conta da rotatividade, às vezes, o coordenador precisa, em um único dia, aceitar um RAENO, autorizá-lo, receber esse RAENO, registrar no SIARE que recebeu esse RAENO, então ele entra no SIARE para autorizar o relatório final, depois ele precisa receber assinado, daí ele precisa entrar de novo no sistema para dizer que recebeu o relatório final, aí o aluno preenche um novo contrato, que o coordenador precisa autorizar esse contrato, e aí o aluno traz o contrato para assinar e o coordenador tem que dizer que recebeu o contrato assinado por todos. Ou seja, às vezes em um dia o coordenador precisa entrar quatro vezes no sistema por causa de um aluno. E multiplica isso por noventa. E os alunos parecem que não se dão conta de que o ritmo de vida deles não pode invadir o ritmo de trabalho do docente que, além das cinco horas semanais que ele tem para fazer tudo isso, ele tem um conjunto de outras atividades que ele precisa dar conta também. Então nesse momento é uma tarefa árdua, exigente, cansativa e fundamentalmente burocrática, porque esse coordenador de estágios realmente não tem condições de verificar em que medida que esses contratos estão sendo cumpridos, como são as condições de trabalho. Então é uma atividade muito complicada hoje, porque a demanda é muito grande. O que vai rolar com o estágio obrigatório, que se torna legal a partir do ano que vem, mas que vai levar ainda três anos a partir daí, acho que antes de 2017 nós não vamos ter alunos que vão fazer estágio obrigatório, porque isso é válido para o novo currículo. Então ele começa a vigorar meados do ano que vem, mas serão ou terão que fazer estágio obrigatório só os alunos do novo currículo. Ou seja, quando esses meninos chegarem na quinta ou sexta fase, porque será relacionado com disciplinas obrigatórias que precisarão ser cumpridas para que você consiga se matricular em Estágio Obrigatório, que será um disciplina, ainda tem uma fase até chegarmos lá e, nesse momento, eu acho que o coordenador de estágios precisará realmente trabalhar em parceria com o professor da disciplina estágios ou com os orientadores. A princípio talvez o próprio professor da disciplina estágio se torne o orientador dos estágios obrigatórios. E ele vai ter uma carga horária para ficar cuidando dessa turma que estará fazendo o obrigatório. Então terá que haver um entendimento mais próximo entre o coordenador de estágio, porque ele vai ser ainda mais demandado, ele vai ter que cuidar desses outros registros.

Géssica: Que peso tem o estágio na formação dos alunos de Jornalismo da UFSC?

Daisi Vogel: De certa maneira eu acho que já falei isso lá na frente, em outro momento. Hoje, eu acho que é um peso em grande parte negativo pelo tempo que o estágio tira de vocês, ele rouba muito do tempo de estudo de vocês. Então não tem como não ter esse vislumbre de uma certa negatividade, nessa perda do tempo dedicado à formação de um universitário. O problema é que hoje a gente já não sabe o que é uma universidade tampouco. E os cursos cada vez mais tendem a ser cursos de formação técnica profissional, então parece que se faz um curso que é profissionalizante e isso está sendo instituído. Já não é mais uma ideia de uma universidade assim como classicamente a gente concebia, em que você aqui teria uma formação mais integral, intelectual e independente da profissão que você siga. Então, se você olhar em uma abordagem da universidade no seu sentido mais clássico, o prejuízo é gigantesco, porque não há estímulo nesses locais de estágio para a formação humana e intelectual desses jovens. Por outro lado, eu acho que qualquer tipo de relação de trabalho que você exerça, seja qual for a condição, ela te ensina alguma coisa. Não acredito que uma pessoa possa passar por uma experiência de estágio, seja onde for, sem aprender ali coisas que digam respeito a relacionamento humano, dificuldades nas questões da hierarquia, responsabilidades, obrigações. Então eu acho que sempre se aprende. São condições de aprendizagem que não são exatamente as condições de aprendizagem que você imaginaria dentro de uma universidade no conceito clássico. Agora em um conceito de uma universidade que já está partindo para uma formação que é muito mais profissional e técnica eu acho que essas relações que você tem com as pessoas em lugares de trabalho, elas te ensinam muito sobre dignidade, autoestima, sobre até onde, até quando e até que ponto você deve ceder ou se afirmar, você deve continuar ou interromper eu acho que tem uma aprendizagem aí da ordem mesmo do ser humano, que toda relação que obedece a regras formais, ela te traz. Não é uma relação que você teria com a sua família, com os seus pais, em que você, embora tenha a hierarquia, e certa divisão de responsabilidades e valores, no local do estágio existe essa impessoalidade e o regime de organização das tarefas e das hierarquias que fogem desse afeto que você tem na família. Então acho que, de um jeito ou de outro, nós tivemos essa discussão aqui de que muitas vezes o menino ou menina vai fazer estágio e faz coisas que não seriam de jornalista. Eu acho que, enquanto aprendizagem de vida, é válido de qualquer forma. Não importa o que você venha a fazer, o fato de que você faça aquilo, e que você tenha que lidar com a situação de que você talvez esteja fazendo algo com o qual você não se sente à vontade, ou se sente desprestigiado, o que parece que é uma coisa que ofende e magoa aquilo que você gostaria, desejaria ou que seria digno para você, tudo isso envolve uma aprendizagem que, na

fase de amadurecimento em que vocês estão, eu acho que ela é positiva. Nesse aspecto eu acho que é sempre positivo. Há sempre uma necessidade de tomada de posição, de tomada de consciência em relação ao mundo e a uma realidade que nos é exterior, e não obedece ao nosso desejo. Dentro da família você está sempre operando muito nessa área de como o desejo do filho é determinante sobre as decisões e as exigências da correspondente responsabilidade. Eu acho que no lugar desse estágio você é obrigado a ser responsável e aprender a preservar a sua autoestima à revelia das coisas que te são exigidas. Então eu acho que todo mundo aprende fazendo coisas, mesmo que não sejam coisas que um jornalista faz. Então se você eventualmente tiver que varrer a sala, eu acho que você aprende com isso. Não que você aprenda a varrer, mas você aprende sobre relações de poder, sobre questões de submissão e de valorização do trabalho. Porque se você algum momento varreu a sala você vai dar um outro valor para quem varre a sala, e você não se sente inferior ou superior às pessoas que trabalham com você pelo tipo da tarefa que você realiza. Então eu acho que nesse aspecto mais humano, eu acho que toda relação de trabalho, seja ela da ordem que for, ela te traz algum tipo de saber, não de conhecimento, necessariamente. Ela te dá uma sabedoria. Ela pode não te dar conhecimento. A gente espera que o estágio obrigatório te traga conhecimento no âmbito profissional, eu acredito que isso é ideal e não sei se a gente conseguirá. Mas o estágio não obrigatório, assim como toda relação de trabalho em qualquer circunstância, ela te traz esse aporte de sabedoria de vida.

Géssica: E como o estágio pode contribuir à elaboração de uma consciência profissional?

Daisi Vogel: A questão do conhecimento jornalístico exige que a pessoa esteja de fato em lugares que obedeçam a critérios. Por isso que nem todo concedente de estágio hoje registrado na UFSC será provavelmente autorizado pelo colegiado do curso a ser uma concedente de estágio obrigatório. Porque, de fato no estágio obrigatório, e isso está definido nas Diretrizes Curriculares, ele tem que ser um lugar que propicie essa tomada dessa crítica profissional, da consciência da crítica da profissão, e obviamente nem todos lugares permitem que isso se desenvolva. E isso exige também um acompanhamento sistemático aqui dos professores do curso. Por isso que é tão importante que, além do coordenador, que é um cara que tem toda uma demanda burocrática para cumprir, que se tenha efetivamente a partir de agora, a partir do estágio obrigatório, a atuação do professor orientador de estágio. Porque é ele que pode partilhar com o aluno as condições de experiência que ele tem e, a partir daí, trabalhar e elaborar essa conscientização em relação à profissão. Isso é uma coisa que o aluno sozinho não tem a obrigação de fazer. Eu acho que essa interlocução e a troca de experiências com os

colegas, que é uma coisa que a gente pretende fazer, que a aula de estágio obrigatório seja um momento de troca de experiência, que os alunos entre si consigam trocar as suas experiências com a intervenção do professor orientador e tendo em vista a legislação, que a legislação será discutida nessas aulas, para que o aluno tenha as ferramentas para fazer a avaliação do que ele está fazendo, e que tenha esse diálogo, essa troca das experiências para ver em que medida aquilo que ele está vivendo no estágio permite que ele consiga ter um relacionamento ainda distante, porém essa visão crítica sobre o que é o fazer profissional. Então acho que se você tem essa opção da orientação próxima e da troca organizada da experiência, acho que ela funciona.

Géssica: E enquanto a professora ainda era coordenadora, os estagiários chegaram a fazer observações sobre o estágio realizado por eles?

Daisi Vogel: Em geral esse tipo de conversa é aquela que você leva com o orientador e não com o coordenador. Eu fui coordenadora de estágio por quase três anos, foi uma loucura, porque todo tempo você tem que ficar entrando no SIARE, e é muito chato porque os alunos acham que você está sempre online e eu não sou uma pessoa online, não é o meu perfil. Então eu tinha que ficar indo lá a toda hora, meio como refém do SIARE, até porque ninguém mais entra, mesmo que alguém assine por mim, mas é eu que tenho de entrar lá e fazer o registro. Eu acho que de problemas de relacionamento, de o aluno ter uma sensibilidade de estar fazendo uma coisa que não é própria, acho que eram apenas um ou dois casos de pessoas que vieram me procurar com problemas no local do estágio, querendo saber como proceder em questões bem específicas. E havia ainda o hábito de que os alunos já mais experientes, como quando eles estão na quarta fase eles já estão no sexto estágio, eles já estão muito escolados na burocracia do SIARE e daí eles já perceberam que é mais fácil colocar como orientador de estágio o próprio coordenador de estágio, porque é a mesma pessoa que assina, se não são duas assinaturas toda vez. Então houve um momento em que, além de eu ser coordenadora, eu tinha um conjunto grande de orientandos. Mesmo entre esses orientandos de estágio, a necessidade que os alunos apresentam de ter essa interlocução é muito pequena. Eu acho que é porque os estágios para eles são lugares de trabalho, não são lugares de estágio. Eles realizam tarefas, são responsabilizados por elas e, nesse aspecto, é legal, eu não acho ruim. E acho que, em geral, vocês desempenham bem as tarefas. Todos os estagiários que eu tive enquanto eu trabalhava na iniciativa privada eram excelentes parceiros, com uma disposição fantástica. Com tesão mesmo para fazer as coisas e quanto maior a exigência, parece que maior era o desejo. Então sempre que eu tive essa oportunidade de conviver com alunos de

Jornalismo que participavam de equipes de profissionais, sempre era muito legal. Meninos e meninas muito interessados, pontualíssimos, não faltavam. Então eu acho que em qualquer lugar onde vocês atuem são presenças, deve haver exceções, aluno que é problema aqui seguramente é problema no local de estágio. É provável. E isso mais nos dá para aferir porque realmente são pessoas que não permanecem na mesma vaga de estágio por muito tempo. O aluno que é problemático aqui na aula, ele acaba também pulando de um estágio para outro com muita velocidade. Então você percebe que ele tem dificuldade de adequação, de participação, não só aqui, mas também em outros lugares. É uma coisa da pessoa. Uma pessoa que não tem mecanismo de adaptação, de ajuste muito desenvolvido. Ela é desajustada. E isso você consegue mais ou menos localizar na hora em que você é coordenador de estágios: 'Essa pessoa está de novo em um estágio novo', e daí você conhece ele como aluno, e sabe que ele como aluno também é ausente, também não realiza as tarefas que lhe cabem enquanto aluno, então você percebe que é uma coisa que é maior que compõe aquela pessoa.

Géssica: Se a professora pudesse elencar as maiores falhas dos estágios em jornalismo, quais seriam?

Daisi Vogel: Falhas... Do estágio que está rolando agora, não obrigatório?

Géssica: Isso.

Daisi Vogel: Acho que depende da perspectiva de como você olha.

Géssica: Ou méritos também...

Daisi Vogel: Pois é. Eu acho que o grande mérito é possibilitar que as pessoas realmente ganhem autonomia financeira desde cedo. Pois há uma tendência geral de que os jovens que têm condições permanecem nas casas dos pais, vivendo às custas dos pais até muito tarde. Esse aspecto eu acho que é muito favorável, que desde jovem, desde cedo, a pessoa encontre as condições para autogerir a sua economia e alcance essa independência que eu acho que é uma coisa de ganho quanto à responsabilidade, maturidade, formidável. Não só gerir a sua vida no sentido do desejo, das vocações, mas também percebendo o custo que isso tudo tem.

Géssica: Até porque o pessoal chega aqui bem cedo.

Daisi Vogel: Chega cedo, e alguns que têm condições familiares mais estáveis, mais resolvidas, podem sair daqui mimados. Porque o *paitrocínio* favorece isso. A permanência de não ter essa sacada de que as coisas não são fáceis e tudo tem um preço caro, enfim, eu acho

que dá um reajuste de valores para as coisas. Eu acho isso bom. Os meus colegas não concordam comigo, mas eu acho que você ter possibilidade de perceber que você é dono do seu nariz, mas você paga por ele, tem um ganho de responsabilidade e maturidade que acho que o estágio não obrigatório tem isso. Ele propicia que um jovem tenha um ganho de responsabilidade e maturidade que, fora dessa experiência, eu acho que ela está bastante postergada no âmbito das famílias.

Géssica: Mas então essa perspectiva pode mudar com o estágio obrigatório, se ele for não remunerado?

Daisi Vogel: Ele é facultativo pela legislação e como eu estou ajudando a redigir eu vou insistir para que continue. Pela legislação federal e da UFSC é facultativo, pode ser remunerado ou não. O que rola é que talvez você tenha dificuldades de encontrar vagas de estágio obrigatório remunerado. Porque talvez os locais, os concedentes, não tenham interesse em um aluno que vai ficar dois meses. Então nessa condição talvez você tenha que fazer esse dois meses sem ser remunerado, porque não tem ninguém interessado a te pagar por dois meses. Mas o não obrigatório continuará existindo, ele não será extinto. E é possível você, por exemplo, iniciar o estágio em um local que atenda as condições estabelecidas pelo colegiado do curso como concedente de estágio obrigatório, que você inicie estágio lá antes já, e que você apenas regularize os dois meses aqueles, como obrigatório. Aí você continuará sendo remunerado, não há impedimento quanto a isso. Então de fato os alunos terão que organizar suas vidas, para quando chegar o momento de fazer o obrigatório, primeiro, não tenham queimado já o seu filme porque você não pode ficar mais de dois anos no mesmo local. Então o aluno vai ter que entender isso, que ele precisa organizar um pouco a operação do estágio ao longo da sua trajetória acadêmica para aquele momento em que ele tiver que fazer o obrigatório, caso ele queira ser remunerado. Ele pode também acumular duas, não é proibido.

Géssica: A professora está participando do Núcleo Docente Estruturante. Vocês já estão pensando, por exemplo, em como vai ser a relação da universidade com a unidade concedente, se o contrato será fechado aqui mesmo no curso de Jornalismo?

Daisi Vogel: Continuará tudo sendo gerido pelo SIARE. Nada pode ser feito sem o SIARE, isso é lei universitária. Todos os contratos serão realizados no SIARE. Já hoje você vai registrar o seu estágio e tem lá a opção obrigatório e não obrigatório, é ali que vai rolar. Se for obrigatório, os pré-requisitos são outros, mas são pré-requisitos que serão verificados pelo CAGR, porque você também vai ter que fazer matrícula naquele semestre. De fato, não vai

alterar muito a lógica operacional de hoje, ela vai continuar sendo a mesma estrutura que já existe porque tem muitos cursos que têm estágio obrigatório e esse sistema já funciona dessa maneira. O que vai rolar é que, do conjunto de concedentes que fazem o convênio com a UFSC, cada proposta dessa terá que ser avaliada pelo colegiado do curso para ver quais dessas concedentes atendem os requisitos para ser concedentes de estágio obrigatório. Esse é o grupo que tem a responsabilidade de decidir quais são as concedentes habilitadas a serem concedentes de estágio obrigatório. Isso será feito a partir dos convênios já existentes, que terão de ser analisados, mas muito a partir da demanda dos alunos. Talvez a gente faça inicialmente, pelo menos enquanto isso não fique bem experimentado. Porque com o tempo você também vai definindo, vão se esclarecendo coisas que já foram decididas. Você terá uma primeira lista de concedentes e ela já existe, a medida que você vai incorporando concedentes. A não ser que haja algum problema específico com aquela empresa ou com aquela organização, você já tem algumas decisões que vão se acumulando. No início teremos que fazer uma garimpagem em quais as concedentes seriam aptas, que seriam lugares legítimos para isso enquanto complementação da aprendizagem profissional. E talvez tenha que se fazer também uma certa ação política para chamar concedentes para esse estágio. Talvez a gente tenha que fazer essa operação de convencimento. De fazer alguns lugares que hoje não oferecem estágio, porque não têm interesse no estagiário remunerado, abrirem vagas não remuneradas para o estágio obrigatório. Que é também uma coisa que eu acho que vai começar já a se tornar mais, na medida em que o estágio obrigatório ganha visibilidade, porque também as concedentes também não estão sabendo como é, e como funciona. Na hora que isso se tornar visível, de que agora existe estágio obrigatório no Jornalismo, eu acho que haverá novas concedentes, dentro dessas novas condições, e que também o local da concedente é também passível dessa visita, dessa fiscalização por nossa parte, então são novas condições de relacionamento.

Géssica: E como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Daisi Vogel: De fato, nós que teremos que fazer isso. É o curso. E a instância deliberativa para isso é o colegiado do curso.

Géssica: Então todo o controle para melhorar os estágios, a forma de fiscalização, vai partir tudo do curso de Jornalismo?

Daisi Vogel: Será tudo feito no âmbito da coordenação do curso e do colegiado do curso. São eles que precisam dar conta disso.

Géssica: Eles são responsáveis pela fiscalização também ou só orientação?

Daisi Vogel: Não, somos responsáveis. Claro, o Ministério Público fiscaliza, o sindicato fiscaliza, a Fenaj fiscaliza. Mas a nossa contrapartida também existe. Nós somos responsáveis por isso também. Nós temos que acompanhar. Então será uma tarefa fundamentalmente dos orientadores de estágio obrigatório, que têm direito a uma hora por semana no seu plano de atividades. Assim como a gente tem hoje uma hora para o orientando de TCC, o orientador de estágio terá uma hora para orientar o seu aluno estagiário.

Géssica: Uma hora por estagiário?

Daisi Vogel: Uma hora por estagiário. Então é ali que vai acontecer isso.

Géssica: E será que melhora a forma de realização de nossos estágios com o estágio obrigatório?

Daisi Vogel: Eu acho que é uma nova condição, uma nova situação. Melhora algumas coisas, melhora uma certa coisa ideal que é a da relação da aprendizagem profissional. No aspecto esse que a gente falava de emancipação, não. Para os alunos que são atilados, será ótimo. Porque esse aluno já vai organizar o seu trajeto, a sua atuação, de acordo com a sua necessidade e não terá problemas. Na hora que ele for fazer o seu estágio obrigatório, ele já vai estar com o local selecionado, ele já será estagiário desse local. Ele só vai mudar o teor do contrato. Ele vai finalizar o contrato não obrigatório no SIARE. O coordenador de estágio vai assinar, vai fazer toda a papelada. E aí o aluno registra um novo como obrigatório, no qual ele permanecerá por dois meses.

Géssica: Mas ele ainda assim pode fazer dois estágios ao mesmo tempo?

Daisi Vogel: Ele pode desde que não exceda 30 horas semanais. Se você fizer um contrato de 20 mais um de 10 é autorizado. Isso vai continuar valendo e a gente não precisa cuidar porque o SIARE cuida disso. O controle do exercício dos estágios os sistemas eletrônicos fazem para a gente. O SIARE faz todo o controle sobre horas, tempo de contrato – se a pessoa já cumpriu dois anos, o SIARE interromperá o contrato. Então esse tipo de controle, que para nós seria

muito difícil de fazer, esse o sistema eletrônico felizmente já existe e já faz isso. Então o sistema eletrônico do SIARE consegue controlar a grande gestão dos contratos e o outro controle sobre se você está ou não habilitado a fazer o estágio obrigatório o CAGR fará. Porque ele não permitirá que você se matricule se você não tiver os pré-requisitos. Então essa parte desses controles numéricos os sistemas eletrônicos dão conta já. Eles já existem, eles não terão que ser mudados e a universidade está preparada para isso, porque ela já tem esses estágios em outros cursos. Então a estrutura universitária existe para isso. Muda para nós, que não estamos acostumados a fazer orientação de estágio. Eu acho que a grande mudança está aí. Nós não temos ainda o hábito, o espaço e o tempo de fato para sermos orientadores de estágio. Porque hoje a gente assina, mas a gente não tem o tempo para isso. Então isso vai mudar. Nós nos tornamos realmente responsáveis pela avaliação desse estágio. O que nós não definimos ainda, mas vai estar na regulamentação de estágio, é a possibilidade de realmente atribuir ao professor da disciplina estágios essa tarefa de ser orientador de todos. Porque aí, em vez de você, talvez com algumas exceções, mas talvez seja uma maneira de deixar isso mais organizado, de uma pessoa que realmente está trabalhando com isso, e que está informada e que tem horas para isso, ela terá um encontro semanal com a turma, para poder fazer isso sistematicamente todas as semanas. O que facilita a coisa dos encontros e a avaliação, porque o aluno recebe um conceito pelo estágio. Ele vai ter uma nota no histórico, porque é uma disciplina. Esses mecanismos que outros cursos já utilizam facilitam um pouco esse trabalho de acompanhamento. A fiscalização em loco é mais complicada, porque nada impede que o aluno encontre uma vaga de estágio obrigatório em algum veículo de comunicação em São Paulo ou no Rio. Houve já pessoas aqui que fizeram estágio na Globo. Isso pode acontecer, se o aluno localiza um local, negocia essa relação e traz. O colegiado apreciará se aquela empresa ou se aquela entidade estará apta ou não a ser concedente. E a entidade ou empresa terá que fazer o convênio com a UFSC e com o DIP. Isso tudo não tem como alterar.

Entrevista em Profundidade com o integrante da comissão que formulou as novas Diretrizes Curriculares à graduação em Jornalismo: Professor Eduardo Meditsch
--

Concedida dia 30/10/2014

Géssica: Qual sua posição sobre o estágio? Você é a favor? Contra? Por quê?

Eduardo Meditsch: Na Comissão das Diretrizes que eu participei, eu levei uma posição de que ele não fosse obrigatório. Isso em partes, porque eu estava nas Diretrizes como indicado pela Fenaj, e essa era a posição da Fenaj. E em parte porque, pessoalmente, eu considero que essa questão de estágio obrigatório é muito difícil de administrar para que ele funcione como as Diretrizes propõem. Quer dizer, uma coisa é a gente prever, e a gente teve o cuidado de, na Comissão, de estabelecer várias regras para que não se torne uma coisa destorcida. Mas a fiscalização do cumprimento dessas regras é uma coisa muito complexa, e não está claro quem vai poder fazer isso, nem o MEC vai fazer, nem os sindicatos vão fazer, então é possível que ocorra muita distorção. Então por isso eu fui contra, mas foi voto vencido na Comissão, que é o que prevaleceu.

Géssica: Dentro da Comissão...

Eduardo Meditsch: Aham. O professor Marques de Melo, que foi o maior defensor disso, ele argumentava que essa era uma reivindicação dos alunos. E por isso ele defendeu muito veementemente, e acabou ganhando a votação.

Géssica: E essa foi a justificativa da Comissão para incluir o estágio obrigatório?

Eduardo Meditsch: Sim. Além das razões, digamos... Que são as razões que fazem com que exista estágio obrigatório em vários outros cursos. Que os alunos tenham garantido na sua formação um contato com a vida real, da profissão, esse é o sentido do estágio.

Géssica: Que características devem conter um estágio em jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Eduardo Meditsch: Primeiro, que seja um estágio realizado dentro de uma organização que tenha realmente uma atividade jornalística, caracterizadamente jornalística. E a supervisão de um profissional, que seja um profissional formado em Jornalismo. Porque muitas vezes... Eu mesmo passei uns meses aqui depois que faleceu o professor Sérgio Mattos, que era o Coordenador de Estágio, eu substituí ele por alguns meses, e a gente vê que na situação atual existem pedidos de estágio de qualquer organização. Então às vezes um restaurante quer um

assessor de imprensa, e pede um estagiário de Jornalismo, só que ele não tem uma atividade jornalística típica, e não tem um jornalista lá para orientar o estagiário. Então, nesse sentido, o estágio, como formação acadêmica, não funciona. É uma experiência. Claro, qualquer experiência de vida pode ser válida, mas não é um estágio como se pretende. E também que tenha um acompanhamento por parte da faculdade, quer dizer, que o aluno tenha um projeto de estágio, orientado por um professor. Que ele vá lá e tenha essa supervisão profissional, e que aqui tenha alguém acompanhando também, para que ele tire o máximo proveito desse estágio. Acho que essa dupla supervisão, de um profissional e de um professor, é necessária para que ele funcione bem.

Géssica: Quais são as atividades que não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de jornalismo?

Eduardo Meditsch: Acho que qualquer atividade que não seja caracterizadamente uma atividade jornalística. Quer dizer, as atividades que extrapolam o que seria uma atividade jornalística, não servem para o estágio. Não é que o aluno não possa exercer, mas não serve para o estágio, não pode contar para o estágio.

Géssica: Qual é sua interpretação do artigo 19 do Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor?

Eduardo Meditsch: Da proibição do estágio?

Géssica: É. O artigo 19.

Eduardo Meditsch: Pois é, não lembro exatamente. Mas eu era estudante naquela época, e o que eu me lembro é que, na verdade... A questão é que, como não havia nenhum controle sobre o que fosse estágio, não havia nenhuma fiscalização por ninguém, o estágio naquele momento se tornou uma forma de explorar mão de obra barata. Não servia nem para os alunos e nem para a profissão, porque acabava sendo uma concorrência desleal com os profissionais formados. Então essa foi a razão do surgimento dessa legislação.

Géssica: Hoje em dia esse cenário, na sua visão, mudou?

Eduardo Meditsch: Eu acho que a gente ainda corre o risco, por causa dessa questão de quem vai fiscalizar esse estágio. Agora os sindicatos vão ter que ter uma atuação presente nisso, e as universidades também. Para que isso não ocorra, essa distorção, novamente. Eu acho que é uma questão de fiscalização.

Géssica: Eu li essa questão do sindicato, que eles estavam de certa forma reclamando que queriam ter um papel mais ativo na questão de fiscalização dos estágios, e foi tirado esse papel dos sindicatos. É o programa da Fenaj que diz que o sindicato que é responsável por fiscalizar.

Eduardo Meditsch: É, na verdade, como a gente não tem um conselho profissional de Jornalismo, como tem em Medicina, Direito, OAB... O sindicato é que assume esse papel na nossa profissão, que hoje está muito mais dificultado pela queda da exigência do diploma. Então, eventualmente a pessoa pode até ser contratada como jornalista durante o período de estágio, porque não há nada que impeça na legislação, pelo menos por enquanto. Espera-se que volte a legislação, o Congresso está discutindo isso.

Géssica: Como um estágio pode contribuir para formar a consciência profissional de um futuro jornalista?

Eduardo Meditsch: Eu acho que o estágio é importante por estabelecer essa relação com o mundo concreto do trabalho e com o exercício real da profissão. Porque acho que, muitas vezes, os cursos de Jornalismo vivem um pouco fora da realidade. Mesmo num curso que tem tanta atividade laboratorial como o nosso, que até se destaca no país por causa disso, é exceção, a maior parte não consegue ter esse volume de atividade laboratorial. A atividade laboratorial, ou fica uma coisa fechada na universidade, ou tende a... Esses órgãos laboratoriais, tipo jornal laboratório, rádio, TV, independente da mídia, tende a viver numa situação artificial porque não tem uma periodicidade real, não tem um público real, não atende a uma necessidade real de informação de algum público. Então a gente é muito idealista nas pautas, nas coisas. Faz uma coisa que é muito legal, mas que não é real.

Géssica: E chega no mercado você não vai fazer isso...

Eduardo Meditsch: É, mas até, você pode fazer coisas legais no mercado, mas você vai fazer vinculado a um projeto editorial real, para um público real, você tem que atender a uma necessidade real. E isso eu acho que falta nos cursos de Jornalismo. E a tendência é... Principalmente pelo fato dos professores estarem afastados do mercado de trabalho, pois nas universidades federais a gente tem um contrato de dedicação exclusiva, que trás muitas vantagens, mas trás algumas desvantagens. Uma é essa, a gente está desligado do mercado real, e isso tende a nos tornar muito idealistas e fora da realidade. Então acho que esse contato é uma preparação para a vida real, então acho que isso é muito importante... Pode ser muito importante se funcionar bem.

Géssica: Que peso tem o estágio na formação dos alunos de Jornalismo da UFSC? Hoje no estágio como está, não-obrigatório.

Eduardo Meditsch: Olha, hoje eu acho que há uma disparidade muito grande de experiências de estágio. Podem ser maravilhosos se as pessoas conseguirem trabalhar em organizações que exerçam jornalismo, assessoria de imprensa, com competência, se tiverem profissionais competentes supervisionando o trabalho desses estagiários, realmente podem ser experiências muito ricas para a formação, para a preparação do aluno para o mercado de trabalho. Agora, também existem situações em que os alunos estão trabalhando sem a supervisão de um profissional, estão muitas vezes em organizações que não tem ninguém mais de jornalismo, então não tem parâmetro para avaliar o seu próprio trabalho dentro delas. Então nesse sentido... Claro que é uma experiência, não dá para negar que seja uma experiência, acho que toda experiência de vida é válida, eu comecei... Meu primeiro trabalho foi de office-boy e empacotador de pizza, acho que a gente aprende coisas do mundo do trabalho lá. Mas claro que não é um estágio em jornalismo, não é um estágio dentro da profissão. A pessoa até pode desenvolver habilidades, porque vai ter o desafio de criar um produto, de fazer um release, pode evoluir de certa maneira, mas muito menos do que um estágio realmente profissional daria... Deveria dar.

Géssica: Enquanto professor de Jornalismo da UFSC, na sua opinião, quais são as maiores falhas dos estágios em jornalismo?

Eduardo Meditsch: Eu acho que essa falta de regulação, falta de critério. Que estabeleça o tipo de organização que pode ser feito, que estabeleça essa questão da supervisão profissional, da supervisão da própria universidade. Que o coordenador de estágio do curso não consegue fazer hoje, simplesmente ele assina os formulários, a sua função é essa. Então acho que é isso que falta. Provavelmente esse tipo de estágio vai continuar existindo paralelamente ao obrigatório, mas talvez fosse possível também aperfeiçoar isso aí. Embora hoje em dia isso tenha se tornado uma forma de sobrevivência dos alunos, então é complicado mexer nisso também, porque os alunos alegam que sem isso muitas vezes não conseguiriam se manter na faculdade. Então tem esse problema também.

Géssica: Qual é o papel do orientador de estágio?

Eduardo Meditsch: No caso de estágio obrigatório vai haver um orientador por aluno em princípio, como acontece com o TCC. Que era como... Quando eu entrei aqui no curso, no primeiro currículo que funcionou nesse curso, havia estágio. Que era o currículo de 79, acho

do MEC... 78, que foi aplicado aqui no curso em 79. Foi um dos poucos cursos do país que aplicou esse currículo mínimo, porque ele foi muito contestado e logo ele caiu. Mas tinha estágio, embora naquela época era admissível estágio nos próprios laboratórios do curso, por exemplo, eu orientei da primeira turma... Orientei estágios de alguns alunos da primeira turma no laboratório de rádio. Mas que hoje não vai ser possível, hoje tem que ser externo.

Géssica: O obrigatório não vai poder ser na UFSC?

Eduardo Meditsch: Não pode ser nos laboratórios. Pode ser na UFSC... Na assessoria de imprensa, na TV, se a UFSC tiver uma rádio, pode ser na rádio. Mas tem que ser num ambiente profissional, que esteja desempenhando profissionalmente a função de jornalista, e não num ambiente experimental ou de ensino, como o laboratório.

Géssica: A Comissão chegou a discutir como é que vai fazer a fiscalização?

Eduardo Meditsch: Não porque as Diretrizes não chegam a esse nível de detalhamento, não tem poder para isso. Na verdade, depois a fiscalização se as Diretrizes estão sendo cumpridas é feito pela secretaria de ensino superior do MEC, e ela avalia os cursos. Agora, por exemplo, a gente vai passar por uma avaliação aqui, do INEP, então nesse tipo de avaliação se vai ver se o estágio funcionou ou não. Mas não tem como, em outro momento, ser avaliado.

Géssica: E não está ao alcance das Diretrizes...

Eduardo Meditsch: Sim, estabelecer como.

Géssica: Só para deixar claro, a Comissão decidiu então por colocar os estágios obrigatórios por causa da reivindicação que vinha sendo feita pelos alunos?

Eduardo Meditsch: Sim. E porque uma parte da Comissão também achava que seria pedagogicamente produtivo isso.

Géssica: Como a universidade, em especial o curso de Jornalismo, pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Eduardo Meditsch: Bom, isso vai passar por um processo, primeiro, do regulamento de estágio do curso, que a gente está fazendo agora nessa Comissão do NDE, que está fazendo um novo currículo. Então a gente vai ter que pensar como fazer um regulamento em que torne o estágio possível, produtivo e sério. São muitos detalhes, algumas coisas certamente a gente

só vai conseguir medir quando estiver em funcionamento, para ver o que funciona e o que não funciona, e aperfeiçoar esse regulamento.

Entrevista em Profundidade com o ex-coordenador de estágios do curso de Jornalismo da UFSC: Professor Jorge Ijuim
--

Concedida dia 21/10/2014

Géssica: Você é a favor do estágio em Jornalismo? Por quê?

Jorge Ijuim: Depende que qual estágio. O estágio em essência eu sou favorável, sempre fui. O que eu tenho a contestar é a maneira que esses estágios estão acontecendo. Essa é a primeira consideração. Favorável eu sou. O modelo que está acontecendo é que eu não concordo. Eu não concordo, por exemplo, que pessoas da segunda fase, pelo regulamento da universidade e que segue uma legislação superior, possam fazer estágio. Quando falo que sou favorável ao estágio em essência, seria aquele que proporciona uma vivência prática e complementar à sua formação. Por mais que tenhamos disciplinas de práticas profissionais no curso, não temos condições de reproduzir em sala de aula as condições de mercado. Prazos de fechamento, por exemplo, nossas atividades são de uma semana para outra. O jornal laboratório Zero é mensal. Por isso, num estágio, o estudante pode exercitar melhor sua necessária "agilidade" com qualidade. Por outro lado, essa experiência externa tem de provocar a crítica. Ou seja, com a ajuda de professores e colegas, deve também exercer seu olhar crítico para o mercado. Nem tudo que é praticado nesse mercado é o desejável e isso deve ser identificado e criticado. Assim também tenho que considerar o tempo destinado ao estágio. Mais que 12 horas semanais compromete sua formação. Creio que 12 horas, a exemplo de atividades de pesquisa e de extensão, possa ser um bom termo para estágios externos. Daí eu reafirmar que o modelo de estágios em vigor não nos proporciona essas condições para uma experiência complementar e crítica.

Géssica: Vocês conhecem as atividades desenvolvidas pelos alunos no estágio?

Jorge Ijuim: Eu conheço pelo que está escrito, pelo que vem nos formulários. Agora eu não tenho nem condição de acompanhar, de ir a cada um e eu tenho que confiar exclusivamente no que está escrito. Tanto na proposta em si, quanto depois nos relatórios. É a única forma que eu tenho como conhecer o que é feito. Se é que é cumprido exatamente como está escrito. Mas nós não temos estrutura alguma para poder acompanhar.

Géssica: Mas essas atividades de estágio estão de acordo com o currículo do curso?

Jorge Ijuim: Cada coordenador de estágio tem que observar isso. Se chega ali naquele termo de compromisso a proposta de atividades que não condizem com as nossas atividades e com

as características de estágio. Então, por exemplo, se chega ‘produzir conteúdo para noticiário online’, eu não posso aceitar, isso é tarefa do jornalista. E, quando aconteceu, eu falei ‘olha, isso não é atividade de um estágio, é atividade de um profissional’. Vê se é isso mesmo e aí ele volta: ‘não, é um auxílio disso, daquilo e tal’. Eu confio, né?! Assino como tendo confiado nessa informação. Agora que devem ser condizentes, devem ser.

Géssica: Quais são as atividades não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de Jornalismo?

Jorge Ijuim: Bom, primeiro, fazer um trabalho de secretaria enquanto estagiário de Jornalismo não cabe, como não cabe exercer as atividades que um profissional deveria assumir. Então, sempre atividades auxiliares: pode ajudar em uma apuração, pode ajudar em agendar entrevistas para uma equipe, por exemplo, eu acho que aí tudo bem. Atividades de apoio, porque com isso ele está pegando o jeito, está acompanhando outros profissionais.

Géssica: Mas o aluno pode produzir algum material?

Jorge Ijuim: A rigor eu acho que não. Porque se não nós vamos cair em uma discussão muito antiga, na década de 70, finais da década de 70, o estágio foi proibido justamente por isso. Quero dizer, eu abria um jornaleco, contratava meia dúzia de estagiários que faziam o jornal para mim, passado aquele período de seis meses eu o demitia, eu dispensava esses seis estagiários, contratava outros seis e continuava desenvolvendo o jornal. E eu ter um jornaleco eu sendo um político, eu sendo um empresário, eu sendo um religioso... Eu abria minha pequena igreja para grandes negócios e contratava. Fazia um programa de rádio e com estagiários. E foi cortado justamente por isso, porque estagiários cumpriam a função de profissionais. ‘Ah, é corporativo isso’, eu não sei se é corporativo, mas é antipedagógico, no mínimo.

Géssica: Seguindo essa linha eu tenho duas questões. Primeira, que características deve conter um estágio em Jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Jorge Ijuim: Primeiro ele não deveria atrapalhar a atividade primeira. Ou seja, o estudo. Então, mais uma vez, o regulamento da universidade permite contratos de até 30 horas. Você sabia disso?

Géssica: Sim.

Jorge Ijuim: Então, 20 é o normal. Agora vamos pensar nos vinte. Você pega vinte horas de estágio. É normal aqui por semestre você fazer seis disciplinas, são 24 horas. Já dão 44 horas. E você estuda que horas? Porque há disciplinas, muitas das disciplinas, que você não consegue cumprir suas tarefas à noite, ou no final de semana. Com a carga de disciplinas técnicas profissionalizantes, disciplinas chamadas práticas no curso, as redações que eu estou bem acostumado, a pessoa precisa de tempo para apuração. As fontes que ela tem que consultar, que ela tem que entrevistar, não vão atender à conveniência de quem faz estágio. E atender à noite, ou final de semana, e aí, como é que faz? Aí chegam uma série de matérias com problemas de apuração. E o que ele está complementando na formação então com esse estágio se esse estágio está atrapalhando a essência da coisa, que é o aprendizado? Então não está complementando nada. Está interferindo de uma forma negativa, antipedagógica na formação dele.

Géssica: Dos que estão acontecendo agora no curso?

Jorge Ijuim: Exatamente. Ah, não são obrigatórios e, enfim, eu acho que para ser pedagógico teria que ter-se, no máximo, 12 horas semanais e com a remuneração compatível. A exemplo então de Iniciação Científica, de bolsas de extensão, são 12 horas, e uma remuneração compatível com 12 horas, 364, 400 reais. Agora, a gente encontra aí certos estágios que são no mínimo 20 horas e estão pagando 800, 900, 1.000 reais. É uma concorrência desleal. Se eu preciso de uma bolsista para um trabalho relevante aqui de pesquisa, eu não consigo concorrer porque o atrativo de uma bolsa de 800, 900 reais é muito grande. Agora, a pessoa se empolga com a coisa. Um dia desses uma aluna: ‘ah, semestre que vem eu vou fazer a seleção para um estágio em tal órgão público. Eu vou fazer a mesma coisa que eu faço aqui, o mesmo tempo, e vou ganhar muito mais’. Eu disse: ‘a é? Quantas horas?’, ela: ‘20. Igual aqui’, ‘a, muito bem. Mas onde que é? Lá no Centro?’, ‘é, lá no Centro’, ‘então você não pode dizer que são 20 horas. Você te quem se deslocar, e é uma hora para ir e uma hora para você voltar. Quantas disciplinas você vai fazer aqui?’, ‘a, o normal’, ‘muito bem, que horas você vai estudar?’. Então a pessoa parece que entendeu, parece que vai repensar. O que eu puder fazer na conversa eu vou fazer. Não vou estimular esse tipo de coisa. E, completando a sua pergunta, como seria pedagógico? A partir de certa fase, de certo momento no curso. O que uma pessoa no segundo semestre vai fazer estágio em um site notícias? Vai fazer o que ali? Contribuir com o que? Segundo, aprender o que? Se não tem se quer algumas noções que são básicas. A pessoa está na Redação II ainda. Por exemplo, teve Redação para TV, Redação para Rádio,

mas será que é suficiente? Não é suficiente. Pior, não teve noção sobre ética profissional. O seu comportamento diante de um público, não teve noção ainda, como é que vai se atrever a complementar a formação?

Géssica: Então as novas Diretrizes, que colocam o estágio mais para o final do curso, tendem a melhorar esse panorama, certo?

Jorge Ijuim: Sim. A tendência é que aconteça algo como, a partir da quinta, sexta fase, algo assim. Pelo menos é meio caminho andado, pelo menos. A pessoa já está com mais noção e aí é obrigatório um semestre... Ainda não sei como será aprovado isso. Talvez no máximo dois, com um supervisor de estágio e um orientador que acompanhe sim. Que tenha que haver um encontro periódico para se ter, digamos, ideia, de como a coisa está acontecendo. Esse orientador vai poder entrar em contato com o supervisor de estágio lá no local de atividades, conversar, trocar ideias.

Géssica: E voltando bastante no tempo, que seria a minha segunda questão, qual é sua interpretação do artigo 19 do Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor?

Jorge Ijuim: O espírito da lei está bem naquilo que conversamos. Havia, e a havia muito, a substituição de profissionais por estagiários. Então para aquele momento tinha que ser isso mesmo.

Géssica: Mas ela ainda está em vigor...

Jorge Ijuim: Sim.

Géssica: Então os estágios que fizemos até agora eram irregulares? Fico confusa em relação à Lei do Estágio, de 2008.

Jorge Ijuim: Por uma lei sim e por outra não.

Géssica: E agora saem as Diretrizes...

Jorge Ijuim: Que torna obrigatório. Essa lei de 1979 muito provavelmente terá que ser revista. Foi bom você tocar nesse assunto porque isso me lembra o seguinte: eu sinto que há uma campanha nacional em favor dos estágios. E eu reafirmo, eu sou favorável ao estágio, desde que se faça direito. Então você tem toda uma preocupação do governo federal com o primeiro emprego. Um dos grandes problemas de qualquer país hoje é justamente a taxa de

desemprego e todo mundo quer minimizar esse problema. É um problema grande em muitos outros países e isso, pelas campanhas eleitorais, todo mundo aplaude, enquanto a Europa está com um alto desemprego, nós enfrentamos bem a coisa. Você tem uma campanha nacional pelo emprego para jovens e um passo para isso seria o estágio. Como é que a pessoa recém-formada seria contratada se não tem experiência? 'Eu preciso de gente com experiência', mas como, se não se oferece experiência? Então o estágio viria suprir essa necessidade. As pessoas chegariam para pleitear o primeiro emprego com alguma experiência. Então nisso o estágio é extremamente positivo. Mas a coisa pega quando ela não é bem conduzida, como eu acho que não está. Eu participei de reuniões, uma das últimas atividades minhas na função, eu participei de uma reunião geral com o DIP e com todos os coordenadores de estágios de todos os cursos, etc. E ali eu percebi uma contradição dentro da universidade que é a seguinte: quem está encarregado de proporcionar essas oportunidades de estágio está adorando que cada vez mais tenha estudantes estagiários. E aí tivemos vários depoimentos, de vários coordenadores, e olha, tem áreas como a nossa que, como a abertura na legislação é para 30 horas, eles estão fazendo 30 horas, mas estão atrasando o curso. E isso não é visto como problema por essa equipe que está encarregada de estimular os estágios. E que conflita com setores da universidade, como o DAE, que tem a ver com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação. Do ponto de vista social da universidade, é importante que as pessoas concluam o curso no tempo certo. É ideal, porque a pessoa usufrui de recursos públicos e etc. Então é melhor que se cumpra no tempo certo. E para quê? Para abrir vagas e dar oportunidade a outras pessoas que também precisam. Então você note que há um conflito muito grande entre quem não está preocupado que atrase o curso e os que querem que os alunos terminem o curso no prazo certo.

Géssica: E que peso tem o estágio na formação dos alunos de Jornalismo da UFSC?

Jorge Ijuim: Pois é, eu noto que os estágios têm atendido prioritariamente a quem está muito preocupado em um fazer, e está sendo pernicioso até, para quem está preocupado em pensar. Com o tempo que as pessoas têm para estudar mesmo. Há alguns anos eu vejo cada vez menos pessoas passando pelos corredores com livros debaixo do braço. Quando eu cheguei aqui, em 2008, eu via muito mais isso. E como eu não consigo dissociar na nossa profissão o pensar do fazer, então eu creio que um dos efeitos desses estágios feitos dessa maneira inconveniente, impensada e etc., um dos efeitos é esse. Tem beneficiado sim esse aspecto do fazer e prejudicado o pensar. Que as pessoas estão ou com menos tempo, ou muito entusiasmadas com a prática e se preocupando muito menos com o pensar. Há pessoas que

fizeram várias vezes estágio e conseguiram compatibilizar bem as coisas? Há pessoas que conseguem. Pessoas que sacrificam outros horários, muitas vezes de lazer e etc, para compensar o tempo. Mas há muitas pessoas que não, e isso interfere em muitas disciplinas. Quantas vezes eu vejo as pessoas cobrindo um santo para descobrir outro? Falta uma aula minha porque têm que entregar um trabalho atrasado para o Barreto. Falta na aula do Barreto, para entregar uma resenha que tinha que entregar para mim. E por quê? Porque estão com o tempo tomado em outras atividades. E a atividade essencial que nós estamos para fazer aqui? Então estágio não é complemento? Alguns estão entendendo como prioridade, e aí é uma visão muito distorcida. Meus filhos fazem engenharia, em Joinville, e lá é certo: estágio é no último semestre do curso. É obrigatório e já é assim, um teste inclusive, como Joinville é uma região muito industrial, já é um teste, já é uma experiência de, digamos três, quatro estagiários, dois já ficam ali, já são contratados. No meu tempo, que eu sou anterior a 79, que o estágio era obrigatório, era normal... Você tinha meia dúzia de estagiários, que dois, três ficavam na redação. E assim, eu como fiz curso noturno, trabalhava oito horas por dia para poder estudar à noite, o que eu fiz de estágio era colaboração em matérias de final de semana. Foi a maneira que eu encontrei de pegar um pouco do clima da redação. Chegava lá sexta-feira final de tarde, começo da noite e tal, conversa com o editor, isso, isso e aquilo, e entregar a matéria e discutia a da semana seguinte. Era o que era possível. Foi bom para mim.

Géssica: Tem uma pergunta aqui que eu acho que você já respondeu. Que é como o estágio durante a graduação pode influenciar a formação de um jornalista?

Jorge Ijuim: Se você quer saber se a participação num estágio poderia ajudar a pensar... Pode, claro que pode. Eu conheço pessoas que fizeram estágio, por exemplo, numa ONG... São vários assim desse tipo, mas numa ONG, por exemplo, que cuidava de direitos humanos. Então, em defesa das questões de gênero, em defesa da infância e juventude, no caso de Campo Grande tinha em defesa da população indígena, então foi uma forma de pensar sim. São pessoas que eu considero... Só o fato de terem optado por um estágio em entidades como essa, já foi uma decisão comprometida socialmente, já foi uma forma de pensar sim, e ali de desenvolveram muito. Então foi um diálogo com a universidade que foi muito rico. Esse episódio foi muito legal, rendeu, por exemplo, TCCs. Pessoas que estagiaram lá fizeram TCCs, documentários interessantíssimos.

Géssica: E ele pode contribuir para a formação de uma consciência profissional?

Jorge Ijuim: Sem dúvida. Olha, ouve outros estágios ligados a questões sociais assim, interessantes, como ONGs que tratam da questão ambiental... Só nessa de infância e juventude, eu me lembro de duas lá em Campo Grande.

Géssica: Mas e esses que estão mais ligados ao mercado?

Jorge Ijuim: Sei... Olha, consciência profissional é uma coisa ampla. Se ele vai pegar mais pique, mais agilidade, isso contribui, mas isso está ligado ao fazer. Consciência profissional, se ele realmente for crítico, ele 'olha, isso é algo que eu não devo fazer', 'olha, eu já sei o que eu quero, e isso eu não quero'. Se ele tiver criticidade para isso, ótimo. Agora, quando não há, acontece de chegar aqui durante uma aula de redação, e 'meu, sinto muito, mas teu texto está com uma cara muito de um texto corporativo, está muito chapa branca seu texto', essas expressões do jargão nosso, e tal. Aí 'a gozado né, lá no estágio que eu faço tudo isso aqui é normal e ninguém me fala nada', 'pô, tudo bem, então vai lá, então você não precisa de mim, porque se matriculou na minha disciplina?'. Isso me deixou irado, usando a linguagem de vocês. 'Caramba, isso aí eu faço normal lá no meu estágio e ninguém me fala nada', 'então você não precisa de mim'. Aí é completa falta de consciência. Esse é um problema que a gente fala e às vezes as pessoas não entendem, que é o seguinte, assim como estes estágios podem ser um complemento na formação, pode ser um local em que se transmita muitos vícios, é um lugar contagioso, tem vírus ali. Então eu brinco: 'gente, pelo amor de Deus, vocês não podem ser jornalista boca livre, de estar em tudo quanto é coquetel aí e tal, coquetel oferecido à imprensa, lançamento de produto', 'a professor, mas o que é que tem, um whisky, um salgadinho de vez em quando', 'pera, você acha que esses coquetéis são oferecido por que? Gente, eu já trabalhei em assessoria, eu já tive empresa de assessoria, eu conheço o mecanismo. Isso é oferecido para se trabalhar imagem, é oferecido para se manter excelentes relações com a imprensa, etc. E infelizmente, há empresas, há empresários de má fé, que em determinado momento poderão te cobrar isso', 'a não, eu sei separar as coisas'. Sim, mais há pessoas que acham natural, naturalíssimo ir a coquetéis de imprensa, por exemplo, isso é um vício, é um vício, como é um vício incorporar texto de release assim cegamente, isso é um vício. E, conforme o tipo de estágio, isso também eu percebi que isso é normal. Eu não posso concordar com isso, não posso.

Géssica: Ainda mais que o professor não dá a disciplina de Comunicação Institucional e nem Assessoria...

Jorge Ijuim: Não. Mas já trabalhei.

Géssica: A sim, mas não é o foco de sua disciplina...

Jorge Ijuim: Não é. Exatamente.

Géssica: Se fosse, era outra questão, né?

Jorge Ijuim: Sim. E ali eu iria trabalhar, 'olha, cuidado com isso. Não é assim qualquer situação que você pode promover um encontro com a imprensa, etc'.

Géssica: Essa eu também acho que o professor já respondeu. Quais são as maiores falhas dos estágios em Jornalismo? Falou de começar muito cedo, de não pensar...

Jorge Ijuim: Muito cedo prejudica, sabe... O privilégio ao fazer e não ao pensar. Não há nem o equilíbrio disso... Pode prejudicar o que deve ser uma coisa equilibrada. O tempo que se dedica ao estágio, eu acho que não está legal. A gente não consegue ter controle algum sobre o que está sendo desenvolvido. E fora... Bom eu duvido, que desses trocentos que estão em andamento, não tem gente substituindo trabalho de profissional. Tem, eu sei que tem. Estão botando estagiário para fazer trabalho que seria de um profissional, e isso eu não sou ingênuo, eu não posso imaginar que está todo mundo trabalhando bonitinho, assim e tal. Tem gente fazendo isso, infelizmente tem.

Géssica: Qual é o papel do orientador de estágio?

Jorge Ijuim: Sobre o papel do orientador, penso que deva ser um interlocutor permanente com o estagiário, que os questione e o instigue. Um "ouvidor" e um "questionador" para verificar e sentir seus progressos e dificuldades, para que possa cumprir seu papel implícita e explícita em sua designação - orientador. No modelo atual, não há qualquer controle, qualquer possibilidade factível de orientar conforme esta situação desejável.

Géssica: O professor pode explicar um pouco como atua o coordenador de estágios aqui?

Jorge Ijuim: É um trabalho que, tenho que dizer, nessa experiência de um ano, foi desgastante. Não sei se foi mais desgastante por ser tão burocrático, mas primeiro por eu ter essa indisposição com a forma como isso vem acontecendo. Mas é tão burocrático, e aí você

percebe que é uma burocracia que serve exclusivamente à burocracia. Por que... Se as pessoas colocarem informações falsas ou equivocadas ali, eu não tenho como controlar. Eu tenho como assim, um exemplo, você chega com uma proposta de atividades que não são condizentes com o nível, o estágio, etc e tal, que aí eu posso interferir e ‘olha, isso aqui não é condizente com a função e tal’. Mas fora isso é papel que se gera, imprime, e que as pessoas assinam. Então é uma burocracia que serve à burocracia. Eu não via assim... Olha, a menos que eu não tenha entendido nada. Então é uma função, que nesse sentido é desgastante, porque você não vê para que serve efetivamente aquilo, porque o controle é relativo.

Géssica: O coordenador tem algum “poder” sobre o orientador?

Jorge Ijuim: Não tenho nada. E mesmo agora... Eu já assinei como orientador, a pessoa me botou como orientador, eu também não sei o que a pessoa está fazendo lá, e eu não tenho como controlar. Eu vou lá no centro da cidade ver como é que... Eu não tenho tempo para isso, não tenho como. Aqui, na discussão do projeto pedagógico está se pensando sim em destinar uma carga horária. Primeiro, uma pessoa pode ter até quantos orientandos de estágio, vamos supor três, então a cada três ele tem, vamos supor, uma hora semanal na sua carga horária, parte né, para poder acompanhar. Inclusive, se necessário fazer visitas, para atender, tirar dúvidas, ‘olha professor aconteceu algo lá, estou em dúvida’, discutir. Está sendo discutido nesse sentido, de que o orientador tenha realmente um tempinho para dar essa atenção.

Géssica: Mas o professor acha que, pelo fato do estágio não ter sido obrigatório até agora, por isso que não houve essa preocupação maior em destinar um tempo para a orientação?

Jorge Ijuim: Eu acho que sim. Porque se não é obrigatório para eles, não seria para a gente, também, obrigatório orientar, e ir lá, e acompanhar, etc. É difícil né.

Géssica: O professor vê mudanças significativas entre o aluno que faz estágio e o que não faz?

Jorge Ijuim: Não sei, eu não cheguei a pensar nisso. Aqui é difícil alguém que não tenha feito estágio pelo menos algum período durante o curso. Eu não me lembro de alguém que não tenha feito, não me lembro. Eu conheço algumas pessoas que decidiram, vão fazer estágio, mas mais à frente. Pessoa que hoje deve estar em quinta fase, talvez faça próximo semestre, alguma coisa assim, mas por decisão dela, ‘eu tenho umas coisas para fazer, eu

quero fazer dessa maneira, e estágio eu vou fazer mais à frente, vou fazer, mas vou fazer mais à frente', e eu aplaudi né.

Géssica: Parece que já está intrínseco na gente a necessidade de fazer estágio...

Jorge Ijuim: Sim, sim. Chega situação assim que... Eu já vi em épocas assim, que se criou castas... Castas, os com estágio e os sem estágio. Como que se sem estágio fosse sem teto, sem terra, você entendeu, fosse pessoas menores dentro do curso.

Géssica: E quando o professor estava na coordenação, algum estagiário chegou para fazer alguma observação sobre o estágio que ele estava desenvolvendo?

Jorge Ijuim: Não.

Géssica: Nunca procuraram?

Jorge Ijuim: Ninguém que eu me lembre. A não ser conversa muito informal, mas eu não estava conversando como coordenador de estágio. Assim, conversas informais.

Géssica: E nenhum orientando?

Jorge Ijuim: Não.

Géssica: E como a universidade, o curso de Jornalismo mesmo, pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Jorge Ijuim: Então, eu até sonhei que o estágio se tornando obrigatório, nós poderíamos, digamos, colocar certas condições. Algo como estágio a partir da quinta, sexta fase. Seis meses, se for o caso, prorrogar por um ano. Limitar, inclusive, carga horária. Enfim, essas situações ideais que de alguma forma já te disse aqui. Eu até sonhei que isso pudesse ser uma coisa legal, e como a gente está discutindo projeto pedagógico como um todo, 'olha, então a gente cria uma série de oportunidades internas aqui para que as pessoas se ocupem, em projetos de extensão, de pesquisa, isso, isso e aquilo'. Bom, aí já tive sinalizações... A própria representação estudantil, 'pode aprovar o que vocês quiserem, estágio nós vamos fazer do mesmo jeito, não obrigatório nós vamos fazer do mesmo jeito, porque a gente precisa, por sobrevivência, isso, isso e aquilo'. Que eu admito, eu respeito tudo, realmente há pessoas que para poder se manter aqui tem essa necessidade, então sem problema. E por outro... Aquela mesma estrutura DIP que organiza e estimula os estágios, vai continuar, ao que tudo indica, com essa política de 'não, olha, se for lá pra ficar cumprindo horas simplesmente, já vai ser

algo positivo, porque vai se acostumar a cumprir horários, compromissos, isso e aquilo', então tá né. Então eu não vou discutir com a alta administração da universidade, não vou. Então meu sonho durou pouco, porque o que eu achei que poderia disciplinar de uma forma interessante essa questão, não vai... Vai continuar existindo estágio não obrigatório. Então, por mais que a gente faça uma campanha aqui de esclarecimento, por mais que se ofereçam oportunidades de atividades internas aqui, vai ter gente que vai precisar, vai dar prioridade para esses estágios, e eu não tenho o que fazer, eu não sei o que fazer.

Géssica: Essa é a questão, apesar de ter o estágio obrigatório daqui a pouco no currículo, o estágio não obrigatório continua.

Jorge Ijuim: Ele continua. Nós não temos como 'olha, diante do estágio obrigatório, não aceitaremos estágio não obrigatório'.

Géssica: Por causa das regras da universidade...

Jorge Ijuim: Não temos... É a universidade, é uma legislação superior. Eu sonhava também, por exemplo, 'quer fazer estágio não obrigatório, faça aqui... Cotidiano com a Zeca, vá trabalhar com o Ivan no LabFoto, no máximo vai ali, cerimonial da universidade, pelo menos você está aqui, próximo, vai ali no Teleconferência com o Roberto, você está aqui, próximo da gente, tudo gente também com uma boa interlocução com a gente'. Mas não... No estágio não obrigatório você não tem nem ideia de oportunidades que eles têm, fazer o que.

Entrevista em Profundidade com a presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo: Professora Mirna Tonus

Concedida via <i>Skype</i> dia 13/10/2014

Géssica: Você é a favor do estágio em jornalismo? Por quê?

Mirna Tonus: Eu defendo o estágio enquanto uma valorização da aprendizagem enquanto vivência profissional. Eu sempre tive um debate pessoal com relação ao estágio porque na verdade eu defendo o estágio desde quando eu era estudante.

Géssica: Você fez estágio?

Mirna Tonus: Então, fiz aquele estágio fingido. Aquela coisa que assim, na verdade é emprego, mas para mim era estágio. Porque eu estava aprendendo e foi logo no primeiro ano de universidade que eu consegui o estágio em um jornal diário. Então assim, para mim era um *must*. E aí o sindicato proibia, e aí eu chorava, porque não era possível. A gente foi para a câmara para a discussão sobre estágio. E, assim, na época eu já defendia o estágio. Então eu sou a favor do estágio desde que eu me conheço enquanto jornalista, eu sou a favor do estágio.

Géssica: Era na época da legislação de 1979?

Mirna Tonus: Sim, a legislação proibia, não permitia. Então a gente era registrado de outra forma. Aí os sindicatos faziam uma fiscalização mais intensa nesse sentido. Pegava mesmo, não deixava, multava. E a gente, enquanto aprendiz, a gente queria estar estagiando. Não queria só ficar dentro da universidade, queria ter essa relação com o mercado. E nós discutimos, o pessoal da Fenaj foi à época lá para discutir. Nós discutimos que queríamos os estágios. Então assim, enquanto estudante eu defendi o estágio e enquanto educadora dessa área eu acredito que o estágio tem um papel muito importante. O problema é como o estágio é implantado. Nessa questão do estágio acadêmico, tem questões, por exemplo, que, eu vou te contar a partir do meu lugar que é o da UFU, porque o curso da UFU sempre teve estágio, desde o início. Nosso estágio é obrigatório desde o início do curso, da instalação do curso. Nós nunca tivemos uma situação de estágio não obrigatório. Primeiro porque a universidade aqui exige estágio. E nós tivemos que fazer uma regulamentação de estágio, que dialogasse com a proibição do estágio, mas também com a lei do estágio, federal, com a resolução de estágio da universidade, e com o programa da Fenaj de estágio acadêmico. Então nós tivemos que pensar em todas essas instâncias e em todos estes elementos constituintes do estágio e

tentamos fazer isso dialogar. Então o que acontece, quando uma empresa não aceita as nossas condições para oferecer o estágio, nós não validamos o estágio daquela empresa. Então a empresa, ela pode solicitar nosso estagiário e nosso estagiário pode ser estagiário, mas desde que sejam garantidas as questões de aprendizagem. O ideal e o real estão conversando? Às vezes sim às vezes não. No termo ela diz que aceita, que na realidade ela pratica aquilo que ela diz que aceitaria. Então eu pessoalmente como orientadora de alguns estagiários, eu estou planejando ter uma outra relação com esses estagiários. Uma relação mais constante, mais frequente. E não aquela de ser a orientadora de estágio, mas não estar tão perto quanto eu gostaria. De fazer os estagiários trazerem questões do mercado para a gente discutir dentro da academia.

Géssica: Você promove essas discussões com os estagiários?

Mirna Tonus: Com alguns estagiários especificamente eu consegui fazer isso, consegui conversar com os supervisores, que atividades iriam desenvolver. Eu já tive essa oportunidade. Depois isso acabou se perdendo. Mas eu pretendo retomar mesmo e ter esse contato mais constante para também poder atender as necessidades desses estagiários.

Géssica: Que características deve conter um estágio em jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Mirna Tonus: Eu acho que o estágio, para efetivar o papel pedagógico é realmente o estagiário poder desenvolver o seu potencial e buscar aprender naquele local profissional. Por exemplo, o que seria o ideal para mim, seria assim: o estagiário entra em um jornal diário impresso. Seria ele poder ter a chance de percorrer várias atividades lá, de conhecer vários processos produtivos e conhecer várias pessoas e dialogar. E, ao mesmo tempo, dar feedback para o supervisor e para o orientador. E estes também poderem ter uma relação mais estreita, porque se não ficam muito aquelas ilhas. Para ser pedagógico o supervisor precisa conhecer o curso, só no mundo ideal, né? Conhecer qual é o tipo de formação, conhecer o projeto pedagógico do curso, porque daí ele vai saber que tipo de egresso que aquele curso está vislumbrando. E, ao mesmo tempo, permitir o acesso do professor, o orientador, para que ele também conheça as rotinas produtivas dentro daquele veículo, enfim, de onde for esse local profissional. E aí sim se estabeleçam planos conjuntos para o estagiário seguir aprendendo. É o mundo ideal, é lindo.

Géssica: Mas porque você acha que não há essa orientação por parte da escola?

Mirna Tonus: Os docentes também estão super sobrecarregados. Eu acho que depende da relação que o orientador tem com o estagiário. Porque às vezes a gente só é chamado assim: o aluno vem, a professor você pode assinar para mim, não tem quem assine, então tem essa relação. Quando você tem uma relação estreita entre orientador e estagiário, eu já acho que é um pouco diferente. Então, eu já acho que é possível, você tem mais contato e encontra mais com a pessoa. Outras situações às vezes não podem ser. Se é só burocracia sabe, burocraticamente eu sou orientadora e não sou orientadora de fato. Aí já prejudica essa relação, outra coisa é a sobrecarga. É o que eu falei, eu vou tentar voltar a fazer, coisa que eu deixei de fazer. Eu ia para o local onde estavam estagiando, ia conversar com os supervisores de estágio, era outra realidade, outra relação. Mas porque também aquilo também fazia parte da minha carga horária de outras atribuições. Por exemplo, eu era conselheira no museu de artes, no Museu Universitário de Artes, e lá tinha duas estagiárias que eu orientava, que atuavam no museu. Então quando são coisas que estão próximas eu consigo orientar. Se não, o aluno não procura, eu esqueço que estou orientando aquele aluno, porque ele não me procura. É uma situação triste, mas eu acho que é possível se você se organizar.

Géssica: Quais são as atividades que não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de jornalismo?

Mirna Tonus: Primeiro, ser plantonista. O que acontece, estagiário fazendo plantão de fim de semana, o que é isso? Não é função de estágio cumprir. São no máximo seis horas por dia. Aí o estagiário faz hora extra, como assim hora extra de estagiário? Não existe. O estagiário tem de ter liberdade para, em processos de avaliação, o estágio não pode impedir as atividades acadêmicas do aluno. Faltam a orientação de monografia, faltam a trabalhos, às vezes tem estágio, que é trabalho, na hora da aula. ‘Ah, porque meu chefe pediu eu não posso faltar’, eu só faço assim: ‘Como assim, seu chefe pediu?’ uma que nosso é integral, quando eles encontram janelas eles fazem estágio, mas é aquele estágio bem flexível. Agora não é todo estágio que é flexível. Tem estágio que a gente brinca né, que é o escraviário, que escraviza mesmo. O cara tem fazer tudo. Então na TV, produtor na TV, que o estagiário de produção tem que aprender a fazer produção. Ele pode ajudar, mas na verdade ele está lá para aprender a fazer produção, e não para fazer. Aí quem que é o profissional? Não tem. Então ele não é estagiário, ele é funcionário.

Géssica: Qual é sua interpretação do artigo 19 do Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor?

Mirna Tonus: Teve até uma fala minha em um congresso da Fenaj neste ano que eu coloquei em questão essa interpretação. Que isso aí é questão de interpretação. Nós estamos trabalhando em uma proposta para orientação aos cursos sobre a questão do estágio, nós Fórum e Fenaj, estamos trabalhando nesse documento. Só que, por questão de tempo também, questões assim, um pode outro não pode aí o documento está lá, a gente está trabalhando nele, mas ainda não conseguimos nos reunir para bater o martelo e para fazer, nós vamos fazer um workshop para falar sobre esse documento para os cursos. Esse artigo ele não proíbe estágio. Não é que ele proíbe estágio, ele não diz que é proibido qualquer estágio em jornalismo, não diz. O que ele diz é que constitui fraude a prestação de serviços profissionais. Estágio não é serviço profissional. O que constitui fraude, por exemplo, é eu contratar um estagiário, chamá-lo de estagiário, pagar um valor simbólico, e usá-lo como trabalhador profissional. Substituir um profissional por esse estágio, isso é fraudar a atividade jornalística. Agora, não me diz aqui que é proibido o estágio, me diz que é proibido o estagio desde que seja uma prestação de serviço profissional gratuito ou com pagamento simbólico.

Géssica: Como um estágio durante a graduação pode contribuir à elaboração de uma consciência profissional?

Mirna Tonus: A contribuição eu acho que ela é bem significativa. Se você faz um estágio legal, tem um orientador, tem um supervisor que te ajude a formar uma consciência sobre a profissão, sobre outras questões relacionadas à profissão, até questões de condições de trabalho, aí eu acho que tem uma contribuição significativa na vida profissional do indivíduo, quando o estágio se desenrola dessa maneira. Agora quando é aquela situação de exploração, eu não sei, eu acho que pode até frustrar o estagiário. Ele já é colocado de uma maneira muito crua, de uma maneira dura no mercado de trabalho, para o qual ele ainda está amadurecendo e isso eu acho que é prejudicial. E aí pode causar assim, pode desiludir. Eu tenho alunos aqui que começaram o estágio e saíram. Porque se desiludiram. Olha que coisa dura, durante a formação já se desilude. E fala eu não quero redação. Não teve nem tempo de experimentar o gostoso da redação. Já fica frustrado logo de cara. Acho que tem várias situações depende da situação. Eu incentivo muito os alunos a abrirem seus negócios porque eu acho que, nesse caso, o estágio serviu para eles aprenderem para eles depois criarem os seus negócios, os seus veículos, as suas agências... O estágio que eles tenham feito que é obrigatório, no caso, terá contribuído para a atividade profissional deles enquanto jornalistas e empreendedores. Eu

acredito nisso, eu acho que não dá para ficar dependendo de grande mídia, e grande mídia que eu falo até em termos regionais.

Géssica: Quais são as maiores falhas dos estágios em jornalismo?

Mirna Tonus: Eu não posso dizer assim de maneira geral, mas acho que uma das falhas é cercear o estagiário também, ao mesmo tempo que ele precisa aprender determinadas rotinas produtivas é tentar colocá-lo num padrão e aí isso os veículos conseguem fazer com facilidade que me dá até medo. Uma das maiores falhas é tentar enquadrar e desvirtuar totalmente a visão ética da profissão... É transformar o estágio em moldes para colocar o jornalista. Acho que outra falha é a ausência de diálogo entre os agentes envolvidos com o estágio.

Géssica: Qual é o papel do orientador de estágio?

Mirna Tonus: É acompanhar as atividades que o estagiário está desenvolvendo. É ter acesso ao local de trabalho. É conversar com o supervisor, é conversar com o estagiário, é orientar em situações, é estabelecer uma relação com o estagiário de confiança, de que o estagiário possa chegar e dizer, ‘olha está acontecendo isso, não está’, ou então ‘olha que legal, aprendi isso’. De que ele tenha espaço para esse *feedback*. Na verdade, eu acho que o papel do orientador é estabelecer uma boa relação com o estagiário, com o orientando-estagiário e com o supervisor, para que ele possa efetivamente orientar. Porque se não ele não consegue orientar. Ele vai falar, falar, falar e vai chegar lá vai acontecer outra coisa, então não vai adiantar nada.

Géssica: Como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Mirna Tonus: É discutir qual é o papel real do estágio para a formação do aluno, e não ficar tentando virar um agenciador de quase emprego dentro da universidade. Aí desvirtua tudo.

Géssica: Qual é o entendimento do FNPJ quanto à realização de estágio em jornalismo?

Mirna Tonus: É um ponto sensível ainda. É um ponto sensível de assim, nós subscrevemos o programa da Fenaj, e isso já faz um bom tempo que foi construído esse documento, e nós fomos signatários desse documento. Agora, as dúvidas que todos os professores estão tendo estão dentro do Fórum, porque afinal é um fórum de professores, é onde os professores se encontram para discutir, nos eventos e na lista. E essas dúvidas elas acabam vindo para o âmbito do Fórum também. Mesmo na diretoria, cada um tem uma vivência com estágio.

Então é muito difícil falar, por exemplo, em nome de uma entidade, dizer a entidade pensa assim. A entidade enquanto entidade, ela está buscando a melhor forma de aplicar as diretrizes, ou buscando promover discussões para melhor promover a implantação das diretrizes.

Géssica: E essas discussões têm ocorrido?

Mirna Tonus: Nós estamos trabalhando, na comissão da qual eu faço parte com a Fenaj, para a construção desse documento orientador, não é a resolução de estágio. Porque o que acontece, muitos cursos ficam ansiosos por algo meio já assim, pronto. Mas é muito difícil porque cada instituição tem uma realidade. Então não dá para você fazer uma receita de bolo e aplicar para todas as universidades. Nunca deu, para qualquer situação. Para o estágio também não vai dar. O pessoal demanda modelos, daí o que eu posso falar, por exemplo, é relatar minha experiência, então eu relato a minha experiência, coloco as situações e falo, ó gente está acontecendo isso e isso, ponho à disposição aquilo que a gente fez, tentando dialogar os instrumentos legais e de orientação da Fenaj, mas mais que isso não dá. Não tem uma fórmula assim, a pronto funcionou o estágio. O estágio é uma divergência entre a comissão que elaborou as novas diretrizes. Nós temos infelizmente poucos afiliados, mas são seis mil professores de Jornalismo no país, você imagina o que cada um pensa. Nós tivemos um representante na comissão, então a gente busca valorizar o trabalho da comissão, as diretrizes são resultado disso.

Entrevista em Profundidade com ex-professor de Jornalismo na UFSC e pesquisador do Ensino de Jornalismo: Nilson Lage

Concedida por e-mail dia 03/11/2014

Géssica: O senhor é a favor do estágio em jornalismo?

Nilson Lage: Depende.

Géssica: Do que?

Nilson Lage: Depende do tipo e condições do estágio oferecido.

Géssica: Que características deve ter um estágio em jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Nilson Lage: Em primeiro lugar, deve servir à formação profissional. Depois, em ordem decrescente de prioridade: ser realizado em situação ética; colocar o estagiário em contato com as condições reais de trabalho; ter supervisão, na empresa, de profissionais seniores habilitados; incluir alguma forma de avaliação; permitir experiência diversificada; abrir perspectivas de aproveitamento futuro na empresa ou em outras.

Géssica: Quais atividades não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de jornalismo?

Nilson Lage: a) funções não pertinentes à profissão. É frequente a pretensão de contratar estagiários de jornalismo para clipagem manual ou eletrônica, arquivamento e catalogação, locução, atendimento e apresentação em palcos e eventos, corretagem de anúncios eventualmente disfarçada, algumas variantes de vendas etc. b) atividades profissionais que caracterizam exploração do trabalho, com descumprimento de normas salariais da profissão (piso, horário etc.). Numa área em que são comuns pequenas empresas, muitas delas de existência precária, a contratação de estagiários aparece como recuso para obter mão de obra barata e indefesa diante da exploração patronal. c) atividades sem supervisão ou em que o estagiário é levado a exercer, prematura e impropriamente, função profissional plena – como repórter, por exemplo, ou editor. Um dos problemas dessa prática, além da condição precária do estagiário-empregado, é que ela tem estimulado historicamente a evasão dos cursos, com prejuízo para a formação – a promoção da cultura perniciosa do “talento inato” e do “estudar é perda de tempo”. Quando instituições quaisquer, geralmente de menor porte (mas também sindicatos, clubes, escolas e projetos universitários), esbarram em problemas de comunicação (produção de *house organs* ou *new letters*, edição e veiculação de *releases* etc) é comum

surgir na imaginação do dirigente a solução mágica de “contratar um estagiário”. O jornalismo, como o governo do país, o futebol ou a arte da sedução, é uma área em que todos acreditam saber alguma coisa, *só faltando* pôr em prática esse suposto conhecimento – e para isso basta *um menino obediente*.

Géssica: Qual é sua interpretação do artigo 19 do Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor?

Nilson Lage: Serviços profissionais gratuitos só são admissíveis em contextos específicos, como os de voluntariado; bolsa de estudo é para estudo e pressupõe nenhuma contrapartida do beneficiário; bolsa de complementação deveria complementar alguma coisa e não é o caso; o desrespeito à legislação trabalhista é crime ou contravenção. Infelizmente, por obra de conspiração liderada por um empresário que manteve longo conflito com o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo – o dono e diretor da Folha de São Paulo, que herdou o jornal –, aos préstimos de uma juíza substituta e ao patrocínio do midiático ministro Gilmar Mendes, a profissão pode ser exercida por qualquer um, a critério dos patrões. Essa anomalia – que não ocorre com qualquer outra atividade de nível superior e responsabilidade equivalente – é justificada por quem a defende com argumentos que remontam ao liberalismo do Século XVIII. Parte do princípio de que não existe especificidade em nosso ofício; no entanto, a atribuição a empresas comerciais da decisão, em última instância, sobre o desempenho (técnico e, principalmente, ético) dos jornalistas representa prejuízo imenso para a sociedade.

Géssica: Como um estágio durante a graduação pode contribuir à elaboração de uma consciência profissional?

Nilson Lage: *Resposta implicada nas anteriores.*

Géssica: Quais são as maiores falhas dos estágios em jornalismo?

Nilson Lage: *Resposta implicada nas anteriores.*

Géssica: Qual o papel do orientador de estágio?

Nilson Lage: Realizar o controle formal, documental, dos estágios, manter contatos nas empresas que os oferecem e, principalmente, ouvir o testemunho dos estagiários.

Géssica: Como a universidade, em especial o curso de Jornalismo da UFSC, pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Nilson Lage: O primeiro passo é assumir que o papel da universidade não é ir a reboque do mercado, mas avançar para além do que faz o mercado, refletir sobre as práticas e experimentar soluções – sejam técnicas, seja a melhoria da prestação de serviços ou a prospecção de novos públicos. A partir dessa consciência é que se estabelecem as bases de um diálogo entre a academia e o universo profissional, libertando a área de estudo da condição de mero instrumento de divulgação de correntes de pensamento em ciências sociais.

Entrevista em Profundidade com a representante da Federação Nacional dos

Jornalistas: Professora Valci Zuculoto

Concedida por e-mail dia 02/11/2014

Géssica: Você é a favor do estágio em jornalismo? Por quê?

Valci Zuculoto: Sou contra o estágio em jornalismo quando desenvolvido como antecipação do ingresso no mercado de trabalho, especialmente quando o estagiário ainda está nas primeiras fases do curso. Isto porque a maior parte das “bolsas” ofertadas para estágios deste tipo não contribuem para a qualificada e correta formação em Jornalismo. Além disso, o que é o pior problema: os estagiários são utilizados como mão de obra barata. Um exemplo: em Florianópolis, mesmo empresas de comunicação selecionam estagiários ou assistentes de conteúdo (função que dirigem aos estudantes e, portanto, também é estágio), pagam bem menos que o piso salarial do jornalista (que já não é o necessário ou ideal), obrigam os alunos a trabalharem mais que as cinco horas diárias da jornada regulamentada da profissão e também as 20 horas semanais como determinam as bolsas de estágio. Já o estágio realmente com objetivo de complementar a formação e realizado conforme determinam as DCNs, com supervisão de um profissional e também de um professor orientador, nos últimos períodos, entre outras garantias de que se trata mesmo de um estágio, este sou favorável.

Géssica: Que características deve conter um estágio em jornalismo para efetivar seu papel pedagógico?

Valci Zuculoto: Reafirmo que com base e em cumprimento às determinações das novas DCNs para o Jornalismo, o estágio precisa efetivamente constituir-se em instrumento pedagógico para complementar a formação profissional. Para que não seja mera antecipação do futuro ingresso do estudante de Jornalismo no mercado de trabalho, é fundamental que o estágio seja orientado por objetivos de formação do futuro profissional e seja supervisionado criticamente. Desta forma, a realização do estágio acadêmico em empresas ou instituições exige a supervisão de jornalista profissional devidamente registrado (no local onde estiver ocorrendo o estágio) e o acompanhamento de professor-orientador da escola. É preciso que haja interação entre ambos e com o estudante estagiário. Somente assim o estágio será adequado e responderá aos objetivos de complementar a formação.

A FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas e o FNPJ - Fórum Nacional de Professores de Jornalismo estão com um Grupo de Trabalho que vem elaborando um modelo sugestão para os cursos montarem seus Projetos de Estágio Curricular Obrigatório conforme

exigem as DCNs. As próprias novas diretrizes estabelecem que as entidades profissionais (FENAJ, Sindicatos e FNPJ...) sejam ouvidas sobre o estágio. Então, trabalhamos neste modelo sugestão com itens que consideramos essenciais estarem nos Projetos de Estágio para que este realmente cumpra sua função determinada pelas DCNs.

Estão em discussão, entre outros, a supervisão/orientação tanto no local do estágio quanto na escola (exigência das próprias DCNs); últimos períodos/fases para sua realização (possibilitando aos alunos concluintes testar os conhecimentos assimilados em aulas e laboratórios); carga horária mínima destinada ao estágio curricular supervisionado de duzentas horas (conforme DCNs), devendo ser cumprida de forma que não ultrapasse 20 horas semanais; estágios voluntários ou pagos por meio de bolsas; garantia de que o estágio não substituirá as exigências de manutenção de laboratórios pelas escolas; realização do estágio somente em atividades jornalísticas e normatização do uso do material produzido pelos estagiários (para evitar que os estudantes sejam mão de obra barata e substituam o trabalho profissional); assinatura de Termo de Compromisso entre as partes acompanhado de plano/cronograma de desenvolvimento das atividades de estágio; obrigatoriedade de relatórios frequentes supervisionados tanto pelo profissional quanto pelo professor orientador; delimitação do número de estagiários por empresa ou instituição; garantia de não se firmar acordo para a realização de estágio com empresas/instituições que mantenham pessoas exercendo irregularmente a profissão em seus quadros; regramento da convalidação para integralização curricular. Estes são apenas alguns dos pontos que estão em debate porque interpretamos que são essenciais para que os Projetos de Estágio Curricular Obrigatório sejam desenvolvidos pelos cursos cumprindo as determinações das novas DCNs.

Géssica: Quais são as atividades que não podem ser desenvolvidas pelo estagiário de jornalismo?

Valci Zuculoto: Primeiro as que não são exclusivamente jornalísticas. Se forem jornalísticas podem estagiar em todas, mas com supervisão, sem substituir o profissional e com o regramento para evitar a utilização do seu material produzido também de forma exploratória e em substituição à produção profissional. Por exemplo, se estagiar em reportagem, ele não pode substituir o repórter. Pode, isto sim, acompanhar o repórter, a produção da matéria, enfim, jamais substituí-lo.

Géssica: Qual é sua interpretação do artigo 19 do Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, que ainda está em vigor?

Valci Zuculoto: Ainda está e deverá continuar vigorando. Pelo fato de as DCNs terem instituído o estágio curricular obrigatório, não significa que este artigo deva deixar de existir. Ao contrário, as DCNs justamente estabelecem um estágio que não pode infringir este artigo da regulamentação profissional do jornalista. O que este artigo determina é o que as entidades profissionais e as próprias DCNs combatem: os falsos estágios ou contratações irregulares de estudantes. FENAJ e Sindicatos cotidianamente denunciam, levam à justiça, ao MT, ao MPT estas questões, solicitando fiscalização. Com a obrigatoriedade pelas DCNs, acreditamos que as escolas também passarão a contribuir mais nessa fiscalização, por meio da supervisão, acompanhamento e assinatura dos termos de compromisso.

Géssica: Como um estágio durante a graduação pode contribuir à elaboração de uma consciência profissional?

Valci Zuculoto: Se for cumprido com as premissas e as bases informadas nas questões anteriores, o estágio pode, sim, constituir-se num instrumento importante para complementar a formação e, portanto, a consciência profissional.

Géssica: Quais são as maiores falhas dos estágios em jornalismo?

Valci Zuculoto: Já foram explicitadas acima, em especial o estágio como antecipação do ingresso no mundo do trabalho e como disfarce para a exploração da mão de obra barata, pouco ou em nada contribuindo para a formação.

Géssica: Qual é o papel do orientador de estágio?

Valci Zuculoto: Tanto o professor orientador quanto o profissional orientador (ambos são obrigatórios) têm papel fundamental de efetivamente acompanhar e garantir que o estágio cumpra seus objetivos.

Géssica: Qual é o entendimento da Fenaj sobre a realização de estágio em jornalismo?

Valci Zuculoto: Proibido pela legislação que regulamenta a profissão de jornalista (artigo 19 do Decreto 83.284/79), quando desenvolvido de forma a explorar mão de obra barata, aviltar as condições e relações de trabalho e usado para substituir profissionais, o estágio voltou a ser motivo de polêmica e embates especialmente na década de 1990. A partir de então, os estudantes, que anteriormente se posicionavam contra a sua realização, passaram a reivindicar

e pressionar por sua volta, alegando que o contato com o mercado de trabalho contribuiria para a formação profissional.

Por muitos anos, então, jornalistas, professores e estudantes de jornalismo debateram e polemizaram em torno da necessidade e viabilidade da realização do estágio. Os profissionais, através da FENAJ e seus Sindicatos, sempre buscando evitar que, sob a justificativa de estágio, o mercado de trabalho explorasse os estudantes e aviltasse a profissão por demais já atacada. Porque era e continua sendo exatamente essa a realidade. Para a FENAJ e Sindicatos, se realmente fosse necessária a volta do estágio, este teria de retornar a partir de entendimentos e mudanças que envolvessem não apenas sua prática, mas todo o processo de formação em jornalismo.

Foi com este entendimento que, durante todos estes anos, a FENAJ buscou debater o estágio inserido na discussão e formulação do seu Programa Nacional de Estímulo à Qualidade do Ensino de Jornalismo, aprovado pela categoria no Congresso Extraordinário de Vila Velha (ES), em 1997. Este Programa, que inclui proposta de bases para o estabelecimento do estágio acadêmico, foi elaborado em conjunto com as demais entidades e segmentos do campo da comunicação, entre as quais o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPPJ). A proposta incluída no Programa de Estímulo à Qualidade do Ensino de Jornalismo colocou a questão do estágio em outro patamar. A partir de então, ele não mais dividiria os jornalistas e não seria mais considerado pela categoria como panacéia para os cursos de Jornalismo, mas um dos elos da intrincada corrente que compõe o ensino superior (neste caso o de Jornalismo). Assim, a discussão do estágio não mais seria feita sem a sua devida relação com princípios de qualidade de ensino.

Por lei, continua proibido o estágio em Jornalismo se desenvolvido de forma a explorar e aviltar a mão-de-obra, conforme prevê a regulamentação da profissão de jornalista. Diz o Decreto 83.284, de 13/03/79, em seu Artigo 19: “Constitui fraude a prestação de serviços profissionais gratuitos, ou com pagamentos simbólicos, sob pretexto de estágio, bolsa de estudo, bolsa de complementação, convênio ou qualquer outra modalidade, em desrespeito à legislação trabalhista e a este regulamento”.

Com esse entendimento, a FENAJ, desde o início dos anos 2000, incentivou, promoveu e coordenou, junto com os Sindicatos, o desenvolvimento de Projetos Pilotos de Estágio Acadêmico não obrigatório, dentro do processo de implantação do Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação Profissional dos Jornalistas.

Sempre inspirada neste Programa de Qualidade de Ensino e igualmente nas Propostas de Diretrizes Curriculares (anteriores às novas em vigor) elaboradas pelas entidades do campo

do jornalismo/comunicação, em 1999, em Campinas (SP), a FENAJ também promoveu ajustes à formulação do estágio acadêmico. Entre final dos anos 90 e a primeira década dos 2000, aprovou e ajustou seu Programa de Estágio Acadêmico Não Obrigatório em Congressos Nacionais de Jornalistas e em Seminários Nacionais específicos sobre o tema. A categoria dos jornalistas, portanto, sempre fez questão que os estágios fossem acadêmicos, não obrigatórios e se desenvolvessem no bojo das Comissões de Gestão de Qualidade de Ensino, propostas pelo Programa da FENAJ, para que realmente contribuíssem e resultassem em mais qualidade na formação do jornalista.

Ao se envolver ativamente na discussão das novas diretrizes curriculares, a FENAJ continuou defendendo esta posição. Não conseguiu fazê-la prevalecer e as atuais DCNs para o Jornalismo foram aprovadas implantando a obrigatoriedade do estágio, mas incorporando, nas suas determinações gerais, critérios preconizados no Programa da Federação. As DCNs também solicitam que, para elaboração do projeto de estágio curricular obrigatório, os Cursos de Jornalismo observem a legislação bem como as recomendações das entidades profissionais. Por isso, a Federação Nacional dos Jornalistas, seguindo seu compromisso histórico com a defesa da qualidade do ensino, há meses vem trabalhando em conjunto com o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, para apresentar e subsidiar Cursos e Sindicatos com a sugestão de um modelo base para a elaboração e desenvolvimento do Projeto de Estágio.

Géssica: Que peso tem o estágio na formação dos alunos de Jornalismo da UFSC?

Valci Zuculoto: Acredito que o mesmo peso que deve ter em qualquer curso de jornalismo.

Géssica: Como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Valci Zuculoto: Montar seu Projeto de Estágio conforme as DCNs e atentando para todas as premissas e bases aqui colocadas, para que o estágio efetivamente se transforme em ferramenta de complementação qualificada da formação. Principalmente para que, ao desenvolver o estágio, além da supervisão efetiva e constante também atue na fiscalização.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**ARQUIVOS DO CD ANEXO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO – MONOGRAFIA – DE GÉSSICA DA SILVA**

**TRANSCRIÇÕES ENTREVISTAS EM
PROFUNDIDADE COM ESTUDANTES**

Entrevista em Profundidade com o Estudante A – Estagiário
Concedida dia 13/10/2014
Área de estágio do aluno: Educação, Radiojornalismo e Telejornalismo. Tempo total de estágio: 2 anos. Observações: O estudante somente fez estágios em projetos da UFSC.

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante A: Desde o início, na verdade, foi mais por uma necessidade. Eu moro em Balneário com minha vó e minha mãe, só. Então é minha mãe que sustenta a casa. E por mais que a faculdade fosse de graça, era um gasto bem grande sair de casa, pagar aluguel, pagar alimentação, essas coisas assim. Então eu precisava mais pela necessidade e também porque eu queria já trabalhar, ter uma contribuição na graduação. Por isso que eu fui atrás do estágio. Na primeira fase eu já comecei estagiando no Colégio de Aplicação. Eu consegui uma bolsa lá, mas não tinha nada a ver com o Jornalismo. Foi só na segunda fase que eu comecei a ir mais para a área, antes foi mais por uma questão de necessidade.

Géssica: Que atividades você fazia no colégio de aplicação?

Estudante A: Eu trabalhei com os professores das crianças do primário. Era mais para ajudar a confeccionar atividades, trabalhos para ensinar a criança a ler e a escrever. Então eu ajudava a fazer recortes, a montar essas atividades como assistente dela.

Géssica: Na segunda fase você foi para que estágio?

Estudante A: Aí eu trabalhei na rádio, ali no Jornalismo mesmo.

Géssica: Na Rádio Ponto?

Estudante A: Isso, na Rádio Ponto. Eu fiquei por um semestre lá.

Géssica: Mas foi monitoria?

Estudante A: Na época era Bolsa Permanência. Naquela época, com Bolsa Permanência a gente tinha que trabalhar, tinha que fazer estágio em uma atividade de 20 horas semanais para você receber esse auxílio da Universidade. Só na terceira fase que mudou. Daí virou bolsa estudantil, em que eu podia fazer o estágio e solicitar a Bolsa Permanência.

Géssica: Aí depois você foi para que estágios?

Estudante A: Na terceira fase eu fugi de novo do Jornalismo e fui para o estúdio de videoconferência, foi mais técnica. Eu trabalhava na rádio com o Roberto, aí a gente fez uma grande amizade, e quando mudou essa questão das bolsas eu falei: ‘Roberto, eu vou atrás de outra bolsa, porque o máximo que eu puder fazer para não ser um gasto lá em casa, que eu puder ajudar melhor, eu vou atrás’. Aí eu tinha feito a prova da Rádio UDESC, passei, foi bem legal, só que era 30 horas. Daí segunda fase é muita prática, muito corrido. Então, era o final da segunda fase, daí ele disse ‘vamos lá para o estúdio’. Daí eu fui lá e trabalhei com a edição de vídeo. Lá eu fiquei na terceira fase, mais na parte de edição. Quarta fase eu fiz lá também e trabalhei com a parte de diagramação. Fiquei quase um semestre inteiro só diagramando.

Géssica: Lá no estúdio?

Estudante A: Isso, no estúdio. Porque a gente também trabalha muito com a FAPEU. Aí eu fiquei trabalhando e comecei a receber pela FAPEU. Eles precisavam de alguém para diagramar um livro sobre o autor do projeto libras. É como se fosse um manual para outras instituições que quisessem instalar um estúdio de libras, o curso de libras. Era um grupo de professores que vai explicando o que precisa de conteúdo, até o que precisa de material técnico. Aí eles já tinham o conteúdo e eu só tive diagramar.

Géssica: Agora você está na TV UFSC?

Estudante A: Isso, agora estou na TV UFSC.

Géssica: Você entrou lá esse semestre?

Estudante A: Sim. Desde o início eu queria muito. Era minha ideia: ficar um semestre no estúdio de videoconferência, porque eu queria treinar muito a edição de vídeo, e depois pegar um estágio como na TV UFSC, já dominando a parte técnica e trabalhando com Jornalismo.

Géssica: E o que você faz na TV UFSC?

Estudante A: Na TV é mais uma questão de hierarquia. A primeira função é o *master*, que é colocar a programação no ar. Inserir os programas em um sistema que colocar eles no ar. A TV UFSC também tem um sinal de TV aberta, daí precisa tomar bastante cuidado para inserir os programas, para que não fique a tela preta. Já é uma função, na minha opinião, de bastante responsabilidade.

Géssica: Você monta a programação?

Estudante A: Isso. Eu fiquei um mês na programação e fui para a grade, agora eu estou na grade, que é montar a grade da TV. Então eu escolho quais são os programas que vão ao ar durante o horário que está a TV UFSC. Aí se divide a TV UFSC com a TV Brasil. Agora com a grade eu posso trabalhar com reportagem, daí eu comecei a ajudar a equipe de reportagem.

Géssica: Quanto você está recebendo de bolsa agora?

Estudante A: Ao todo somam R\$ 500,00 mais ou menos. R\$ 400,00 de estágio mais R\$ 100,00 de vale transporte, essa é a bolsa do meu estágio, o normal da UFSC. Eu também ganho a permanência, que é R\$ 522,00. Com os dois eu me viro, pago meu aluguel. A bolsa vai toda para o aluguel e com a outra bolsa eu consigo me sustentar. Ganhei isenção do Restaurante Universitário e é bem mais tranquilo. No da videoconferência eu ganhava pela FAPEU, daí era uma bolsa maior. Eu ganhava R\$ 1.000,00 por um estágio de 20 horas, mais a bolsa permanência de R\$ 500,00. Daí sim eu fiz a minha reserva para os próximos semestres.

Géssica: Então é o estágio e a Bolsa Permanência juntos que te mantém?

Estudante A: Sim. Eu estou em processo de renovação do cadastro da Bolsa Permanência e vou torcer para que dê certo. Agora eu estou conseguindo me virar. Não recebo nenhuma ajuda da minha mãe e não quero que ela tenha que me sustentar, por uma questão financeira mesmo. Ela tem como. Eu tenho certeza que se eu perder uma das bolsas, ela vai dar um jeito e eu vou conseguir me virar, mas seria bem complicado, bem difícil. A primeira e a segunda fase eu só ganhava a permanência, daí eu trabalhava para ganhar essa bolsa, então eu só conseguia dinheiro para pagar meu aluguel e as contas, daí o resto para me manter quem me ajudava era minha mãe. Da terceira fase até agora eu consegui me virar sozinha.

Géssica: Como acredita que o estágio está contribuindo para sua formação como jornalista?

Estudante A: Eu acho que o que vai mais me ajudar é com a questão, parece meio clichê, de colocar a teoria na prática. Mas é bem isso. Eu vejo várias coisas que a gente aprende, principalmente nas disciplinas teóricas, como Teoria do Jornalismo. São discussões que você aprende a ligar na teoria, mas você não sabe colocar na prática. São tantas críticas que a gente tem sobre o mercado jornalístico que a gente não sabe por que isso acontece. Então eu acho que estágio é a oportunidade de você testar o que você gostaria de fazer com o que você deve fazer. Antes de ir para o mercado é a chance que você tem de errar. Eu me dedico o máximo e

tento fazer o mais certo que eu puder, mas eu sei que estou ali para aprender mesmo. Não vou ter um chefe. Na TV UFSC eu estou há pouco tempo, mas estou tendo uma baita experiência mesmo, porque a gente trabalha como um TV séria, que está em um sinal de TV aberta e tem toda uma preocupação de ter programação. Não pode dizer ‘não fiz a matéria porque não deu’, não, tem que ter o programa. Você se sente a vontade porque sabe que vai errar, mas está seguro porque não vai ser demitido no dia seguinte. Tem uma maior flexibilidade.

Géssica: Por que quis fazer estágio nesta área?

Estudante A: Eu gosto de Jornalismo, mas sou uma pessoa bem mais técnica. Eu gosto muito de internet, de online, de softwares de edição de vídeo, de diagramação... Gosto porque tenho mais facilidade. No ensino médio eu fiz um técnico em informática, então eu tenho muita facilidade em aprender softwares, gosto de aplicativos multimídia, de edição e animação também me atraem bastante, até um pouco mais que Jornalismo em si. Mas procuro juntar os dois. E gosto muito de edição de vídeo. Uma ideia que eu tenho é fazer no meu TCC um documentário. Então gostaria de ter uma experiência maior até para saber se não é isso que quero. Se não for, vou experimentar outra coisa. Não foi tanto pela apresentação. Até faço, quero aprender e praticar bastante, mas eu gosto mais de editar. E eu queria ver se essa poderia ser a minha área.

Géssica: E você está se identificando?

Estudante A: Sim, estou me identificando bastante. Inclusive, há dois cinegrafistas que vivem me passando ideias de *after* e *premiere*. Eu gosto de aprender bastante de ferramentas e sei que me ajudam muito em tudo, até para fazer as coisas bonitas.

Géssica: Que tipo de dificuldades vem encontrando no estágio? Como faz para saná-las?

Estudante A: Eu vou ser bem específica em cada um. No que foi mais jornalístico, que foi a Rádio Ponto, eu tive mais dificuldade porque não tem uma programação, são vários programas gravados, é uma webrádio, então não tem essa preocupação de produzir e eu senti um pouco isso. Quando eu entrei era uma equipe grande de bolsistas e eu sentia que muitos deixavam nas costas dos outros. E não adiantava, eu me esforçava ao máximo, tinha gente que se esforçava comigo, mas se toda equipe não trabalhava, não adiantava muito e isso me decepcionava um pouco, porque eu via todo um esforço indo em vão. As pessoas não levavam tão a sério, então acho que essa foi a maior dificuldade lá. Eu sempre curti muito a área de rádio, até semestre passado participava do Lança Perfume, que é um projeto de extensão, um

programa extra. Não é uma área que eu queira seguir, mas eu gosto bastante e gostava de fazer as matérias. Mas é bem difícil de lidar porque eu sentia bastante um desinteresse por parte dos alunos, uma falta de comprometimento, de levar mais a sério. Isso aí foi bem difícil, porque eu acho que eu poderia também chegar lá, completar as minhas horas por dia e sair sem fazer nada. Agora na TV isso se resolveu porque a gente tem que produzir, todo mundo tem que ajudar, tem que trabalhar em grupo e eu vejo como mais próximo do mercado, pelo trabalho, pela produção, a gente tem um jornalista formado, e pela oportunidade de fazer coisas novas. De aprender coisas novas e talvez contribuir para o mercado com ideias diferentes. Eu já que não tenho dificuldades, mas uma coisa que eu já senti foi um pouco de falta de orientação, às vezes. Já melhorou bastante, depois que contrataram uma jornalista mesmo para ficar com a gente. Ela se preocupa bastante em ajudar todo mundo, mas ainda assim eu acho que falta mais orientação, em mais dicas de como se portar, como se vestir para apresentar. Ela cuida muito bem da reportagem, mas sozinha ela não pode fazer tudo, então acho que falta um pouco mais de orientação por parte dos professores.

Géssica: Mas você recebe alguma orientação nas atividades que você faz?

Estudante A: Na parte técnica e programação, que é o *master*, ela não está envolvida. É mais o professor mesmo. Ela cuida muito da reportagem em si, da equipe de reportagem. Então acho que nisso ela se preocupa bastante, e porque ela me entregou uma pauta na sexta passada e ela me orientou, me deu dicas. Mas a parte de *master* da grade não. Eu senti bastante falta de alguém me dizer ‘talvez assim, seria legal colocar tais programas, ou agrupar programas parecidos para montar temáticas’. Essa parte é a que sinto mais falta. É muito: ‘me mostra uma ideia’. Se está bom, legal. Se não está bom, faz de novo.

Géssica: Que conhecimentos você considera que foram essenciais para conseguir as vagas de estágio?

Estudante A: Na videoconferência o Roberto já sabia que eu mexia com o *premiere*. Então ele disse: ‘você sabe um pouco, né, o básico?’. E eu disse: ‘eu sei e gosto bastante’, e ele topou e disse que eu nem precisava fazer prova. Ele costuma fazer prova. Prova não, mais uma entrevista com os alunos para saber se eles entendem de edição com o *première*. Comigo ele não fez porque já me conhecia da rádio e a gente realmente tinha muita amizade. Assim, ele me ensinou quase tudo que eu sei de técnica. Eu sentava do lado dele e ele me ensinava, então foi mais por amizade, que ele já confiava, sabia que eu me dedicava, então ele disse ‘não vai trabalhar na concorrência’, que era a Rádio UDESC. E na TV também a mesma

coisa. O professor já sabia que eu tinha feito a disciplina na primeira fase com ele, já sabia do meu trabalho e disse que tinha boas referências minhas. Quando eu resolvi sair da videoconferência, que completou um ano e eu já queria partir para algo mais, então surgiu uma vaga e assim que eu soube eu mandei um e-mail para o professor. Ele já no mesmo dia me ligou convidando que eu podia ir se eu quisesse. Outra professora também me convidou para ir trabalhar com ela na assessoria de comunicação da UFSC. Acho que ela gostava muito da minha personalidade, disse que eu tinha perfil para fazer isso e gostaria que eu trabalhasse com ela. Mas, entre assessoria e tele, eu preferi tele.

Géssica: Quais conhecimentos têm faltado para um melhor desempenho no estágio?

Estudante A: Eu acho que a parte técnica de ferramentas é uma dificuldade bem grande no nosso curso. Porque eu tenho facilidade pelo curso que eu fiz antes de entrar, por já ter feito um curso de *Photoshop* quando era mais nova. Essas ferramentas se repetem muito e, quando eu descubro uma ferramenta nova, vejo vídeos no *YouTube*, pesquiso na internet, mas não é uma obrigação de todo mundo. No vestibular não te perguntam se tu sabes tais programas, então a minha turma tinha muita gente que tinha dificuldade, não para escrever ou manter uma ideia de uma reportagem, tinha dificuldade técnica. De como colocar a ideia deles dentro do *Premiere*, em um documento do *InDesign*, em um documento de *Flash*, que às vezes tem em Jornalismo Online, então eles se sentiam presos por não ter o domínio dessas ferramentas. Eu sentia bastante isso por eles. Claro, também não dá para pedir muito porque é um curso de Jornalismo. Mas talvez até os professores poderiam se aperfeiçoar melhor, promover algumas oficinas... Mas eu também não tiro a responsabilidade de cada um. Eu estou sempre pesquisando, vendo vídeos, lendo tutoriais, depende muito de cada um.

Géssica: Quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso vêm sendo utilizados no estágio?

Estudante A: É a parte de Jornalismo mesmo. Por exemplo, agora na TV eu gravei a minha primeira reportagem. Seriam em relação aos conhecimentos teóricos da profissão: reconhecer o que é mais importante, saber jogar para frente as informações mais relevantes, tirar o que não vai ser tão útil, saber cortar. A minha maior dificuldade era sempre eu querer colocar tudo, para que todo mundo saiba de tudo. Mas não dá. Não tem como. Então eu até brinco com as meninas: um amigo meu pediu para eu ler um texto dele, ele faz engenharia. Quando eu li o texto, comecei a cortar. Parecia que tinha o Scotty aqui falando do meu lado: ‘que é isso? Olha só o tamanho dessa frase? Olha a informação dessa frase?’. Quatro semestres

completos de redação me ajudaram bastante. Não é a toa que a gente tem uma redação por semestre. Eu não percebi, até ter que colocar na prática, ter que fazer uma matéria, um boletim, que ouvir o Scotto reclamando, ouvir o Barreto reclamando, teria me ajudado tanto. Essas matérias com os professores mais velhos são as que mais têm me ajudado.

Géssica: Qual tem sido o papel de seu orientador na realização do estágio?

Estudante A: No estúdio de videoconferência, sendo bem sincera, nunca recorri a ele. Acho também que se eu tivesse ido atrás ele teria me ajudado. Mas ele também nunca me perguntou nada e eu também não questionei, não fui atrás.

Géssica: E nesse agora? Você e seu orientador fazem algum tipo de reflexão sobre as atividades que você está desenvolvendo no estágio? Como é feita esta reflexão?

Estudante A: Não. Por enquanto não. Eu também não posso dizer, porque estou há quatro meses lá. Então os primeiro meses foram muito técnicos, não é algo de Jornalismo e não era algo que eu ia ficar por muito tempo. Era só uma primeira função para você contribuir de alguma forma e conhecer o ambiente, para não lhe jogarem direto na reportagem. E eu até entendendo não ter tido nenhuma reflexão em relação a isso. Mas agora eu acho que ele vai ter, pelo que eu vejo pelo comportamento dele com os outros estagiários mais velhos. Ele se preocupa em saber como é que cada um está produzindo, em saber como cada um está realmente. Ele pergunta: 'Por que você não fez? Você está mal, tem algum problema? Você acha que está pesado?'. Ele não fez isso comigo ainda, mas eu já vi ele fazendo isso com outros estagiários, então eu acho que talvez daqui para frente ele venha a fazer isso.

Géssica: Como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante A: Eu acho que falta sim uma orientação no geral pelo coordenador de estágio, eles têm que se preocupar em ter um *feedback*. Na rádio, eu queria contribuir muito, queria ajudar a melhorar, mas nunca ninguém me perguntou. Se houvesse uma preocupação maior sobre que os alunos fazem, em que áreas que eles estão trabalhando, seria melhor. Da mesma forma que eu levo muito do que aprendi na sala de aula para o estágio, eu também acho que várias coisas que eu aprendi no estágio eu levo para a sala. Não é só unilateral, da aula para o estágio, do estágio para a aula também. Acho que dá para equilibrar, aprender com os dois. E é um conhecimento que fica comigo, não vai contribuir nada para melhorar o curso, vem para mim e fica comigo, isso eu acho que, pensando como curso, é um conhecimento perdido. Eu

ouvi muito alguns professores falando: ‘mas vocês não deveriam estar estagiando’. Mas, por exemplo, no meu caso, se eu não estagiasse, eu não estaria nem aqui. Eu não tenho outra opção, eu tenho que fazer estágio. Esses R\$ 500,00 vão fazer diferença para mim. Eu me preocupo em, pelo menos, já que eu tenho que fazer, fazer algo que me ajude, que não seja só para ganhar o dinheiro. E eu acho que se eles pedissem um relatório seria bom. Eu ia reclamar, muito provavelmente eu ia reclamar e no final do semestre iria pesar, mas acho que iria contribuir.

Géssica: E quais são suas sugestões para um programa de estágio no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante A: Se eu pudesse dar uma sugestão, seria assim: quando a gente faz o nosso cadastro no SIARE, quando tem que fazer aqueles termos e tudo mais, o máximo que eles pedem é uma lista das tuas funções. Mas se eu colocar edição, reportagem e diagramação não me perguntam mais nada. Eu posso colocar essas três palavras e já fechou, estou contratada. Acho que podia melhorar, talvez o teu orientador sentar contigo e dizer: ‘quais são as matérias que vão estar relacionadas com o teu estágio? No que esse estágio vai contribuir?’ Eu sei que o que estou falando são coisas difíceis de serem aplicadas porque nem todo mundo vai fazer estágio nessa área. Mas se fosse na nossa área eu acho que deveria ter uma preocupação do orientador em saber e te mostrar assim: ‘olha teu estágio está relacionado com tais matérias no teu currículo’. E se preocupar em pedir o relatório. É que deixar tudo para o final também é chato, às vezes já tem que pegar outro estágio, fazer o TCC. Se os coordenadores de estágio na UFSC sentassem comigo a cada dois meses, para falar sobre o meu trabalho, acho que teria valido bem mais a pena. Sentar antes e depois para relacionar, para não ter uma atividade totalmente oposta à graduação, para os dois se equilibrarem.

Géssica: E você tem mais alguma coisa a acrescentar sobre o tema Estágio no Ensino de Jornalismo ou sobre o seu próprio estágio?

Estudante A: Eu não acho algo ruim fazer estágio. Eu entendo muito quando o Ijuim falava nas aulas que: ‘você não deveria fazer estágio, porque você está na época de estudar’ e eu concordo com ele, e até por isso que não fui atrás de estágio fora. Fiz a prova do Diário Catarinense, mas para trabalhar lá iam ser 40 horas. No meio do processo classificatório eu desisti. Eles até me deram mais uma chance, pelo currículo, mas eram 40 horas. Você imagina, eu cumpro todas as obrigatórias e tento pegar umas optativas, um dos dois eu ia acabar entregando, e tive que escolher pela graduação. Eu nunca quis levar um estágio a mais

que a graduação, sempre quis complementar os dois. Pode ser mais difícil receber essa bolsa de R\$ 500,00, mas é para não sacrificar o curso. Então é injusto dizer assim: ‘você não deveria estagiar’, ok, bonito, eu não deveria, mas não dá. Então eles têm que ajudar a gente a contornar isso, orienta melhor, tenta nos aproximar, não trata como se a gente não estivesse levando a sério, porque eu faço estágio desde a primeira fase e sempre me preocupei em estudar, em fazer os trabalhos, em me dedicar. O estágio me ajuda muito a não ficar muito parada, então acho que esses estágios de 20 horas são bem legais, dá para dar atenção aos dois. Fica meio louco também, mas é bem bacana.

Entrevista em Profundidade com o Estudante B – Ex-estagiário
Concedida dia 14/10/2014
<p>Área de estágio do aluno: Telejornalismo.</p> <p>Tempo total de estágio: 1 ano.</p> <p>Observações: O estudante fez estágio em uma mesma concedente (TV UFSC) por duas vezes. A primeira experiência durou cerca de 4 meses e a segunda teve 8 meses de duração.</p>

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante B: Olha, a minha situação socioeconômica não é de vulnerabilidade. Dava para eu não fazer estágio. Só que eu estava me sentindo muito inútil. Daí, no final do primeiro semestre de 2011, eu estava na primeira fase na época, na época que a lista de e-mails do curso ainda era viva e alguém, não lembro quem, estava saindo da TV UFSC e mandou um e-mail dizendo que tinha vaga. Aí eu pensei um pouco, pois era no Centro, e coloquei lá me dispondo. Só que entrou outra pessoa. Depois, na outra vaga que teve, o professor me chamou. Foi assim que eu comecei a trabalhar lá.

Géssica: Ele lhe exigiu algum conhecimento específico para lhe dar a vaga?

Estudante B: Tinha que ter feito Tecnologia em Telejornalismo, pelo menos isso. E eu estava cursando Tele I na época. Mas ele prefere quando já cursou Tele I.

Géssica: E que tipo de atividades você desenvolveu lá?

Estudante B: Na primeira passagem, eu praticamente só coloquei coisas no ar. Mas isso era o que eu sempre fazia, então não me comia 100% do tempo. Depois de um certo tempo de pegar a prática, isso comia muito pouco tempo, a não ser quando dava *pau* no computador e a TV caía, daí era uma bosta e dava trabalho. Mas era isso, e aí de vez em quando editava uma matéria, gravei uns *offs* de vez em quando. Na primeira vez eu trabalhei mais na parte técnica mesmo. Mas depois, no finalzinho desse negócio, eu estava planejando a programação, mas isso eu não fiz nem duas semanas. Daí eu saí do estágio, tirei umas férias e voltei para casa. Voltei a trabalhar na TV nove meses depois, fui monitor da rádio entre as duas passagens. Nessa segunda vez, também fiz isso de mexer com programação. Todo mundo entra lá fazendo isso. Só fiquei um mês e meio só nessa. Daí, fui para planejar a grade e também fiquei umas duas semanas só nisso. Então eu vim aqui para a sucursal, digamos assim, na Agecom, e aí eu virei cinegrafista. Editava coisas de vez em quando também, mais cinegrafia e edição, principalmente. Foi esse que fiquei mais tempo, acho que eu fiquei uns cinco meses.

Géssica: Quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso foram utilizados no estágio?

Estudante B: Bastante coisa. Eu aprendi a mexer com edição de vídeo no curso. Aprendi a mexer com câmera no curso. Com câmera assim... No sentido mais abstrato, né? Porque cada câmera se mexe de uma maneira. Mas no meu caso específico, até por ter sido uma coisa na universidade, ter sido com um professor mesmo, não ser só um patrão que quisesse só pagar 500 *pila* para um empregado, nesse ponto, o estágio na TV UFSC foi muito bom.

Géssica: E teve algum conhecimento especificamente de jornalismo que você aprendeu especificamente no estágio?

Estudante B: O que eu sei de fotografia hoje em dia é por causa de época em que eu fui cinegrafista. Mexer com temperatura de cor, exposição, essas coisas...

Géssica: Que tipo de dificuldades encontrou durante a realização de seu estágio?

Estudante B: Na primeira vez tive problemas com horários, por causa da grade maluca do curso e com computador que transmitia a TV, que dava pau direito. Isto na primeira vez que trabalhei lá, depois consertou. Talvez mais conhecimento em foto tivesse me facilitado a vida quando fui cinegrafista, mas deu pra levar.

Géssica: Essa dificuldade dos horários, como você resolveu?

Estudante B: Fazia uma grade maluca na TV também. Trabalhava dois dias de manhã, um de noite, um de manhã e de noite. Ia para a TV, no Centro, de manhã, ia para a aula durante a tarde, voltava para a TV durante a noite.

Géssica: Quem lhe orientava?

Estudante B: Eu tinha três chefes: quando eu trabalhei lá na TV UFSC era só o Crocomo, e no final da época que eu passei lá, teve concurso, e entrou o Mutley. Eu não lembro direito o que ele fazia, porque a gente trabalhou muito pouco tempo juntos naquela época. Daí eu saí. E nesse tempo que eu saí a TV expandiu bastante. Quando eu trabalhei lá pela primeira vez tinha só o Mutley, o chefe e mais dez bolsistas. Era um estagiário de Design, um estagiário de Cinema, e eu acho que oito do Jornalismo.

Géssica: Seus colegas profissionais e seu orientador lhe deram alguma orientação? Conversavam com você sobre as atividades do estágio?

Estudante B: Sim, sim. Isso quando eu virei cinegrafista. No tempo em que eu fiquei fora a TV passou por uma expansão e entrou quatro servidores. Entrou um designer, o Andey; o Peri, o cara que mexia com vídeo, que era um dos meus chefes imediatos; o Mutley, que era outro dos meus chefes imediatos, que era chefe de reportagem, digamos assim; e um outro cara que é formado em Cinema e mexia com produção. Eu estava sempre trabalhando com o Mutley ou o Peri, o Mutley na reportagem e o Peri como cinegrafista chefe. E eles me orientavam bastante. Como eu estava aqui e o professor estava lá no Centro, eu estava tendo menos contato com ele. Mas sempre conversava.

Géssica: Que papel teve seu orientador durante a realização do estágio?

Estudante B: Quando eu trabalhava na TV as conversas eram diárias, por estarmos no mesmo prédio. Ali na sucursal a gente conversava por telefone ou se esbarrava e trocava ideia, em geral coisa de uma vez por semana, às vezes mais, dificilmente menos. Foi uma ótima orientação.

Géssica: E ele chegou a fazer algum tipo de reflexão sobre as atividades que você desenvolveu no estágio? Como foi essa reflexão?

Estudante B: Não. O que rolava sempre era no corredor. ‘Pô, vamos fazer isso aqui’ e ‘Toma cuidado com isso’. Essas coisas, sabe? Não era uma coisa muito sistematizada, mas acontecia.

Géssica: E eram frequentes essas conversas?

Estudante B: Como eu não trabalhava no mesmo prédio que ele, não era tão frequente assim. Era mais quando a gente se encontrava mesmo. Quando ficava muito tempo sem, era uma vez a cada 15 dias, mas normalmente toda semana a gente trocava ideia.

Géssica: E por que você acabou parando de fazer estágio?

Estudante B: Eu estava trabalhando 20 horas e eu levei uma prensa da minha mãe para eu me formar logo. Daí eu passei para a monitoria que era oito horas a menos e eu estava fazendo duas disciplinas a mais do que eu estava fazendo normalmente.

Géssica: Por que quis fazer estágio nesta área?

Estudante B: Apareceu. Eu gosto mesmo de texto. Até gosto de vídeo, mas não foi porque eu sempre quis trabalhar com isso.

Géssica: Além daquela disciplina que você já citou, eles te exigiram mais algum conhecimento específico?

Estudante B: Não. Isso depende para que lado você vai. Lá o trabalho é mais ou menos segmentado. Todo mundo sabe fazer tudo lá, o pessoal cobre buraco de vez em quando. Mas o normal é ser mais ou menos especializado. Só o da disciplina. Mas o pessoal, quando não sabe, ensina e é tranquilo.

Géssica: Quais conhecimentos faltaram para um melhor desempenho no estágio?

Estudante B: Foto... É que eu entrei no estágio a primeira vez eu estava na segunda fase, não serve muito como parâmetro. Você começa a ter a alguma coisa na cabeça no curso ali pela quarta. Mas acho que foi isso mesmo, foto principalmente.

Géssica: Como a universidade e até o curso de Jornalismo podem atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante B: Aí é problema. Eu não estou em situação de vulnerabilidade socioeconômica, mas tem muita gente que está. A cota está expandindo, então vai ter muita gente assim. Hoje, a política de permanência na Universidade é uma bosta. E no Jornalismo, pelo menos, o estágio acaba cobrindo isso. Então fica complicado. Eu só estagiei na Universidade, todos os meus serviços remunerados ligados ao Jornalismo foram na Universidade, então eu não sei como é para fora. Mas eu acredito que, por exemplo, uma pessoa que vai para a Fábrica (de Comunicação) fazer clipagem, ela não vai aprender nada. Ela já sabe ler. É um pré-requisito. Só que, também, se a Universidade pegar no pé nisso a pessoa não se forma. A pessoa vai vir para cá. Vai vir do interior, ou mesmo morando aqui, vai ter pelo menos oito semestres ainda, ainda mais com essa grade de horário maluca que a gente tem, não vai poder ter um emprego de verdade por causa da grade e vai ter que estar com um estágio. E daí vai lá e corta o estágio e a pessoa vai ter que voltar para casa, vai aumentar a evasão do curso. Então isso é muito complicado, a gente conversa bastante sobre isso e não consegue ver uma resolução para isso. A não ser que tivesse estágio para todo mundo na universidade, mas isso nunca vai acontecer.

Géssica: Quais são suas sugestões para um programa de estágio no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante B: A gente não sabe. Até porque isso vem de cima, não sei como a Fenaj deixou passar isso. A tendência é forçar o salário, digamos assim, do estágio, para baixo. E, cara, Jornalismo não é engenharia. Se um engenheiro faz m**, uma ponte cai. Não vai morrer ninguém se você for jornalista. E também não é dois meses de estágio obrigatório que vai ensinar a pessoa a deixar de fazer m**. Jornalismo não é essa complexidade toda que o pessoal pinta. Parece que ficam tentando legitimar a tomada de conhecimento como curso, como profissão, é uma insegurança que é ridícula.

Géssica: Mas você acha que o estágio contribui para sua formação profissional?

Estudante B: Tem estágios e estágios. O meu contribuiu. Só que eu sou uma exceção, só trabalhei na Universidade e não tem vaga para todo mundo. E eu tive sorte de arrumar uma delas.

Géssica: Mas por que você acha que contribuiu?

Estudante B: Eu peguei ritmo e isso é uma questão conteudística, é uma questão de preparação para o mercado mesmo. Porque a gente estava fazendo em dado momento três matérias em quatro horas, a gente fez isso várias vezes. Dinâmica de conversar com pessoas, apesar de que eu já tinha um pouco disso em redação, mas melhorou. Pensar a apuração em vídeo para poder ter as coisas ligadas, essas coisas... Eu considero ter sido muito boa a minha experiência de estágio.

Géssica: E você tem mais alguma coisa a acrescentar sobre o tema Estágio no Ensino de Jornalismo ou sobre o seu próprio estágio?

Estudante B: Não.

Entrevista em Profundidade com o Estudante C – Estagiário
Concedida dia 09/10/2014
Área de estágio do aluno: Assessoria de Imprensa e Telejornalismo. Tempo de estágio: 2 anos e 6 meses. Observação: O estudante fez estágio por 2 anos na Prefeitura Municipal de Florianópolis e este ano começou a fazer estágio em um projeto de telejornalismo da UFSC

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante C: Eu precisei por causa do dinheiro, era uma necessidade mais financeira do que qualquer outra coisa.

Géssica: Esse foi o principal motivo?

Estudante C: É... E pela experiência também. Só que assim, eu comecei a estagiar na segunda fase, bem no comecinho, abril. Era assessoria, foi aí que eu comecei a trabalhar na Prefeitura. Eu estava desesperada, eu precisava de dinheiro, daí surgiu assim, bem por acaso. Eu fiz uma entrevista com o secretário municipal, e ele: ‘a, preciso de uma estagiária’, daí eu: ‘a, preciso de um estágio’, pronto, então eu comecei.

Géssica: Você mora aqui nos arredores da UFSC?

Estudante C: Sim, esse dinheiro ajuda a me sustentar.

Géssica: Você recebe ajuda dos seus pais também?

Estudante C: Sim, dos meus pais também.

Géssica: A bolsa que você tem recebido nos estágios tem lhe ajudado muito ou só complemento do que recebe dos seus pais?

Estudante C: Não, o dinheiro do estágio me ajuda muito. É uma grande parte do que eu gasto aqui com a Universidade.

Géssica: Como acredita que o estágio contribuirá para sua formação como jornalista?

Estudante C: É meio complicado. O meu primeiro estágio acho que contribuiu nessa coisa de eu conhecer o trabalho de assessoria, ver se é isso mesmo que eu quero, e ver o que eu não quero, não gosto de assessoria. Foi esclarecedor essa parte, para pelo menos eu descobrir um pouquinho do que eu não gosto, não só o que eu gosto. E, no mais, me ajudou muito com

contatos, porque trabalhando na Prefeitura você conhece muita gente. Entendi muito melhor a política. Antes eu era meio que ‘ai, não sei’, hoje eu já acho que tenho posicionamento político, esse tipo de coisa.

Géssica: Que atividades você vem desenvolvendo nos estágios?

Estudante C: Agora a única coisa diferente é que estou editando vídeo aula. Mas geralmente é escrever matéria para a instituição onde trabalho, para colocar no site. A maioria é voltada para site. Antes eu também criei um jornal interno da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana, mas eu mais diagramava. Quem fazia as matérias era minha chefe.

Géssica: Ela é jornalista?

Estudante C: Aham.

Géssica: Em que área que você tem feito estágios?

Estudante C: Assessoria.

Géssica: Sempre foi isso?

Estudante C: Sim.

Géssica: E foi sempre na Prefeitura?

Estudante C: É, foram dois anos na Prefeitura.

Géssica: Por que você foi fazer estágio nesta área?

Estudante C: Pela oportunidade, foi bem por acaso. E como eu estava no segundo semestre eu não tinha preferência.

Géssica: Por que você continuou lá por dois anos?

Estudante C: Então, porque o valor da bolsa era muito bom.

Géssica: Quanto que era?

Estudante C: Era R\$1200,00. E aqui na UFSC era só R\$500,00. Só que lá eram seis horas por dia, mas eu tinha muita flexibilidade. Foi bem tranquilo, consegui levar. E os dois anos também porque como eu conheci muita gente lá, eu gostei muito das pessoas. Estava aprendendo mais coisas fora do Jornalismo do que do Jornalismo mesmo. Enfim, entendendo

como funciona a máquina. Eu: ‘a, vou ficar mais que eu acho que dá para entender um pouquinho melhor’. Mas depois foi por causa do dinheiro mesmo.

Géssica: Mas você quer continuar trabalhando com Jornalismo Político ou algo assim?

Estudante C: Talvez. Não tenho certeza, mas não ficaria triste em fazer.

Géssica: Se sente preparada para atuar nesta área?

Estudante C: Preparada, preparada não. Porque, mesmo estando lá dentro dois anos, tem muita coisa que a gente não consegue entender, só se você sujar suas mãos. Mas um pouquinho sim. Eu acho que mais que muitos colegas, por exemplo.

Géssica: Que tipo de dificuldades vem encontrando no estágio?

Estudante C: Agora, principalmente, a falta de orientação, porque eu não trabalho com o jornalista que, teoricamente, trabalha comigo. Ele nunca está lá. E quando eu tenho dúvida eu acabo perguntando para outras pessoas que não são da área. Sou orientada por pessoas que não são jornalistas. Por exemplo, as pessoas que revisam meu texto são pessoas formadas em Letras. Daí eles ficam arrumando meu texto, e transformam numa coisa que não é texto jornalístico, aquela coisa muito formal e tal.

Géssica: Essa é a única dificuldade, ou tem mais alguma dificuldade?

Estudante C: Não, acho que essa é a principal. Assim, por ser estagiária também, eu escrevo uma coisa e eles não respeitam: ‘não é assim que eu quero que você escreva’, não tem muita credibilidade, principalmente porque eu acabei de chegar.

Géssica: Que conhecimentos você considera essenciais para conseguir a vaga de estágio?

Estudante C: Eu acho que o básico do texto jornalístico que eu tinha. Estava no começo, mas tinha passado pelo Scotto, sabia escrever notícia. E eu acho que tem matéria optativa de Assessoria de Imprensa ou até a obrigatória de Comunicação Institucional que seria muito legal se eu já tivesse feito. Depois que eu fiz, vi que: ‘meu, se eu soubesse disso tudo antes não teria apanhado, engatinhado daquele jeito’.

Géssica: Eles exigiram algum conhecimento básico de Jornalismo?

Estudante C: Não, tanto que eu entrei e não sabia nada. E na Prefeitura não tinha orientação no começo. Nossa, foi muito difícil.

Géssica: Mas você tinha contato com jornalista?

Estudante C: Não. Eu comecei tudo do zero, porque ninguém tinha feito uma assessoria boa. Eu cheguei lá e não tinha nada.

Géssica: Não tinha nem Assessoria de Imprensa?

Estudante C: Não. Tinha há muito tempo, mas parece que o assessor ficou doente, daí estava há mais de um ano sem ir trabalhar. Eu comecei do zero e sem saber o que eu estava fazendo. Depois de meio ano, acho, é que contrataram essa jornalista, a minha ex-chefe.

Géssica: Quais conhecimentos têm faltado para um melhor desempenho no estágio?

Estudante C: É que assim, é bem específico para a área que trabalhei. Se tivesse, sei lá, Jornalismo Político, seria muito interessante. Abriu agora uma optativa e eu estou no sétimo semestre. É muito importante, não só para quem trabalha na área. Poxa, a gente faz Jornalismo, não tem nada focado em política e eu acho que isso é muito importante.

Géssica: Quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso vêm sendo utilizados no estágio?

Estudante C: Da notícia e edição de vídeo, que foi bem importante, sei mexer tranquilamente, não me desespero.

Géssica: E do conhecimento que você tinha, está aprendendo algo a mais ou não?

Estudante C: Em edição sim, porque eu trabalho com duas pessoas que fazem isso desde sempre. Eles são técnicos, trabalham na TV UFSC, daí me ensinam. Mas são coisas do programa de edição mesmo, tipo atalhos, a 'faz isso aqui que fica melhor', essas coisinhas, detalhes.

Géssica: Qual tem sido o papel de seu orientador na realização do estágio?

Estudante C: No primeiro acho que foi mais nulo do que nesse. Porque, esse como meu orientador é também meu chefe eu às vezes encontro ele, tipo, uma vez na semana. Só uma vez até agora que eu fui atrás dele para tirar uma dúvida. Mas, de resto, perguntei para o pessoal aqui mesmo, fiz como eu achava que tinha de ser feito, e foi.

Géssica: Ele não lhe pergunta nada?

Estudante C: Olha, até agora, eu entrei em abril, ele veio umas duas vezes e perguntou como é que eu estava, o que eu estava achando e tal. É isso, no máximo.

Géssica: Qual foi a dúvida que você foi tirar com ele?

Estudante C: É porque eu fui contratada para fazer reportagens em TV que iam para o site e até agora eu não comecei esse projeto, então eu estou fazendo outras coisas. Daí eu fui perguntar para ele do projeto, que alguém comentou que ia começar. Eu falei: ‘vai começar mesmo? O que eu já posso ir fazendo?’. E ele: ‘não’. Até agora eu não comecei o projeto.

Géssica: Mas no seu plano de estágio está como você iria fazer esse projeto?

Estudante C: Isso, mas eu estou fazendo outra coisa. Está como se eu fosse fazer aquilo e também essa parte de assessoria no site, e isso eu estou fazendo. Eu comecei com essa coisa de edição porque eu estava passando o dia inteiro sem fazer nada.

Géssica: São quantas horas por dia?

Estudante C: Quatro. Vinte por semana.

Géssica: E quanto você recebe agora? R\$500,00?

Estudante C: Então, essa que eu faço é pela FAPEU (Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão). A FAPEU é a que melhor paga, eu acho. Essa é de R\$800,00, mais R\$100,00 de vale transporte.

Géssica: E o outro orientador aqui da UFSC? Do outro estágio?

Estudante C: Eu nunca falei com ele, acho que uma vez ele perguntou assim por perguntar: ‘como é que está o estágio?’, porque ele conhecia o secretário municipal, mas só por isso. Eu o chamei como orientador porque foi na aula dele que a gente fez uma entrevista com o secretário. E eu não conhecia ninguém ainda, era caloura. Daí eu: ‘o professor pode assinar para mim?’. Nem era a área dele.

Géssica: Você e seu orientador fazem algum tipo de reflexão sobre as atividades que você está desenvolvendo no estágio? Como é feita esta reflexão?

Estudante C: Não. Aqui a única coisa é que ele está mais presente na minha vida porque está envolvido com o projeto. Não sei se ele não estivesse como é que seria.

Géssica: E a jornalista lá no outro estágio, ela lhe dava alguma orientação?

Estudante C: Sim ela era bem querida. Só que ela era recém-formada pela Estácio. Mas ela sempre ajudava nessas questões mais delicadas. Por exemplo, em textos mais delicados ela supervisionava. Eu nunca fazia nada sem ela olhar antes. Nós trocávamos muitas ideias. Com ela eu tinha essa troca.

Géssica: Era com ela que você sanava suas dúvidas?

Estudante C: Sim.

Géssica: Como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante C: Eu não sei se fiscalização é a palavra. Porque assim, a gente tem que fazer aquele relatório de estágio e aquilo não serve para nada. Você pode escrever qualquer coisa e o orientador, o supervisor, não sei, mas ele nem lê. Estes tempos eu escrevi uma coisa engraadinha, só para testar, e ninguém viu. E, nossa, eu já fiz alguns relatórios, porque eu fiz quase três anos de estágio. É esse o controle que teoricamente a universidade tem sobre o que o aluno está aprendendo, mas não tem. Talvez se eles parassem para prestar um pouquinho mais atenção nisso. Eu acho que é a única forma, mas só sonhando, né? Porque não vai mudar.

Géssica: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Estudante C: Sim. Voltando à questão da orientação, é muito importante você trabalhar com alguém da área, porque, que nem no meu estágio atual, eu me sinto muito inútil. Eu estou aprendendo edição de vídeo, mas é coisa que, se eu quisesse, olhava um tutorial e aprenderia um pouquinho mais. O estágio só acrescenta quando você realmente trabalha com um profissional ao seu lado, sempre, diariamente, como eu, que dividia minha sala com minha chefe. Você aprende muita coisa assim.

Entrevista em Profundidade com o Estudante D - Estagiário
Concedida dia 13/10/2014
Área de estágio do aluno: Assessoria de Imprensa Tempo total de estágio: 1 ano e 6 meses. Observação: O estudante faz estágio na assessoria de comunicação de um vereador e teve experiências de estágio em Jornalismo antes de entrar na UFSC.

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante D: Eu pensei em fazer estágio para já entrar no mercado de trabalho, para conhecer como funciona e também para fazer contatos. Mas principalmente para aprender, para ver como realmente é quando for contratado.

Géssica: E você tem expectativa de ser contratado nesse estágio?

Estudante D: Não. Porque eu não quero. Eu gostei bastante da área de assessoria de imprensa, mas eu vi que eu não quero isso. Eu me empolguei muito com o *Zero* e com outras experiências de outros lugares, daí eu vi que eu quero de uma área mais de jornalismo. Quero dizer, assessoria é jornalismo, mas quero mais de investigação, do que a gente aprende aqui no curso.

Géssica: Mas essas outras áreas que você se empolgou, foi mais por causa das atividades feitas no Jornalismo ou nos outros estágios que você fez?

Estudante D: Foi mais dos outros estágios que eu fiz. Assim, falando do curso em si, até o *Zero* eu estava muito desempolgada com o curso. Eu sempre quis Jornalismo, até pelo fato de ter vindo de transferência, enfim, ter passado por outras experiências, eu sempre tive certeza do que eu quis aqui dentro da UFSC. Mas o curso em si não me proporcionou, digamos essa vontade de exercer a profissão.

Géssica: Quanto aos outros estágios que você fez antes do atual. Você pode contar um pouquinho como era cada um deles?

Estudante D: Sim. Na verdade, o que eu mais me empolguei foi dois: um eu tinha 17 anos, eu estava na escola, e daí eu trabalhei na TVCOM SC apresentando um programa infantil. Foi muito legal, muito divertido, só que eu era muito pirralha e não tinha noção do que eu estava fazendo, só que eu me empolguei demais. E o outro, mais recente, acho que foi em 2012, que foi na RIC Record, eu fiz o estágio por seis meses e depois eles me contrataram, eu adorei,

amei, porque lá eu fazia tudo. Era até um pouco estranho porque eu era estagiária, eu ganhava como estagiária, ganhava R\$ 650,00 e eles me davam tudo para eu exercer mesmo como se fosse a jornalista. Tipo, eu era a responsável pelo portal da *Its*, que era de adolescente, e ainda escrevia na revista, no jornal, fazia matéria para a TV, enfim, fazia tudo. Mas apesar do salário que não condizia com tudo o que eu fazia e, enfim, outros problemas internos da empresa, eu adorei, eu vi que era aquilo que eu queria fazer. Foi um dos momentos mais empolgantes para mim como jornalista.

Géssica: Aí você estava na outra universidade?

Estudante D: Não. Aí eu já estava aqui na UFSC. Só que quando eu fiz seis meses de estágio, eu estava na outra universidade. Quando eles me contrataram mesmo, como jornalista, eu estava na UFSC, só que não conta no CAGR.

Géssica: E quantas horas você trabalha por dia nesse estágio agora?

Estudante D: Eu trabalho seis horas.

Géssica: E quanto você recebe de bolsa, fora o Vale Transporte?

Estudante D: Eu ganho, eu acho que R\$ 1.200,00.

Géssica: Como acredita que o estágio contribuirá para sua formação como jornalista?

Estudante D: Eu acredito que contribua, porque a gente aprende muito como funciona a realidade lá fora. Alguns estágios mais que outros, mas a maioria deles faz você trabalhar como se fosse uma profissional já formada. Dificilmente eles vão te tratar como uma estudante. E também é muito da pessoa se impor. Por exemplo, todos os estágios eu acredito que eu poderia ser um pouco mais quietinha, na minha, pelo fato de ser estudante. Mas eu sempre fui muito empolgada com as coisas e acabei me destacando porque eu queria fazer mais do que eu tinha condições de fazer. E isso é muito importante. Só que, por outro lado, eu acho muito errado pelo fato de a gente ser estagiário e estar ganhando como estagiário e não ser formado, mas ter toda a responsabilidade de estar fazendo um trabalho como se já fosse jornalista.

Géssica: Em que área está fazendo estágio?

Estudante D: É assessoria.

Géssica: Por que quis fazer estágio nesta área?

Estudante D: Porque eu recebi uma proposta muito boa e já estava insatisfeita com o trabalho que eu estava fazendo na RIC, por problemas internos da empresa. E também porque eu acredito muito no vereador que eu trabalho. Eu acredito de verdade que ele está fazendo coisas boas para a sociedade, e isso acabou influenciando para que eu realmente quisesse fazer um trabalho lá dentro. Divulgar essas coisas que estavam acontecendo.

Géssica: Foi ele que lhe convidou?

Estudante D: Foi na verdade a chefe de gabinete dele que me convidou e aí eu fiz uma entrevista. Tem um jornalista lá dentro, só que ele é o chefe de gabinete, ele não exerce como jornalista e eles precisavam de um jornalista. Daí eu fiz uma entrevista com ele e eles me contrataram. Na verdade eles queriam me contratar já para ser efetiva, para ser assessora como os outros. Só que eu comentei que eu queria trabalhar mais as questões da faculdade, da UFSC, que eu queria me formar no tempo certo, enfim. E daí eu falei que eu preferia ser estagiária, ganhar menos, só que também trabalhar menos, para também poder fazer o meu curso direito. E eles concordaram, foi bem legal.

Géssica: E você está conseguindo equilibrar os dois?

Estudante D: Estou. Na verdade, nesse momento eu estou até mais aqui dentro do que lá. Como eu lhe falei, eu estou fazendo o *Zero*, então eu acabei me dedicando mais a essa edição do jornal e larguei um pouco a questão do estágio. Mas agora eu tenho que voltar porque é o meu estágio, eu não posso deixar.

Géssica: E que tipo de dificuldades vem encontrando no estágio?

Estudante D: Bom eu acho que no meu estágio tem problema de comunicação, mas é uma questão interna, mais da comunicação institucional. Ela não acontece, tanto dentro do gabinete quanto nas outras instâncias dentro da Câmara Municipal, eles não dialogam. Então isso acaba dificultando um pouco. Por exemplo, acontece alguma coisa com o vereador, o vereador pelo jeito dele pessoal ele não comenta com os outros e quando os outros sabem também não comentam nada e se eu não pergunto não acontece. Então eu acho que o problema da comunicação é o maior deles. Isso ajuda também para ter um pouco de falta de organização, porque se tu não tens uma comunicação, as coisas acabam sendo desorganizadas. Cada um vai fazendo da maneira que acha que é certo. Não tem um livro ou um manual que diga 'você tem que fazer isso ou aquilo', não tem os processos.

Géssica: E você tem alguma dificuldade com o exercício do jornalismo no seu estágio?

Estudante D: Não, eu não tenho dificuldade. Eu sinto que eu sou um pouco envergonhada para poder, por exemplo, ligar para os jornalistas e passar tal informação. Mas eu faço porque eu tenho que fazer. Mas eu não me sinto tão à vontade. Às vezes eu prefiro que o meu chefe, que já é jornalista e todo mundo da cidade conhece ele, faça. Eu tenho certeza de que vai ter mais efeito do que eu ligar: ‘a, mas quem é tu?’, entendeu? Todo mundo já sabe quem ele é na cidade, então fica mais fácil.

Géssica: E quando você tem alguma dúvida, quem que você procura para saná-las?

Estudante D: Eu procuro esse meu chefe. Ele é um *puta* jornalista. Ele não exerce mais a profissão, mas quando eu tenho alguma dúvida, até em relação ao curso, ou da profissão... Enfim, já bati vários papos com ele, até do *Zero* eu perguntei várias coisas para ele, porque ele foi da segunda turma do Jornalismo aqui, então ele já tem uma carreira.

Géssica: Que conhecimentos você considera essenciais para conseguir essa vaga de estágio?

Estudante D: Então, pelo fato de estar fazendo o curso de Jornalismo e eu falei das minhas experiências na entrevista. Já morei fora, no Canadá, por oito meses, para estudar inglês, trabalhar etc.. Então eu acho que foi influenciando. Mas também eu acho que se eu tivesse só o Jornalismo aqui na UFSC, ok, nesse caso. É uma suposição, mas eu acho que sim, porque como eu já conhecia a chefe de gabinete, que trabalha lá e foi ela que me indicou, porque já conhecia o meu trabalho, então facilitou.

Géssica: Quais conhecimentos têm faltado para um melhor desempenho no estágio?

Estudante D: Como a área é assessoria de imprensa eu acredito que o curso tem essa falha. Eu não tive aula com a Valentina, falaram que ela era uma ótima professora em relação à Comunicação Institucional e toda essa área de assessoria. Eu estou fazendo agora a optativa de Assessoria de Imprensa e Comunicação Institucional I, que eu não tinha feito ainda, e eu particularmente vejo que há uma vontade muito grande da professora de passar as coisas, ela é muito esforçada, muito querida, mas dá para ver que ela não tem muita experiência na área, na vida profissional mesmo. Acho que há uma defasagem. Eu não sei de quem é a culpa, porque se ela foi contratada é porque os professores achavam que ela tinha capacidade para fazer isso. E até a bibliografia que é passada, são coisas muito óbvias. Eu não sinto que o curso de

Jornalismo tem me dado ferramentas para conseguir exercer esse trabalho de assessoria de imprensa.

Géssica: Quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso vêm sendo utilizados no estágio?

Estudante D: Eu acho mais as técnicas de redação. Apesar do release de assessoria você ficar muito preso a uma *formulinha*, todas as aulas de redação que eu tive com diferentes professores me auxiliaram muito para melhorar o texto e para conseguir passar a informação. Porque até na assessoria você consegue fazer um texto que não pareça um release, mas que a gente sabe que é. Outra aula que foi superimportante foi a de editoração eletrônica porque, por exemplo, o site foi outro jornalista que fez, mas eu ajudei muito a fazer. Agora, quando teve eleição e ele foi candidato a governador, eu remodelei todo o site para a campanha e eu acho que foi importante essas aulas. Que mais... Planejamento gráfico foi superimportante para eu conseguir fazer os jornaizinhos e fazer toda essa parte gráfica, até panfletos que às vezes eu tenho que fazer. Eu aprendi tudo isso dentro do curso. Não são áreas ligadas diretamente à assessoria, mas que te dão ferramentas para você fazer outras coisas no mundo profissional. Não só de uma área, mas se você quiser ir para qualquer outra você consegue.

Géssica: Você pode sintetizar as atividades que você faz no seu estágio?

Estudante D: No estágio eu faço releases dos assuntos que estão acontecendo, eu envio para os jornalistas, faço notinhas para colunistas, tiro fotos, cuido do site, publico vídeos e algumas coisas mais multimídia eu ajudo a fazer, a dar uma assistência. O Facebook também eu alimento, eu faço o jornalzinho do mandato uma vez por semestre, escrevo e diagramo, e é isso.

Géssica: E alguém faz a sua supervisão lá no estágio?

Estudante D: O jornalista.

Géssica: Ele revisa o seu material?

Estudante D: Ele revisa. Mas algumas notas, algumas coisas que eu escrevo às vezes eu faço e nem falo para ele que eu fiz, e ele não revisa. Mas assim, eu sou muito consciente de que eu sou estudante ainda. Então inúmeras vezes eu quis mostrar para ele, para ele me ajudar a ver se tem alguma coisa errada, se tem alguma coisa para mudar. Porque eu acho que é importante ter esse *feedback*. E se eu tenho a oportunidade de ter uma pessoa tão competente

ao meu lado, porque não usar dos conhecimentos dela para eu poder crescer? Então é basicamente isso, ele faz uma revisão de todo o material do jornal, por exemplo, e depois a gente passa para a chefe de gabinete, que também trabalha lá, só que ela é formada em letras e é superminuciosa em relação à língua, porque jornalista deixa mais batido algumas coisas de português e ela pega mais nessa parte da gramática, o que é ótimo.

Géssica: Qual tem sido o papel de seu orientador na realização do estágio?

Estudante D: Assinar os documentos.

Géssica: Você e seu orientador fazem algum tipo de reflexão sobre as atividades que você está desenvolvendo no estágio? Como é feita esta reflexão?

Estudante D: Não. Fora assinar os documentos ninguém me perguntou nada de nada, nem o que eu fazia. Só uma vez que a coordenadora soube que eu trabalhava com esse jornalista e me perguntou o que eu fazia, só.

Géssica: Como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante D: Eu acho interessante ter um acompanhamento. Eu não sei como funciona bem essa orientação. É uma pessoa do Departamento de Jornalismo responsável por esses estágios.

Géssica: Sim. E cada aluno tem um professor que o orienta.

Estudante D: Sim. Eu acho que seria mais interessante se essa pessoa fosse mais presente e se realmente se preocupasse com o andamento do estágio do aluno. Se tivesse pelo menos uma reunião a cada três meses para fazer um levantamento... Não digo nem entregar um relatório, mas para fazer mais uma reflexão, quais as dúvidas, até essa questão ética que às vezes passa. Por exemplo, eu tenho muita sorte que eu tenho um jornalista trabalhando comigo, agora tem gente que não tem. Tem gente que talvez é formado em comunicação social, mas que não dá muita atenção ao aluno.

Géssica: Quais são suas sugestões para um programa de estágio no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante D: Eu não sei, não pensei nisso. A única coisa que eu acho é em relação ao comprometimento do professor em fazer o acompanhamento do aluno. Não precisa ser

semanal ou mensal a reunião, mas ter certa periodicidade de encontros para ter uma conversa e para ter esse *feedback*, que eu acho que é importante.

Géssica: Você gostaria de complementar com alguma informação ou opinião sobre o tema?

Estudante D: Eu gostei muito de trabalhar em assessoria, mas definitivamente eu vi que eu não quero assessoria. Agora eu vou buscar o que me faz feliz, o meu lugar ao sol. Vou tentar algo em uma redação no próximo ano, mesmo que pague pouco, porque eu acho que é importante ter essa experiência, ver se é a área que eu quero, mesmo que seja por seis meses.

Entrevista em Profundidade com o Estudante E - Estagiário
Concedida dia 16/10/2014
Área de estágio do aluno: Marketing de Conteúdo e Jornalismo Online. Tempo total de estágio: 11 meses. Observação: O estudante faz estágio desde a primeira fase. Até o dia da entrevista, nenhum dos dois estágios que o aluno fez/fazia tinha sido registrado no SIARE.

Géssica: Por que você decidiu fazer estágio já na primeira fase?

Estudante E: É mais por uma necessidade de complemento de renda. Geralmente quem procura estágio quer tentar aplicar um pouco mais do conhecimento teórico, até mesmo da prática acadêmica, no mercado de trabalho. Eu já tive contato com o mercado de trabalho antes de vir para cá. Então, como eu venho de uma família que não é daqui, e as condições para se manter aqui são um pouquinho mais altas, eu resolvi fazer um estágio para complementar a renda.

Géssica: Onde foi o seu primeiro estágio? E o que você fazia lá?

Estudante E: Foi na Contentools. O meu trabalho era basicamente fazer *copy desk* de marketing de conteúdo, como a gente chama. Seriam os textos de blogs empresariais, que têm o objetivo de atrair um público específico.

Géssica: Você só corrigia? Ou chegava a fazer os textos?

Estudante E: Não, eu só corrigia.

Géssica: Então era apenas essa parte de *copy desk* que você fazia?

Estudante E: Isso. E a parte de publicação também, às vezes.

Géssica: Você atualizava sites de empresas... Era isso?

Estudante E: É. Alguns clientes tinham essa necessidade. A gente também tinha que colocar, porque eles também não tinham alguém que fazia esse gerenciamento.

Géssica: Esse estágio era registrado aqui no SIARE?

Estudante E: Não.

Géssica: Foi feito através de contrato direto entre você e a empresa?

Estudante E: Exatamente.

Géssica: Mas era como estágio mesmo? Ou com carteira assinada?

Estudante E: Era como estagiário, não era com carteira assinada.

Géssica: Qual era a remuneração desse primeiro estágio?

Estudante E: Era o mesmo valor de uma bolsa da UFSC, R\$500,00.

Géssica: E no estágio atual, o que você faz?

Estudante E: Nesse atualmente eu produzo textos, notícias sobre tecnologia, games e internet para o site da empresa. Além de produzir também os conteúdos específicos para algumas marcas que estão associadas ao Adrenaline, que aí seria o que a gente chama de conteúdo para o *brandchannel*. E aí a gente tem que falar sobre um produto específico.

Géssica: Como se fosse um conteúdo patrocinado?

Estudante E: Exatamente.

Géssica: Este estágio está registrado aqui na UFSC, no SIARE?

Estudante E: Ainda não está registrado, mas vai ser registrado.

Géssica: Você está recebendo algum tipo de orientação no estágio?

Estudante E: Não que exista um encarregado específico para verificar meus textos. Mas o editor chefe faz o papel de, no caso, conferir ou sugerir pautas, apontar se a pauta é boa ou não.

Géssica: Ele conversa contigo sobre o material que você produz?

Estudante E: Sim, mas não é algo que ocorre assim com muita frequência. Geralmente é quando a gente acaba cometendo alguma gafe.

Géssica: No outro estágio era assim também?

Estudante E: Não. No outro era muito mais... Esteira de fábrica, sabe? Tipo, tinha uma quantidade X que tinha que produzir, você produz aquilo e sai.

Géssica: Quando você foi entrar nesses estágios, eles te exigiram algum conhecimento específico?

Estudante E: Não. Eu entrei na Adrenaline por indicação. Um colega meu já me indicou. Então, a princípio, o próprio chefe já confiava no meu perfil. E na Contentools eles pediram alguns textos, algumas produções anteriores. Daí eu mandei vários tipos de textos que eu já tinha feito, e eles resolveram me contratar.

Géssica: Como você acredita que um estágio pode contribuir para sua formação profissional como jornalista?

Estudante E: O estágio, ele serve para justamente te dar inserção no mercado, é o que eu mais acredito. Muitas vezes o aluno entra no curso com uma visão muito ideal do mercado de trabalho, e aí tem uma decepção, quando sei lá... Vamos supor que uma pessoa nunca pegue um estágio na área, vive fazendo bolsa e não tem nenhum contato com o mercado, ele simplesmente entra e percebe que é uma realidade totalmente diferente. Por mais que as disciplinas teóricas tentam trazer a situação atual, descrever a situação atual não vai conseguir fazer a pessoa sentir como é viver aquilo. Então eu acho necessário que a pessoa faça um estágio antes pra conhecer a área, e ter mais ideia, mais clareza se é aquilo que ela quer ou não.

Géssica: Tem alguma disciplina, atividade que você teve no curso e já aplicou no estágio?

Estudante E: Sim. A maioria das técnicas de redação e entrevista que eu fui aprendendo em cada disciplina de Redação foram as que mais vi... No caso, uso, pelo menos nesse estágio atual.

Géssica: Você não fica preocupado de seu estágio não estar registrado na UFSC?

Estudante E: De certa forma não porque a necessidade de estágio que eu tenho é estritamente financeira. Então se eu não fosse fazer estágio, muito provavelmente eu ia arranjar outro trabalho que não fosse dentro da área.

Géssica: Quanto você recebe nesse estágio agora?

Estudante E: Também ganho uma bolsa de R\$500,00.

Géssica: Você recebe vale transporte?

Estudante E: Não porque é perto de onde eu morro.

Géssica: A área que você faz estágio é jornalismo online?

Estudante E: Sim.

Géssica: E por que você quis fazer estágio nessa área?

Estudante E: É porque entre rádio, texto e TV, todas as opções que a gente tem disponíveis, eu me sinto bem melhor entre a produção gráfica, diagramação, editoração, essas coisas, e a produção de texto, que é a parte que eu mais gosto. Então acho que mais por afinidade mesmo.

Géssica: Que tipos de dificuldade você tem encontrado nos estágios?

Estudante E: Parece que existe uma sistematização muito grande assim... Nesses dois estágios não deu de sentir uma prática jornalística muito forte, do que a gente faz... Do que a gente aprende de como tem que fazer. Acaba sendo uma versão muito menor do que a gente aprende a fazer aqui. Muito mais simples e, por isso, a gente acaba não tendo exatamente a experiência que é ensinada no curso.

Géssica: Como faz para sanar essas dificuldades?

Estudante E: Minha alternativa pessoal é tentar relacionar as coisas que vejo em sala de aula com o cotidiano do trabalho. Dá bastante certo com a parte da técnica jornalística na produção de textos. O resto, apuração, critérios de noticiabilidade e partes mais relacionadas à pauta ainda deixam a desejar. Nesses últimos caso eu vou mais pelo interesse, atrás de livros que preenchem essa necessidade. É o que dá pra fazer.

Géssica: E você aprendeu algo no estágio, em relação ao jornalismo, que ainda não tinha aprendido no curso?

Estudante E: No meu primeiro estágio eu aprendi bastante sobre revisão de texto. Então eu acredito que isso se aprende mais nas aulas de Edição. Então isso foi de certa forma um adiantamento. Isso também ajudou bastante na parte da técnica. Mas, sei lá, como eu estou a pouco tempo nesse novo estágio, não posso dizer que aprendi alguma coisa assim... Muito relevante, sabe.

Géssica: A tua permanência aqui na UFSC depende diretamente de você estar fazendo estágio?

Estudante E: Uhum.

Géssica: Quais conhecimentos têm faltado para um melhor desempenho no estágio?

Estudante E: Então, o primeiro estágio ele era... Por ser uma *startup*, estar desenvolvendo ainda os meios, os processos de produção deles, existiam muitos gargalos que impediam o nosso trabalho. Só que eu não vejo como o curso poderia ajudar, porque a gente era simplesmente o meio de produção, a parte de revisão de texto. Entra muito mais na questão de empreendedor administrar o negócio.

Géssica: Que tipo de gargalos?

Estudante E: Às vezes, por exemplo, tinha muito investimento na parte comercial, de vendas e contato com o cliente, e pouco investimento na parte de produção.

Géssica: Tem mais estudantes de Jornalismo lá?

Estudante E: Tem.

Géssica: Você sabe me dizer quantos?

Estudante E: Eu sei que tem mais uma estudante, que foi minha colega de trabalho, que está na segunda fase. Mas não sei se tem mais alguém. Eles estavam querendo contratar mais gente, mas até onde eu sei não chamaram mais ninguém daqui do curso.

Géssica: Quantas horas você fazia por dia no primeiro estágio? E no atual?

Estudante E: Eram vinte horas semanais, os dois.

Géssica: Como você acha que o Curso de Jornalismo pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante E: Eu acho que quando uma empresa faz aquele cadastro para regulamentar o estágio, no SIARE, eles deviam fazer mais do que um cadastro, mas sim uma proposta. Elencar professores que estivessem aptos a essa proposta. Que essa proposta fosse discutida com o curso em si, para que o aluno realmente entre lá com um propósito um pouco maior. Porque muitas pessoas que eu conheço, entram justamente pela questão do dinheiro. Não é nem tanto pela questão do aprendizado. Então eu acho que se houvesse algo mais objetivo,

mais específico, que quando a pessoa entra no estágio já está pré-determinado, é meio que um caminho...

Géssica: Um plano de estágio?

Estudante E: É, um plano de estágio. Seria muito mais útil. Até seria melhor para um orientador, no caso, poder dizer se a pessoa conseguiu aprender o que devia aprender no estágio, ou não. Seria até mais fácil para o orientador guiar o próprio estagiário.

Géssica: Quais são suas sugestões para um programa de estágio no Curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante E: Que o estágio seja realmente mais acompanhado, do que simplesmente uma opção que a pessoa faça para ganhar dinheiro. Que o estágio realmente seja uma prática voltada para o aprendizado fora do curso.

Géssica: Você gostaria de acrescentar algo mais sobre o tema, ou sobre suas próprias experiências no estágio?

Estudante E: Acho que eu não tenho nada mais a acrescentar não.

Entrevista em Profundidade com o Estudante F - Estagiário
Concedida dia 13/10/2014
Área de estágio do aluno: Radiojornalismo. Tempo total de estágio: 3 meses.

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante F: Primeiro, por uma questão econômica, que é uma mesada extra que a gente ganha. Mas é um quesito que eu nunca fui atrás, quando fui atrás de estágio, nunca perguntei ‘a, quanto é?’, só que é uma remuneração extra. Se não fosse um estágio remunerado, teria que ser algo muito legal, algo que realmente eu tivesse muita vontade de fazer, que se encaixasse muito no que eu estou procurando. Não o fato da quantidade em si, mas de ter alguma coisinha. Mas o porquê mesmo, eu queria procurar alguma coisa legal, que eu me identificasse com o que eu estava fazendo e que eu estava sentindo falta no curso. Apesar de me envolver bastante aqui com a rádio, com os projetos de extensão, eu não sentia o retorno do que eu quero. Às vezes, eles iniciavam com alguma aula, fazendo um projeto prático, mas não era tudo aquilo que eu queria, podia ir muito mais. Eu queria experimentar muita coisa que eu não tinha oportunidade. E, às vezes, por exemplo, a cobertura da rádio na Copa, eu me envolvi um monte, mas não recebi nenhum retorno. A gente ia se ajudando, os alunos, mas não tinha nenhum grande mestre, professor experiente, que chegava: ‘tá muito legal isso, mas ajeita aqui’. Claro, o professor participava, mas não do jeito que deveria participar. A gente até preferia que não estivesse lá pelo jeito que nos tratava. Não que ele estava destrutando a gente, mas não é o tipo de aconselhamento que a gente gostaria de ter. Então eu queria realmente dar prosseguimento nesse meu estudo prático que eu estava tendo, e como é rádio que eu mais me identifico, eu fui procurar lá na UDESC e, não sei se foi por sorte ou se cheguei no momento certo, mas foi legal porque eu consegui pegar a vaga que eu queria fazer. Eu quis fazer estágio por isso, para dar uma continuidade, uma cadeira extra que eu pudesse fazer e recebendo por isso.

Géssica: Você trabalhou na cobertura da Copa como voluntário?

Estudante F: Isso. Tem bolsistas da rádio, mas eu não era. Até pensei, porque bolsista da rádio também faz várias coisas, mas muita questão é só: ‘organiza essas pastas aí, arruma esses áudios aí’, não propriamente o rádio em si.

Géssica: E com esse estágio você descobriu a área quer continuar atuando?

Estudante F: Ele me ajudou a ter certeza. Tá certo que nunca vou ter certeza. Pretendo trabalhar em várias áreas quando eu chegar e me formar. Mas eu sempre quis ser do rádio, e agora eu estou realmente nessa, comprovando que é tão legal como eu estava imaginando. Claro, faço coisas muito singelas, muito genéricas, só falo o nome de músicas, leio umas notas, e não é isso que eu quero fazer. Mas eu percebo que preciso fazer isso para ter a segurança que eu quero para poder falar o que eu quiser ao vivo, do jeito que eu quiser, entrevistando qualquer um. Eu sinto que é chato o que eu estou fazendo, repetitivo e tal, mas eu sou obrigado a fazer isso, não tenho ainda o gabarito para fazer qualquer coisa, mas está sendo bem legal.

Géssica: Quanto tempo que você está neste estágio?

Estudante F: Eu comecei em final de julho, início de agosto. A princípio eu vou ficar um ano, o estágio é de um ano. Talvez eu tenha que sair antes, que eu vá fazer intercâmbio, mas isso eu vou ter que ver lá com o cara. Eu quero ficar um ano, mas vou ver.

Géssica: O seu estágio é registrado no SIARE?

Estudante F: É.

Géssica: Como acredita que o estágio contribuirá para sua formação como jornalista?

Estudante F: Eu acho que é um lugar onde você pode experimentar muito. Você tem direito de fazer o que quiser, tu tem aquela desculpa: ‘a não, ele é estagiário, ele pode fazer isso’, nesse estilo. Justamente isso que estou te dizendo. Eu não me sinto ainda preparado para chegar lá na rádio que eu quero e fazer a entrevista que eu quero, para a pessoa que eu quero. Mas na rádio que eu estou trabalhando tem bastante ‘feijão com arroz’. Todo dia e eu sinto que estou melhorando bastante. Esses dias, que tinha a cobertura das eleições, que eles quiseram organizar, daí eu fiquei lá durante umas quatro horas ao vivo e direto, entrava uma pessoa no telefone, tinha que falar com ela, chegava alguém para dar uma nota, era uma coisa um pouquinho mais difícil do que eu estava fazendo. E eu vi que desenvolveu, vi que saiu, e foi muito legal eu saber que se eu tivesse feito isso dois meses antes do ‘feijão com arroz’, das músicas, não teria sido tão legal. Então, eu espero muito que realmente o estágio seja uma prática, uma coisa para ficar fazendo para quando eu chegar lá e tiver pronto, por exemplo, para fazer uma cobertura de jogo de futebol. Não que é exatamente isso que eu queira, mas eu sei que é uma coisa difícil, só com bastante experiência. Outras experiências, referências de

livros, de autores, que eu também prezo bastante, não é uma coisa que eu estou procurando no estágio, daí eu espero que os professores me deem esse retorno. Livros bons pra ler, filmes que vão me dar referências, coisas assim, não é um coisa que eu estou procurando no estágio. Apesar de eu estar conhecendo muita música legal na UDESC, estou conhecendo várias coisas legais.

Géssica: Você faz locução? Ou chega a preparar essas notas?

Estudante F: Então, eu fico das duas as cinco no ar, e depois eu fico uma hora, que às vezes eu saio mais cedo, às vezes produzo alguma coisinha extra. Assim, é uma hora meio relativa. Mas também ela acaba sendo compensada, porque quando eu chego 13h30, um pouquinho antes do meu horário, eu geralmente preparo essas notas, procuro nos sites da UDESC, da UFSC, em outras coisas de cultura que me orientaram, daí eu escrevo essas notinha bem curtas, para dar toque. É isso aí, daí eu falo as músicas e vou intercalando com essas notas durante o programa, umas dez notas, no máximo, em três horas.

Géssica: Em que área está fazendo estágio? Por que quis fazer estágio nesta área?

Estudante F: É rádio. Aqui na própria rádio já ia buscando isso.

Géssica: Você sempre esteve envolvido nisso?

Estudante F: Na rádio UDESC foi um negócio um pouco mais sério. Porque isso eu sentia falta aqui na rádio. A gente fazia uma parada legal, o pessoal tinha umas ideias iradas, mas vamos fazer o programa, daí chegava todo mundo atrasado: ‘vamos fazer do jeito que dá, não sei se vai dar para gravar, então essa semana deixa, não vamos fazer’. E eu estava querendo pegar uma coisa tipo, alguém me cobrando, dizendo para fazer. Porque eu sei que vai ser assim e eu quero que seja assim. Eu entendo que aqui é foda, que ninguém nos escuta, e eu entendo isso, porque eu também escuto muito pouco. Tipo, os programas que eu fazia e o pessoal continua fazendo agora eu não escuto direto, como eu gostaria que as pessoas escutassem quando eu fazia. Então também não posso ficar cobrando uma coisa que agora eu também não faço. Eu não sei explicar também exatamente porque a rádio não emplaca. Claro, não emplaca porque não tem divulgação, porque não tem ampliamiento, porque as coisas só são divulgadas pelo Facebook. Mas porque que o pessoal não curte mesmo? Não sei direito. Mas eu sei que na rádio UDESC tem muito mais retorno, é uma FM, então com certeza tem pessoas aleatórias te escutando. E sem contar que tem um chefe mesmo que está ali e, de

alguma forma, ele não depende de ti pra receber o salário dele, é uma cosia meio indiferente. Mas ele quer fazer um trabalho irado, ele está ali comprometido, então ele está ali sempre.

Géssica: Você e seu orientador aqui na UFSC fizeram algum tipo de reflexão sobre as atividades que você está desenvolvendo no estágio?

Estudante F: Não. É bem ridículo, na verdade, o orientador. Assim, quando eu fui fazer as assinaturas do termo lá, que agora eu esqueci o nome...

Géssica: Termo de Compromisso de Estágio...

Estudante F: É, isso... Tem lá um site que tu entra, agora me esqueci o nome...

Géssica: SIARE.

Estudante F: SIARE, exatamente. Eu estava fazendo o SIARE e pensei: ‘será que eu vou precisar de um orientador? Será que eu vou precisar falar com o magrinho de novo?’ que ele já era meu orientador, para ver isso com ele. *Putz*, não queria resolver essa *pica* agora. Eu queria entrar logo no estágio e daí fui falar com a Cintia, secretária, e ela: ‘fala ali com o Aureo, que ele assina para todo mundo’ e tanto faz, é isso aí. E daí eu achei até... No primeiro momento foi um alívio. *Putz*, que bom, não vou ter que fazer nada. Daí ele foi lá e assinou e é isso aí, nunca mais vi ele, nunca mais me viu. Tem até uma outra amiga minha que ela também fez, aí ela disse que ela também... ela trabalha em formatura e o Aureo é o coordenador e ela fala que uma vez ele chegou e disse que ‘um dia eu vou contratar esse salão, o centro de eventos, só para chamar todos os meus orientandos para conversar com eles, porque é tanta gente que eu iria precisar de um auditório para falar com todo mundo’. Então eu já sabia disso previamente quando me mandaram assinar com o Aureo, então é: ‘não estou te pedindo para ser meu orientador, porque eu espero que você me oriente’, só que eu precisei de um orientador e é isso aí, eu nunca pensei se realmente para fazer um estágio precisa de um orientador bom, um cara para me ajudar. Estou me virando, imaginei que esse retorno viria da rádio lá onde eu estou trabalhando. De certa forma vem. Às vezes eu reclamo de uns toques que ele dá, que eu não concordo muito, ele diz: ‘faz isso que não está muito legal’, eu: ‘não, acho que isso está legal’, discordo de alguma coisa. Claro que é porque não tenho experiência e também não quero ser demitido.

Géssica: Então basicamente você recebe orientação só lá na rádio?

Estudante F: Se eu recebo uma orientação é lá na rádio

Géssica: E ele é jornalista?

Estudante F: Ele é... Não sei se ele é formado. Ele já trabalha a bastante tempo, tem experiência, tem uma locução legal. Então tem outras pessoas lá na rádio que não são estagiários, são jornalistas formados de outras áreas, que fazem alguma coisa bem parecida comigo, só que são oito horas, então tem um compromisso que não tem muita diferença entre eu e eles, além do tempo. Mas o que importa é que eles são mais profissionais, estão direto dando toques. Claro que às vezes é: ‘a pronúncia desse nome é assim ou assado’, umas coisas que às vezes tipo assim... Sei lá. Acho bacana que tem isso, não me sinto sozinho lá. Mas às vezes eu penso: ‘será que essa notinha eu tenho que falar?’ ou ‘será que é pertinente?’. Eu não sei se é pelo meu estilo ou se é pelo ambiente que eu estou, que eu não me sinto familiarizado, mas eu prefiro tomar a decisão por conta. Paro, penso, reflito, ‘será que isso vale a pena? Quem vai me ouvir? Essa pessoa que vai me ouvir vai querer ouvir isso aqui ou não? Eu tenho esse pensamento. Dificilmente eu chego e pergunto: ‘Paulo, eu tenho essa notícia aqui’, Paulo é o nome do cara lá. ‘Paulo, eu tenho essa notícia aqui, tu acha que eu falo ou não falo?’, às vezes é uma pergunta de sim, não. Eu sempre falo a temperatura e a hora, vou falar também as ondas, porque é Florianópolis e todo mundo surfa. Eu fui falar com ele antes, ele disse: ‘eu acho bacana não, porque não é esse o público e tal’ eu fiquei um pouco decepcionado com ele, mas pelo menos ele falou, ele de certa forma me orientou. Então isso eu tenho, mas lá. Aqui não existe orientador.

Géssica: Que tipo de dificuldades vem encontrando no estágio? Como faz para saná-las?

Estudante F: Eu acho que poderia ter, talvez uma vez por mês, ou uma coisa assim, um retorno bacana e sincero dizendo muito legal, não muito legal, que às vezes eu converso com os meus amigos que eu não sei se eu estou seguro ou não lá. Porque às vezes esse Paulo tem um jeito meio estranho de ser, que ele é meio sempre igual, sempre fala contigo da mesma forma, no mesmo tom, então tu não sabe se ele está te dando esporro ou se ele tá sendo querido, se ele está te dando esse toque porque ele acha que é melhor ou não. Ele é meio frio, então às vezes eu fico na dúvida se o que e estou fazendo está legal mesmo. Se tivesse muito ruim acho que ele criticaria e falaria que estava muito ruim. Mas será que ele fala? Será que não fala? Quando os meus amigos me elogiam é bacana, mas são meus amigos, eles vão me elogiar, ‘meu Deus, ele tá falando na rádio’.

Géssica: Mas você fala um retorno lá no seu estágio?

Estudante F: É, porque na minha cabeça nunca fez sentido, quero dizer, nunca fez sentido não... Mas o meu orientador, nossa, sério que existe um orientador? Porque eu sempre achei que era uma coisa só eu e o estágio, ia ser realmente legal se tivesse. Mas não que isso seja eu lamento tudo, eu estou fazendo e eu estou me sentindo bem, então eu estou me dando um auto retorno, que para mim está dando segurança. Eu estou me sentindo cada vez melhor e isso é o que está me garantindo. Bom, deve estar dando tudo certo, porque se eu me sinto melhor, ele também deve estar percebendo isso.

Géssica: Que conhecimentos foram essenciais para conseguir a vaga de estágio?

Estudante F: Quando eu cheguei lá eu fiz uma entrevista, ele me pediu currículo. Currículo que é uma coisa bem estranha, eu não sei fazer direito currículo porque parece uma coisa muito formal para a gente que não tem nada de fato. Eu botei várias *paradas* lá: experiência na cobertura da Copa na rádio... Mas, sei lá, ia ser muito melhor se eu falasse para ele o que foi, acho que ele ia entender muito melhor, porque aqui a gente não tem oito empregos pra botar no currículo. Enfim, não concordo muito com esse currículo, mas... Qual foi a pergunta mesmo... O que é essencial né? O que precisava?

Géssica: É.

Estudante F: Sem dúvida, as duas coisas que eu fiz aqui no Jornalismo, que foi entre as cadeiras obrigatórias e a optativa no projeto de extensão que eu me envolvi, as duas ajudaram, mas muito mais o que eu fiz na Rádio Ponto.

Géssica: Quais foram essas...?

Estudante F: Então, teve a cobertura na Copa. E durante a segunda fase, um pouco da terceira também, que eu participei do Ponto de Encontro. É um programa também semanal, que a princípio tinha entrado para fazer pauta, e depois se dividia: 'tu vai ficar no técnico hoje, tu vai apresentar, tu vai fazer boletim, tu vai comentar o programa'. Isso ajudou muito, apesar da Rádio Ponto ter audiência ínfima, mas o fato de sentar na frente do microfone, falar alguma coisa que vai ser gravada é um baita começo para quem quer um dia falar ao vivo.

Géssica: Você fez alguma optativa de rádio?

Estudante F: Não. Eu ia fazer a Rádio 2, só que não teve. Isso é um horror na optativa aqui. Nossa, não dá, não tem como fazer. Eu queria ter chegado talvez mais preparado para trabalhar no que estou trabalhando.

Géssica: Mas eles te exigiram algum conhecimento de rádio?

Estudante F: Eles pediram para eu escrever uma notinha sobre uma notícia e gravar. E daí provavelmente da minha locução ele gostou. Não sei direito como foi o critério, ele não chegou e disse: ‘a gostei ou não gostei’. Ele me mandou um questionário com dez perguntas, entre essas perguntas eram ‘que música você gosta de ouvir’, mas também umas coisas um pouco mais complexas. Coisas que precisava saber e eu não sabia direito, e eu respondi meio que assim... Não entendi direito o que eles queriam. Não me pareceu que eu precisasse de muita coisa para estar lá, mas o fato de eu ter feito essas coisas que eu fiz dá uma garantia de que: ‘a esse cara aí deve ter alguma coisa’, esse envolvimento que eu tive.

Géssica: Quais conhecimentos têm faltado para um melhor desempenho no estágio? Isso se você considera que falta algo.

Estudante F: Falta, falta muito, mas também acho que muita coisa é da experiência mesmo que eu vou adquirindo, que eu estou adquirindo. Mas podia ter um orientador para me ajudar a criar coisas novas, que é o que eu estou afim. Eu até sei que ia ser muito bom ter mais referências teóricas e tal, talvez falte isso, eu não sei, é que conheço realmente pouco, passaram pouco sobre isso. Tipo, eu gosto do programa que eu faço, mas tem uma audiência menor do que deveria ter. Porque a rádio UDESC é uma rádio que não tem propaganda, só toca músicas bem diferente do que toca na maioria, evita ficar repetindo coisas que acontecem sempre nas rádios. Se tu ligar uma rádio agora vai estar tocando uma música. As quatro da tarde vai estar tocando de novo, as sete de novo, as oito de novo, e a outra rádio a mesma coisa, às vezes ao mesmo tempo. Então é uma rádio que toca coisas diferentes, sem propaganda, então era para ter uma audiência maior, não sei por que não tem. E eu gostaria também de pensar nisso, tentar desenvolver maneiras e programas para que a rádio chegasse mais lá. Só que, não querendo parecer ganancioso, mas não me pagam para fazer isso. Não que só vou fazer o que me pagarem. Mas, por exemplo, estou me dedicando bastante fazendo uma coisa e não consigo ver esse passo para poder pensar nessa outra coisa. Não me incentivam, não me incentivam com remuneração, ou mesmo dando um apoio moral.

Géssica: Isso do ponto de vista dos profissionais lá da rádio?

Estudante F: É.

Géssica: E especificamente quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso vêm sendo utilizados no estágio?

Estudante F: Redação para Rádio não aprendi nada, não apliquei nada, não lembro de quase nada. Foi bem fraco, bem chato, eram aulas que eu não gostava muito de ir. A parte prática da aula foi também bem desfavorável, não participei, não fiquei com vontade de participar. Rádio 1 eu aprendi bastante coisa e posso te dizer que acho que sim, acho que estou usando bastante coisa que aprendi lá aqui hoje. Não sei se necessariamente algum conhecimento, mas eu tenho certeza que a experiência de ir lá e procurar, e passar pautas, escrever boletins e tal, sim me ajudou. Mas o que mais me ajudou mesmo foi essa experiência diária, de estar se envolvendo de alguma forma, pensando no programa, em pautas, e conversando com os amigos: 'e aí, como que vai ser? E essa cobertura da Copa, como que a gente vai resolver essa pica?'. E, também quando eu estava fazendo esses programas extras, durante a Copa, talvez hoje eu não tivesse que apresentar nada, mas eu sei que amanhã ia ter um jogo que a gente vai querer fazer, mas falta um para apresentar, falta um para fazer técnica, que a gente vai fazer tudo isso. Então, se tem alguma coisa que com certeza esse projetos de extensão me ajudaram é como sair de situações que não estão programadas, por falta de pessoal ou problemas técnicos, por incrível que pareça isso ajuda.

Géssica? E nesses projetos de extensão você ia com bastante frequência lá na rádio?

Estudante F: Eu ficava bastante na rádio, me envolvia bastante. Mas da mesma forma que hoje quase nem vou, mas também porque não tem rádio hoje também.

Géssica: Com que frequência você ficava na rádio?

Estudante F: Eu ficava, sentava e produzia alguma coisa uns três dias por semana. Pelo menos um dia que eu ficava na reunião, outro dia que tinha o programa em si, e mais um para gravar alguma coisa, para fazer, para escrever.

Géssica: Essa acho que você já respondeu. Qual tem sido o papel de seu orientador na realização do estágio?

Estudante F: Só ter assinado o papel, nada mais.

Géssica: E como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante F: Bom, eu queria muito que antes de eu ter pegado o estágio eu tivesse feito Rádio 2. Uma coisa que eu tentei e a Universidade não me proporcionou por falta dessa cadeira. Apesar de existir, não rolou. Eu acho também que ela poderia ter me ajudado dizendo: ‘vá fazer esse estágio, que esse estágio é bom’, podia ter uma relação de estágios legais... Bem indicados. É uma parada que eu tive a sacada, todo mundo diz: ‘que estágio legal cara, da onde tu tirou essa?’. Eu fui atrás e deu. Não sei se foi por sorte, ou por momento, mas deu bem certo. E acho que poderia estar tendo o retorno, não sei se propriamente é o meu orientador ou se teria que ser lá, mas alguém justamente para me dizer se está bom ou se não está. Acho que faltou nesse sentido.

Géssica: Quais são suas sugestões para um programa de estágio no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante F: Eu acho bacana mesmo ter um estágio obrigatório. Não pensei ainda bastante para saber se isso é realmente necessário, muitos dos outros cursos tem isso, não sei se Jornalismo precisa. Mas sim é bom a gente estar na prática enquanto está ainda aqui no curso, porque a gente tem esse amparo, essa segurança de que qualquer dúvida que a gente pode vir aqui tirar e tudo mais. Isso ia ser bacana, se pudesse ter essa troca... As dúvidas que tu tem aplicando a teoria na prática tu pudesse tirar aqui, isso eu acho que não tem também. Mas o que me incomoda mesmo é essa história de não ser remunerado, eu acho que isso vai fazer com que as pessoas não tenham vontade, não tenham tesão de ir lá fazer. E o cara precisa ter vontade de fazer o que ele está estudando, o que ele está cursando, o que ele está trabalhando. Eu acho que esse é o principal ponto, mas também não sei se ter um estágio obrigatório era necessário. Às vezes tem outras formas de dar prática sem ser obrigado a fazer um estágio. Mas também acho que eventualmente qualquer um vai fazer estágio. A faculdade precisa se envolver, mas às vezes não, às vezes deixa o cara ter o estágio que ele quer, fazer o que ele quer. Acho que está bom e é isso aí, também não precisa ser a mamãe lá, a UFSC lá cuidando do estágio. Não, acho que o cara também tem que se f**, ir atrás do estágio, e eu tive a sacada que é isso aí. A Universidade já deveria fazer o seu papel bem aqui educando e tutelando o cara aqui, mas no estágio ele poderia ter um pouco mais de liberdade para fazer o que quer.

Géssica: Queres acrescentar mais alguma coisa sobre o teu estágio? Sobre o tema?

Estudante F: Eu acho só que me sinto um cara muito feliz com o estágio que eu tenho. Acho que de todos os estágios que podia pegar, eu estou com um dos poucos que me faz feliz, que eu gostaria de ter. Eu vejo muita gente fazendo estágio aí que, é bom, é legal, mas é muito mais uma *matação* de tempo. Então eu me sinto muito agradecido por estar num estágio legal, que vai desenvolver alguma coisa bacana, estou sentindo que está me agregando. Eu acho que talvez uma das pessoas que estejas entrevistando, eu seja uma das poucas que esteja dizendo: ‘estou fazendo um estágio que eu me sinto enriquecendo todo dia que eu vou’. Tem muitos estágios leais aí, que deixam o cara criar, desenvolver. Acho que um dos principais fundamentos do estágio é deixar o cara desenvolver, um dos poucos momentos que o cara vai poder ter as ideias dele e aplicar. Mas apesar de ter isso, ele é muito pouco visto e repercutido, daí já que não tem retorno da audiência, digamos assim, muito menos do orientador. Eu acho que eu tenho, pelo menos um pouco disso, um pouco de retorno do meu orientador, de certa forma, da audiência, e faço o que eu quero. Então... Está legal. Só pra terminar, quando eu sair desse estágio, a minha ideia é trabalhar na rádio comunitária do Campeche. Daí é um estágio irado, que não seria remunerado, seria algo realmente voluntário, mas é uma coisa que me abriria porque eu sei que é uma causa, eu estou realmente ajudando pessoas. Eu estou realmente com esse objetivo para fazer o bem. E eu estou querendo estar preparado para chegar lá bem, não profissional, mas um cara com experiência, para poder chegar lá e assumir essa pica e, mesmo sem receber nada, desenvolver um trabalho. Quando eu estou fazendo uma coisa que é mais um serviço social mesmo, daí eu não me importo de ser não remunerado. Mas, sabe... Se estou indo trabalhar na assessoria de imprensa da organização Gustavo Kuerten lá, que eu conheço gente que trabalha e recomenda esse estágio, que paga bem e tal, mas que paga porque é outra coisa. Acho que tem maneiras e maneiras de não ser remunerado o estágio, e nesse momento é meio importante que seja.

Entrevista em Profundidade com o Estudante G – Ex-estagiário
Concedida dia 13/10/2014
Área de estágio do aluno: Comunicação Institucional, Telejornalismo e Jornalismo Online. Tempo de estágio: 3 anos e 6 meses. Observação: O aluno fez sete semestres de estágio. Entre as concedentes estavam: UFSC, Embraco, Engevix e Dialetto Comunicação Estratégica.

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante G: Uma proposta desde que eu vim pra UFSC era estudar e trabalhar, justamente para gerar algum tipo de renda, porque eu tinha um auxílio da minha mãe, mas não era completo para satisfazer todas as minhas despesas. Então, o primeiro estágio que eu tive foi justamente a Bolsa Permanência que é o auxílio da UFSC e a vaga que tinha era para o DAC (Departamento Artístico Cultural da UFSC). Não foi um estágio tão proveitoso, mas era a proposta que eu tinha inicialmente. E todos os outros foi muito uma sequência. Foram aparecendo outras oportunidades, e por eu achar interessante eu fui trocando, mas sempre porque eu precisava do dinheiro.

Géssica: Como acredita que o estágio contribuirá para sua formação como jornalista?

Estudante G: Eu acho que depende do perfil de cada pessoa. O meu perfil é de uma pessoa que gosta de trabalhar e que gosta de estar se sentindo ativa, então eu preciso ir além da academia e ao longo do curso isso se definiu muito bem, porque dos estágios que eu fui fazendo, foi um ciclo de coisas que foram acontecendo, foi do CTC, do CTC foi para a Embraco, que foi a melhor experiência que eu tive, depois fui para a Engevix, que foi uma sequência daquilo e depois fui para a Dialetto, aí depois eu não trabalhei mais.

Géssica: Por que a Embraco foi sua melhor experiência?

Estudante G: Porque eu tive a oportunidade de aplicar as coisas que eu aprendi no Jornalismo e descobrir o que eu queria fazer depois que eu me formasse. Eu apliquei todas as coisas que eu aprendi e fui um pouco além do trabalho de jornalista. Eu tive a oportunidade de exercer essas habilidades e capacidades numa empresa que era muito mercado de trabalho de verdade. Eu saí um pouco da instituição e senti o que era trabalhar de verdade.

Géssica: Por que parou de fazer estágio?

Estudante G: Eu voltei da Embraco, e daí trabalhei na Editora UFSC; daí eu fui para a Engevix, onde fiz três meses de estágio e não consegui mais trabalhar lá porque senti que estava vendendo a minha força de trabalho em uma empresa da qual eu discordava totalmente dos princípios, da forma de gestão; daí fui para a Dialetto, achando que era uma nova oportunidade que poderia me fazer bem, só que também não consegui me adaptar, fiquei uma semana; e então tive a oportunidade de não trabalhar, porque era um semestre que eu queria terminar todas as disciplinas. Eu parei de trabalhar para me dedicar à finalização da minha graduação. Porque era um semestre com que eu tinha várias disciplinas para terminar, fiz oito disciplinas no semestre passado. Eu não tinha tempo para trabalhar e eu decidi me dedicar para o curso. Os dois últimos semestres eu não trabalhei porque eu decidi que é o momento de me dedicar mais para a graduação. Ao longo do curso eu consegui conciliar as duas coisas, mas eu percebi que era o momento em que eu não ia conseguir e que eu não precisava desse esforço, porque eu consegui o apoio dos meus pais.

Géssica: Que conhecimentos considera que foram essenciais para conseguir uma vaga de estágio?

Estudante G: Dentro da UFSC, não tem muito essa questão de conhecimento necessário ou decisivo. Muitas bolsas você consegue por indicação, outras é porque tem várias vagas, então lá eles contratam, mas eu acho que é uma questão de perfil também, de posicionamento, enquanto pessoa que se sente capaz de exercer aquela função. Porque eu exerci algumas funções que foram além de repórter, além daquilo que necessariamente se ensina no curso, que é para você trabalhar em uma redação como repórter.

Géssica: E quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso foram utilizados no estágio?

Estudante G: A questão das técnicas jornalísticas de entrevista, de reportagem, de escrita, a perspicácia de conseguir conversar com as pessoas, de ter essa vivência com as pessoas.

Géssica: Que tipo de convivência é essa?

Estudante G: De você ter que sair para a rua fazer entrevista e conseguir lidar com as pessoas. Esse trabalho pode ser feito em qualquer tipo de empresa e as empresas precisam dessa expertise, de pessoas que consigam ser multidisciplinares, chegar em qualquer lugar,

conversar com qualquer pessoa e pegar aquelas informações e usar em outros lugares, por exemplo. Isso eu aprendi dentro do Jornalismo.

Géssica: Que tipo de atividades você desenvolveu nos estágios?

Estudante G: Sintetizando, era muito entrevista, conversar com pessoas, captação de informações para produzir conteúdo, produção de informações, gerenciamento de trabalhos e de tarefas sozinha, de pegar um trabalho e conseguir desenvolver ele com auxílio, mas fazer ele de forma autônoma.

Géssica: Você teve alguma orientação na UFSC?

Estudante G: Não, em nenhum dos estágios. Nenhum deles me acompanhou. Quando eu fui para a Embraco, o Aureo assinou os documentos, ele estava sabendo que eu ia, porque era diferente, era em outra cidade, era uma coisa diferente dentro do curso, de um perfil completamente diferente, era uma empresa que fazia compressor e eu ia trabalhar na comunicação dessa empresa. Era férias ainda, então ele assinou, ele soube que eu fui, ele soube que eu estava voltando, então por ser um pouco mais diferente ele teve mais a ver comigo, mas ele não acompanhou.

Géssica: Você e seu orientador fizeram algum tipo de reflexão sobre as atividades que você desenvolveu no estágio? Como foi essa reflexão?

Estudante G: Não.

Géssica: Esse da Embraco você chegou a ir para Joinville, certo?

Estudante G: Sim.

Géssica: E quanto tempo você ficou lá?

Estudante G: Foram seis meses.

Géssica: Aí você teve que trancar o curso?

Estudante G: A empresa não pode manter um estagiário sem vínculo com a Universidade, então o que eu fiz foi me matricular em uma disciplina aqui e fiz a distância por causa de um acordo com o professor. Eu fiz todas as atividades, fiz todos os trabalhos finais, só não compareci nas aulas.

Géssica: Qual era o valor médio das bolsas que você recebia?

Estudante G: Variou bastante. As bolsas da UFSC, que são padrão, teve aumento ao longo do tempo. Acho que de 2010 para cá aumentou uns R\$ 100,00, então tive essas bolsas. A bolsa da Editora UFSC era um pouquinho maior, R\$ 700,00. Na Embraco, a Embraco é uma empresa que paga bem o estagiário, o meu salário dava quase R\$ 2.000.

Géssica: Você fazia quantas horas por dia na Embraco?

Estudante G: 30 horas por semana. Eu não consegui fazer 40 horas porque a legislação do curso aqui não permitia, só permitia 30. Eu estava lá de qualquer forma, eu não estava estudando.

Géssica: E você tinha a orientação de um jornalista lá?

Estudante G: Eu tinha orientação, era uma equipe. Eu tinha duas superiores, uma era publicitária e outra era formada em relações públicas. Foi justamente o estágio em que eu precisei desenvolver técnicas que foram além do Jornalismo. Eu tinha que desenvolver um plano de comunicação que era coisa que publicitário fazia. No começo eu pensava: ‘não sei fazer isso aqui, isso é coisa de jornalista’. Foi lá que eu aprendi que eu tinha que desenvolver habilidades multidisciplinares, que eu tinha que saber trabalhar com outras coisas além do Jornalismo.

Géssica: Além do Jornalismo, você exercia atividades de marketing, RP...?

Estudante G: Sim. Eram duas estagiárias: uma de Jornalismo e outra de Publicidade e Propaganda. Então a gente trabalhava às vezes nos mesmos projetos e as habilidades das duas se juntavam para exercer uma função. E daí eu trazia muitas coisas do Jornalismo e ela da Publicidade e a gente tocava esse conhecimento para construir junto o negócio.

Géssica: Em que área fez estágio? Por que quis fazer estágio nesta área?

Estudante G: O primeiro estágio do DAC era assessoria de imprensa, mas era mais construção de mailing. Eu era estagiário de primeira fase, não sabia nada de nada e não cheguei a desenvolver competências de assessoria de imprensa naquele estágio. No da Embraco eu sinto que eu trouxe muito mais do que aprendi no curso de Jornalismo, e mostrei para eles com isso podia ser aproveitado nos projetos que eles precisavam de comunicação institucional. Na Engevix eu fui contratada na área de Marketing e Eventos, mas fui contratada para um trabalho muito específico que era escrever o relatório anual da empresa de

2013. Então eu entrevistei pessoas, escrevi textos, ajudei no projeto gráfico, então foi muito jornalístico, só que voltado para o interesse daquela empresa.

Géssica: Você chegou a concluir esse relatório?

Estudante G: Eu concluí os textos, só não fiquei na empresa para finalizar o projeto em si, porque tinha um publicitário que fazia isso também.

Géssica: Que tipo de dificuldades encontrou durante a realização de seu estágio?

Estudante G: É difícil pensar por que foram experiências bem diferentes. Eu acho que a maior dificuldade mesmo, eu levo tudo para a Embraco porque foi lá onde eu desenvolvi mais as minhas habilidades, onde eu tive que pensar o que era o Jornalismo e o limiar, o limite do jornalismo, e o desenvolvimento de outras competências. Foi muito difícil para eu pensar além do que eu aprendi no curso. Porque parece que a gente é muito programado a exercer um tipo de função. Você é ensinado a ser jornalista de redação. Só que quando você se forma, não é só isso que tem. O mercado que nos absorve é muito mais complexo e muito diferente, e você sai completamente programado para fazer uma coisa que não é o que eu estou te pedindo. Eu tive a oportunidade de pensar nisso no meio da graduação. E foi muito difícil eu entender que eu tinha de ir além do Jornalismo. Eu achava: ‘não, Jornalismo puro não é isso, eu tenho que ir embora e tenho que fazer outra coisa’. Mas não, eu posso pegar as técnicas que aprendi lá, usar isso da melhor forma e aplicar de uma maneira que ajude a empresa ou instituição como uma competência que eu tenho para desenvolver aquilo.

Géssica: Como você fez para sanar essas inquietações?

Estudante G: Foi com ajuda da equipe, que era uma equipe multidisciplinar e de pessoas muito competentes, que me fizeram voar. Foram pessoas incríveis.

Géssica: Então você chegou a desenvolver um plano de comunicação interna lá na Embraco?

Estudante G: A gente trabalhava com áreas clientes. Eu trabalhava, por exemplo, com Pesquisa & Desenvolvimento, Sustentabilidade, RH... E cada área dessa demandava projetos. A área de logística, por exemplo, estava implantando um projeto que ia reestruturar toda a cadeia da empresa e eles precisavam fazer com que as pessoas ficassem sabendo disso. Então nós desenvolvemos várias ferramentas para isso chegar nos diversos níveis de emprego da empresa. Como é que as pessoas que trabalhavam no chão de fábrica iam ficar sabendo disso?

Como é que os gerentes iam ficar sabendo disso? Qual era a melhor maneira de fazer com que as pessoas entendessem e se envolvessem com isso? Então era muito isso, não só produzir o conteúdo, mas fazer com que as pessoas se envolvem com isto e a melhor forma que elas possam conhecer esse conteúdo. Eu ajudei no relatório de sustentabilidade também. No relatório, eu não fiz tanto os textos, porque foi a empresa de assessoria de imprensa que fez. Mas a gente tinha que sentar e pensar: ‘como é que as pessoas vão se interessar em ler esse relatório?’, então é muito completo. Era um desafio imenso.

Géssica: Você pode me dar um exemplo de soluções encontradas para informar o chão de fábrica?

Estudante G: Na Embraco, a maioria das empresas tem jornal mural, e tinha um jornalzinho interno. A maior forma de fazer com que essas pessoas soubessem era o jornal mural mesmo. Era encontrar formas de escrever de maneira rápida textos mais fáceis, e que as pessoas ficassem sabendo daquilo. E tinha reuniões mensais também. Então a gente propunha que o coordenador das áreas, durante as reuniões, falasse sobre aquilo. Aí a gente escrevia textos, montava um conteúdo para que fosse repassado para as outras pessoas. Então as pessoas acabavam recebendo prontos conteúdos para serem repassados. Era complexo e era muito desafiador, porque as duas estagiárias tinham projetos que eram seus. A minha líder estava ali para me coordenar, para me ajudar para qualquer coisa. Mas assim: ‘você vai fazer. Pega isso aqui e dá um jeito’. E isso dependia muito do perfil de cada, até onde cada um podia ir.

Géssica: Então quais conhecimentos faltaram para um melhor desempenho no estágio?

Estudante G: Eu não acredito nesse discurso de que falta alguma coisa no curso. A gente escolhe esse curso ciente de que ele é um curso prático. O Jornalismo da UFSC se descolou da Comunicação Social. Então se você escolhe esse curso, você está ciente que vai ser assim. Eu acho que tudo o que o Jornalismo me mostrou foram várias portinhas para encontrar várias outras coisas. E todas as pessoas com quem eu busquei ajuda, elas me mostraram soluções para buscar talvez em outros lugares. Talvez não estava ali na aula, talvez não estava ali na disciplina ou no currículo daquele curso. Mas eu tive o suporte suficiente e necessário para buscar tudo aquilo que eu precisava. Eu não acho que me faltou. Eu acho que, se faltou, eu encontrei em outros lugares que me foram apontados por tudo o que existe dentro do curso.

Géssica: Acho que essa você já me respondeu, que papel teve os seus orientadores na UFSC?

Estudante G: Ele teve um papel burocrático de viabilizar o que a UFSC que pede enquanto documentação.

Géssica: Como a Universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante G: Eu acho que para mim foi muito completa a experiência que eu tive. Eu acho que a função da Universidade foi me oferecer as oportunidades. Sem Universidade eu não teria tido a chance de vivenciar todas essas experiências. Então eu acho que essa função ela cumpriu. Talvez essa questão da reflexão e da ética poderia ser muito proveitoso, só que não é, necessariamente, crucial para que você possa viver uma boa experiência. Seria um algo a mais.

Géssica: E quais são suas sugestões para um programa de estágio no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante G: Não tem como não ser remunerado. É muita exploração do estagiário. Já é uma mão de obra muito barata, ainda vai te usar sem te pagar? O pessoal que estuda aqui é muito competente, é muito bom no que faz para não ser pago. Isso aí é um absurdo. Vai fazer com que as pessoas odeiem esse estágio, porque você tem várias oportunidades de outros estágios que te pagam, e daí de repente um dia você vai ter que trabalhar sem receber?

Géssica: E você gostaria de complementar com alguma informação?

Estudante G: Voltando à questão do estágio obrigatório ele é mais no final do curso, né?

Géssica: Sim.

Estudante G: Isso tem que ser refletido junto com os alunos e com pessoas que já passaram pelo curso para entender qual é a melhor forma de realizar o estágio. Para entender qual é a necessidade da pessoa e qual é o cenário que a gente vive, das empresas que te usam para não te pagar. E realmente é importante ser no final do curso, mas principalmente não ser o primeiro estágio. Que o estágio obrigatório não seja o primeiro. É uma escolha de cada um fazer ou não fazer, só que você ter feito outros estágios te traz uma maturidade para encarar de uma forma diferente aquilo que tem que ser documentado e aquilo que vai ficar com o registro para as outras fases. Eu acho que eu consegui conciliar muito bem o trabalho. Acho

que na minha formação foi essencial que eu tivesse trabalhado, para me conhecer e para definir o tipo de profissional que eu quero ser, principalmente no nosso curso, que ele é um profissional que faz diferença total na sociedade. Então você precisa estar em contato com o mundo e com as empresas, com a sociedade que te cerca, entender isso para você não sair um profissional tão cru, para não sair um profissional que é um bobão. Porque é diferente, é muito diferente, principalmente pela lógica que a gente segue de ensino e o mercado de trabalho que está esperando a gente. Então viver essas experiências te faz ter uma noção muito grande do que tu quer e do que você pode escolher ser depois, aproveitando tudo que você aprende aqui. Eu não teria conseguido exercer tão bem as minhas funções se eu não tivesse o aprendizado que eu tive um curso. Por isso que eu acho que foi uma complementação muito grande. Foi um curso muito prático e a teoria me ajudou em tudo isso. Então para mim foi muito importante ter trabalhado a longo do curso todo. Eu consegui conciliar tudo muito bem, porque eu nunca nem trabalhei muito e nem estudei muito ao mesmo tempo. Nos estágios que eu estava trabalhando seis horas, e trabalhando um monte, eu não estava estudando. Agora que eu estou estudando um monte, eu não estou trabalhando. E nos estágios que eram as bolsas da UFSC era mais tranquilo e aí tinha as disciplinas e as coisas se complementavam. Foi muito homogêneo tudo o que eu fiz. Foi uma formação muito completa.

Géssica: E depois de passar por tantas áreas você conseguiu vislumbrar uma área seguir?

Estudante G: Quando eu trabalhava na Embraco e na Engevix eu tinha certeza que eu queria trabalhar com comunicação institucional, porque que foi o que mais me desafiou com tudo que eu sabia. Então esse desafio diário é uma coisa que me move. Só que assim, justamente porque eu tive experiências muito diferentes, a cada semestre você tem uma visão diferente. Você tem uma vontade de ser uma coisa diferente. E agora eu quero ser todas essas coisas juntas para trabalhar em algum tipo de negócio que mude a vida das pessoas. Porque foi isso que o Jornalismo me fez entender. Porque as pessoas têm o direito de viver uma vida digna e que eu não tenho outra escolha a não ser trabalhar para que a gente possa viver num país mais igual, que as pessoas tenham oportunidades mais parecidas. Eu não tenho certeza no que eu vou trabalhar, mas eu não quero me afastar de Jornalismo nunca, porque ele me ajudou a entender o mundo, porque ele me ajudou a entender a realidade e através da competência de vários profissionais a gente acaba vivendo melhor. Eu não sei o que eu vou estar fazendo ano que vem, mas não vai estar muito longe de Jornalismo e nem muito longe da ação, que foi o que o Jornalismo me ensinou. Eu estou aberta a novas oportunidades.

Entrevista em Profundidade com o Estudante H – Ex-estagiário
Concedida dia 14/10/2014
<p>Área de estágio do aluno: Jornalismo Online e Radiojornalismo.</p> <p>Tempo total de estágio: 1 ano e 8 meses.</p> <p>Observação: A estudante começou a fazer estágio na segunda fase no portal Guia Floripa. Após esta experiência, foi para a Rádio UDESC, onde encerrou o contrato em março de 2014.</p>

Géssica: Por que você decidiu, lá na segunda fase, começar a fazer estágio?

Estudante H: É que naquele ano, 2012, teve aquela greve de professores que a gente ficou quase dois meses sem aula, e foi bem depois que acabou o primeiro semestre. Eu fiquei muito tempo em casa, fiquei quase um mês em casa e pensei: ‘porque eu não vou fazer alguma coisa? Vou ganhar experiência, essa coisa toda... A vou procurar um estágio’, daí acabei achando fácil assim, e acabei fazendo. Mas foi mais porque eu estava com tempo, e porque eu achava que eu precisava ter alguma experiência com Jornalismo.

Géssica: O que você fazia no Guia Floripa?

Estudante H: Eu fazia como se fosse notícias, só que sobre eventos e cursos, só leads.

Géssica: Notinhas?

Estudante H: É, notinhas, isso mesmo. Sobre cursos e eventos, mas só isso. Daí mexia com a página, com o site. Atualizava o site e o Facebook.

Géssica: Quantas horas era o teu estágio?

Estudante H: Eram cinco horas por dia.

Géssica: Quanto você recebia de bolsa lá?

Estudante H: Era R\$450,00, sem vale transporte.

Géssica: Por que você decidiu começar a estagiar na área de Jornalismo Online?

Estudante H: Porque, na verdade, eu estava na segunda fase... Eu ia para a segunda fase, então não tinham muitos estágios para essa fase, e o Guia Floripa aceita. Então foi fácil, foi porque era fácil mesmo.

Géssica: E eles exigiram algum conhecimento específico quando você entrou?

Estudante H: Na verdade, quando eu entrei, ela só pediu para eu fazer o que eu ia fazer se fosse contratada. Ela me deu um curso para eu fazer uma notinha sobre aquele curso, e foi isso. Só que não foi pedido nada além, tanto que eles contratam pessoas que fazem letras também, então não teve nada muito específico que eles pediram não.

Géssica: E por que você foi para a rádio?

Estudante H: Porque eu tinha muito interesse. Na verdade, quando eu entrei no Guia Floripa, antes eu mandei o currículo para rádio, só que eu não fui chamada porque eu estava na segunda fase. Só que, desde quando eu entrei aqui, o meio que eu mais gostava de fazer era rádio, eu pensava: ‘vou fazer rádio para o resto da minha vida’. E daí eu queria bastante entrar na Rádio UDESC, daí quando surgiu... Na verdade eu saí do Guia Floripa porque eu não queria mais trabalhar lá, mas daí na semana seguinte já surgiu a oportunidade, daí eu entrei.

Géssica: Onde você viu a vaga para a Rádio UDESC?

Estudante H: Na verdade foi assim, um colega meu que estuda Jornalismo estava na rádio, e daí ele me falou. Eu falei assim, tipo, conversando normal, que eu tinha saído do Guia Floripa, e quando ele soubesse se tivesse uma vaga na rádio eu ia querer. Daí ele falou: ‘mas tem agora’, daí eu mandei o currículo e fui fazer a entrevista.

Géssica: E na Rádio UDESC, foi exigido algum conhecimento específico?

Estudante H: Na Rádio UDESC sim. Eles sempre contratam pessoas que já passaram pela aula de Redação 2, Redação 1, aqui. E quando é em outras Universidades, eles costumam ter só uma de rádio. Então quando você passa dessa disciplina de rádio eles pedem. Daí, o pessoal aqui da UFSC tem um diferencial que já sabem os programas, usar os programas, que os outros das outras Universidades geralmente não sabem, aprendem lá mesmo, no estágio.

Géssica: O que você fazia lá na rádio?

Estudante H: Eu fazia várias coisas: escrevia reportagem, fazia locução, edição, mexia no Facebook.

Géssica: Você fazia reportagens em áudio?

Estudante H: Sim. Quando era reportagem eu fazia as entrevistas por telefone mesmo, gravava, essa coisa toda, fazia toda a reportagem. Às vezes, também tinha notinhas para dar na programação. Daí já fiz locução do jornal, quando o jornalista não podia ir, mas era isso.

Géssica: E por que você decidiu parar de fazer estágio?

Estudante H: Eu estava gostando muito do estágio de rádio, que eu já tinha feito um ano. Só que eu fui perdendo um pouco de interesse pela rádio, achando que não era isso que eu queria fazer. E, ao mesmo tempo, eu via que não dava tempo de fazer as coisas que eu tinha que fazer na Universidade. Porque eu entrei no estágio na segunda fase, e a primeira fase é aquela coisa assim: ‘que legal, Universidade’, só que eu não fui aproveitando a parte teórica, as coisas tipo, de ler os textos, ter tempo para fazer os trabalhos, era tudo muito na correria. Mesmo eu conseguindo fazer na correria, não estava feliz com isso. Daí eu pensei: ‘vou parar por um semestre só para fazer a Universidade mesmo e depois vou ver no que dá’, aí eu parei.

Géssica: Quando você parou?

Estudante H: Fiz estágio até março desse ano. Até agora eu não fui atrás de outro estágio.

Géssica: E não pretende voltar a fazer estágio?

Estudante H: Até o final desse ano não. Ano que vem, depois das férias, eu vou pensar. Porque uma coisa também que me incomoda é que eu não tive férias, trabalhei todas as férias de verão até agora e não tive, sei lá, dois meses para descansar mesmo. Então eu vou tirar esses dois meses, e daí depois eu vou pensar se eu vou ir atrás de outro estágio.

Géssica: E agora que você parou, ainda quer continuar fazendo rádio?

Estudante H: Eu acho assim... Na verdade, eu perdi a visão meio romântica de que eu vou trabalhar naquilo que eu quero fazer. Então, como eu já tenho experiência e eu gosto, eu só não acho que é o melhor lugar para eu estar, mas eu gosto, eu trabalharia depois de me formar, trabalharia tranquilo.

Géssica: Mas por que você perdeu essa visão romântica do que quer seguir?

Estudante H: É porque assim, eu gosto de ler uma reportagem que eu vejo: ‘a como é bem feito, que legal’, mas na rádio não tem isso, é muito imediato, é como televisão. Então é

muito... Tu pega o negócio, faz a entrevista, e vai porque tem que ir hoje. E isso me incomoda um pouco, porque não tem tempo para ti pensar um pouco.

Géssica: Como você acredita que os estágios que você fez estão contribuindo para sua formação com jornalista?

Estudante H: Eu acho que com certeza vai contribuir, e não só se eu entrar numa área de rádio depois. É porque, essa coisa de ter a convivência, ter um chefe, ter um tempo para ti fazer a produção, já te dá uma bagagem para depois quando tu for entrar em um trabalho. Mesmo a questão de ter no teu currículo que tu já testou alguma coisa, então acho que vai acrescentar nesse sentido.

Géssica: Que tipo de dificuldades encontrou durante a realização de seu estágio?

Estudante H: Bom, no primeiro estágio que eu fiz, no Guia Floripa, foi mais o relacionamento entre os chefes, entre o chefe e as pessoas, achava muito ruim, achava que a gente era muito mal tratado, essas coisas.

Géssica: E como você fazia para sanar essa dificuldade?

Estudante H: Na verdade eu procurava fazer o meu trabalho, sem me estressar.

Géssica: E exercendo o jornalismo? Alguma dificuldade?

Estudante H: Assim, na rádio eu via que não era jornalismo mesmo, porque como era Rádio UDESC, eu não podia fazer crítica, essas coisas todas. É uma rádio institucional, então eu tinha que fazer mais divulgação do trabalho. Se eu fosse fazer alguma pauta de Florianópolis, tinha que ter mais cuidado. Teve um dia que eu fiz uma pauta que era uma manifestação de pessoas idosas na frente do INSS, daí meu chefe falou: ‘a gente não faz esse tipo de pauta, e não sei o quê...’. Eu fiz mais porque eu tinha uma colega que estava trabalhando no... Não é Sindicato, é tipo um grupo...

Géssica: Uma associação?

Estudante H: É, uma associação dos idosos de algum órgão. Daí naquele dia eles estavam fazendo aquela manifestação e eu tinha o contato do presidente da associação, tudo, eu podia fazer uma matéria mais assim, meio em tempo real, que era bem na manhã que estava a manifestação. Mas o meu chefe: ‘a porque a gente não faz esse tipo de matéria’.

Géssica: Você chegou a fazer a matéria?

Estudante H: Cheguei. Porque não ficou assim tipo oh... Sei lá, uma coisa muito oh, mas cheguei a fazer. Ele não me proibiu, mas não incentivou, disse para eu não fazer.

Géssica: Que conhecimentos de jornalismo faltaram para um melhor desempenho nesses dois estágios que você fez?

Estudante H: Não sei se foi pelo curso, mas eu achei que eu fui aprendendo fazendo as coisas, nos estágios.

Géssica: Quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso foram utilizados no estágio?

Estudante H: Com certeza a parte da rádio. Principalmente porque eu já tinha passado por duas disciplinas, e se tu tens essa experiência de, tipo, perder o medo de fazer entrevista. Mais a parte técnica, de mexer com os programas de edição, eu já fui sabendo. De editar, de mexer com híbridas, essas coisas técnicas eu já fui tudo sabendo. Também a parte, com certeza, do texto, de fazer texto de rádio.

Géssica: E no Guia Floripa?

Estudante H: É que era uma pouco diferente, não tinha muito do que o curso acrescentar acho, lá naquele estágio. Qualquer pessoal podia fazer aquele texto, mas ou menos isso.

Géssica: Que papel teve seu orientador no estágio?

Estudante H: Nenhum, o papel foi assinar o papel mesmo, porque não teve nenhuma orientação.

Géssica: Vocês fizeram alguma reflexão sobre o estágio que você estava desenvolvendo?

Estudante H: Não, não teve nenhuma conversa. Nesses dois estágios que eu fiz não teve nenhum tipo de conversa. Aquele esquema: tu pega, deixa o papel ali, assina, enfim. Só uma coisa que eu achei que foi o meu do Guia Floripa, em um momento eu perdi com se fazia o registro do estágio, e eu acabei perdendo, então eu fiz esses oito meses sem estar registrado no negócio da UFSC.

Géssica: No SIARE?

Estudante H: Sim, é. E foi por faltar a assinatura do orientador.

Géssica: Aqui da UFSC?

Estudante H: É. Só que a culpa foi minha, porque eu que mandei atrasado os negócios. Então mesmo a pessoa tendo o negócio na mão e podendo assinar, que eu mandei um bilhete para ela, ela não quis assinar, porque eu fiz errado o negócio, então ela não facilitou para o meu lado. Então foi bom de um jeito.

Géssica: Daí não foi registrado no SIARE esse que você fez no Guia Floripa?

Estudante H: Não. É porque eu achava que estava registrado, e quando eu fui fechar o estágio eu vi que não estava.

Géssica: E não teve nenhum contrato?

Estudante H: Ele foi feito pelo CIEE. Não teve esse contrato com a Universidade, mas teve com o CIEE.

Géssica: E como a Universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios em Jornalismo?

Estudante H: Acho que é assim, muitas pessoas deixam a faculdade de lado para fazer o estágio. Acho que também tem a questão de que muitas pessoas precisam do dinheiro. Mas eu acho que a UFSC tinha que estar mais a par de como que os chefes, com essas pessoas que estão contratando estão tratando o estagiário. É que muitas empresas acham que só contratando estagiários vão suprir a demanda, e deixam de contratar profissionais para contratar estagiários, e mandam os estagiários fazerem as atividades profissionais. Eu acho que isso deveria ser fiscalizado mesmo, porque sobrecarrega as pessoas, os estágios.

Géssica: Você chegou a ser mal tratada nos seus estágios?

Estudante H: Mal tratada não sei se é a palavra. É... Mal tratada verbalmente, vamos dizer assim. Não tipo xingada, mas assim, na primeira semana eu estava escrevendo aquela nota, daí ela falou assim: 'a porque tu não poder ter um texto medíocre', desse jeito. E teve algumas vezes que eu erreí algumas coisas, e era... pelo que o pessoal tinha me contado, os outros estagiários estavam junto no dia que ela falou: 'a porque não dá mais, a pessoa tem que ser demitida'. Umas coisas assim, ela era meio louca mesmo. Mas não era também porque eu fazia um trabalho tão ruim assim, é que ela era assim com todo mundo. Tanto que é um estágio que não para seis meses as pessoas, é muita rotatividade, é terrível. Eu não sei como é que está hoje, parece que hoje está um pouco melhor, que aumentaram os salários parece. Não

só isso, mas é que... Por exemplo, a pessoa que era chefe, a chefe de redação, está fazendo mestrado agora aqui na UFSC, só que ela não tem muito mais tempo para ficar lá, então parece que mudaram as coisas por causa disso. Mas assim, as pessoas não ficavam muito tempo lá, porque era meio tenso mesmo.

Géssica: E você aprendeu alguma coisa nos estágios?

Estudante H: Com esse, mais a plataforma, de saber mexer com a internet, de usar mais essa parte técnica, porque a parte do Jornalismo mesmo não. Eu saí de lá porque eu não estava gostando, por causa do tratamento e porque eu via que aquilo não estava me acrescentando em nada. Mas da rádio eu aprendi muito, com certeza. Porque as pessoas lá eram muito diferentes também, os meus dois chefes eram mais tranquilos, estavam dispostos a me ajudar, dar orientação, sempre me davam orientação: 'a não foi legal desse jeito'. Era um ambiente mais legal, era mais gostoso.

Géssica: Você provavelmente sabe que o estágio vai ser obrigatório a partir do ano que vem. Tens alguma sugestão para um programa de estágio aqui no Jornalismo?

Estudante H: Eu acho que tem que ter essa fiscalização.

Géssica: Quem você acha que deveria fiscalizar? A Universidade mesmo?

Estudante H: Acho que sim. Não teria outra parte que pudesse fiscalizar, acho que teria que ser a Universidade.

Géssica: Com base na sua experiência com os estágios, você sugere alguma coisa para ser diferente?

Estudante H: Eu acho que o orientador aqui tenha que sempre estar atento a tudo que está acontecendo com o estagiário, mas, não sei se ele seria a pessoa, tinha que ver se estava tudo certo no estágio daquela pessoa. Eu não sei com são os outros estágios em relação a isso, mas o que acontecia no Guia Floripa eu acho que não deveria acontecer. Era meio desmedido as coisas. E as pessoas não falam, isso que é o negócio também.

Géssica: Talvez por medo de alguma coisa.

Estudante H: É, isso aí. Medo de quê? Entendeu? Acho que não falam porque não tem espaço, não tem para quem falar e o que vai acontecer. Acho que é mais um espaço assim,

talvez uma ouvidoria, não sei se já tem também. Uma ouvidoria que pudesse ouvir os alunos que tem alguma reclamação para fazer.

Géssica: Você gostaria acrescentar algo sobre o tema estágio no Jornalismo? Ou sobre os seus próprios estágios?

Estudante H: Na verdade assim, eu só me arrependo de ter começado muito cedo, devia ter esperado uns três semestres. Porque eu fiz as coisas muito corridas aqui no curso, e eu estou tentando reparar agora. Mas acho que foi meio uma ansiedade, e eu acho que os calouros deveriam ser avisados disso, para ficarem um pouco mais calmos. Quem realmente não precisa do dinheiro, espera pelo menos umas três fases, para aprender mesmo as coisas que tem aqui, e depois sair.

Entrevista em Profundidade com o Estudante I - Estagiário
Concedida dia 14/10/2014
<p>Área de estágio do aluno: Assessoria de Imprensa.</p> <p>Tempo de estágio: 9 meses.</p> <p>Observação: A aluna começou a fazer estágio a partir da 5ª fase e até o momento da entrevista havia passado por duas empresas privadas de assessoria de imprensa: Fábrica de Comunicação, onde estagiou por 8 meses; e Primeira Via Comunicação, que estava há apenas 1 mês. Antes destes estágios, a estagiária recebia Bolsa Permanência da UFSC.</p>

Géssica: Por que você quis fazer estágio?

Estudante I: Primeiramente pela questão financeira, pois tenho auxílio dos meus pais, mas que é pouco, porque eles também não têm, são aposentados, os dois. Minha mãe é aposentada por invalidez, meu pai por tempo de serviço. Então eu precisava do dinheiro, na verdade. E também, lógico, não só pela questão financeira, mas pela questão de conhecimento. Eu queria explorar outras áreas, principalmente as que o curso não oferece tanto, que é a área de Assessoria de Imprensa, e essas coisas assim, redes sociais. Eu queria ter essa experiência também fora do curso, não somente a questão acadêmica, mas também a prática mesmo, como as coisas funcionam fora da academia.

Géssica: Você pode explicar um pouco mais por que escolheu essa área para estagiar?

Estudante I: Principalmente pela questão da oferta, que é uma área que tem uma maior oferta, não só para estágio, mas também profissionalmente é a que tem mais oferta. E, como eu disse, o curso oferece, e agora está até oferecendo um pouco mais de disciplinas na área de Comunicação Institucional, mas é pouco, e como eu acredito que há uma grande possibilidade de trabalho depois de formado, eu achei que era importante e relevante para o meu currículo ter estagiado em Assessoria de Imprensa. Eu acredito que seja uma grande possibilidade de trabalho. Mas pela questão do mercado mesmo, não que eu não goste de Assessoria, não tenho aquela coisa de: ‘assessor não é jornalista’, coisa assim, porém eu acredito que todo mundo sonha em ser mais repórter do que assessor, acho difícil alguém dizer: ‘eu sonho em ser assessor de imprensa’, bem pouco provável, todo mundo que entra no curso quer ser repórter.

Géssica: E como acredita que o estágio contribuirá para sua formação como jornalista?

Estudante I: Com certeza. Porque assim, não só pela questão como dizem de: 'assessor não ser jornalista', mas o próprio fato de tu conhecer o outro lado da profissão também. Porque tu acaba conversando com jornalistas, vendo com é que as coisas são feitas, acaba descobrindo que o jornal copia as coisas da assessoria na íntegra. Coisa que a gente não percebe quando está do lado de fora. A gente acha que tudo é lindo, que as coisas são todas bem feitas, que todo mundo é superético, daí tu começa a descobrir que nem todo mundo é tão ético assim, e essas coisas do gênero.

Géssica: Então que tipo de dificuldades você vem encontrando nos estágios?

Estudante I: Eu acho que a minha grande dificuldade, que na verdade nem é uma dificuldade, é um questionamento, é a questão do distanciamento da prática do que a academia ensina. No sentido de que, por exemplo, as empresas não têm plano de comunicação, não têm nada assim, é tudo feito de acordo com a tua cabeça. Então assim, às vezes, como estagiária, por não conhecer muito as coisas, me sinto um pouco perdida, não tenho suporte porque não posso ficar perguntando toda hora. Lógico que em alguns momentos eu sou obrigada perguntar, porque eu não tenho como fazer, pois não sei para onde ir. Mas eu não tenho aquele suporte de saber, de ter uma coisa pré-estabelecida. Se eu vou fazer um post para o Facebook, eu não sei se tem um número de caracteres específicos, não tem um formato específico, eu posso escrever do jeito que eu quiser. Então essas coisas assim destoam um pouco do que nós aprendemos na academia e, principalmente, faz com que o trabalho às vezes seja da tua cabeça, e não uma coisa pensada e formatada, segmentada, faz meio que de acordo com o teu humor do dia.

Géssica: E como você tem feito para sanar essas dificuldades?

Estudante I: Tenho tentado empregar o que aprendo na Universidade. Como não tenho uma base do que seguir, aplico minha experiência de aula e um pouco do que já foi feito na assessoria. Procuro ler o que sai no site e no Facebook para saber como os outros estão escrevendo. Sempre tento resgatar algo no banco de dados para ler, como notas e releases que foram escritos sobre determinado assunto.

Géssica: Você tem um orientador aqui na UFSC, um professor?

Estudante I: Então, eu tive um problema no meu estágio anterior com a questão da documentação. A pessoa que era responsável pelo meu estágio estava viajando, então ela não

pode assinar os meus papéis, então eu ainda não tenho um orientador aqui na UFSC. Mas no outro, quando eu tinha, essa orientação não acontecia, porque muitos professores, eu acredito, nem sabem direito como orientar, pelo menos o meu orientador nem sabia direito. Como ela era nova na UFSC, ela nem sabia direito o que tinha que fazer de orientação, então ela assinou o papel porque tinha que assinar, mas ela nem tinha ideia do que realmente era a orientação. Eu acredito que os professores não tenham também alguma coisa pensada, preparada, sei lá, uma vez por mês tem que conversar com teus orientandos para saber com é que está, não tem isso também dentro da UFSC, não tem essa organização pelo que eu posso perceber. Então assim, eu nem culpo tanto o orientador pela falta de suporte, mais é a Universidade mesmo pela questão de não ter isso pré-estabelecido. Porque eu acredito que quando eles liberam para o estágio, já tem essa burocracia enorme de ter que procurar um orientador, tem um monte de assinatura para colher, e aí eles não te dão um respaldo de dizer: 'tu tem que fazer um relatório uma vez por mês, tu tem que conversar com o teu orientador uma vez por mês, ou de 15 em 15 dias'. Não, eles não falam, nem te incentivam a procura do orientador, então meio que tu fica largado.

Géssica: E você parou para fazer alguma reflexão com o orientador sobre o que você tem feito no estágio?

Estudante I: Não, as poucas vezes que eu acabei conversando com a minha orientadora foi justamente porque ela estava de dando a disciplina de Comunicação Institucional no tempo que eu estava no estágio. Então as poucas coisas que nós conversamos a respeito de estágio foi mais em função da aula do que em função do próprio estágio.

Géssica: E no estágio você recebe algum tipo de orientação?

Estudante I: No estágio sim, sempre tem alguém vendo o que tu está fazendo, quando tu precisa mudar alguma coisa e tal. Aí já é diferente, tem uma orientação um pouco diferente. Eles revisam tudo, nada do que eu faço passa sem revisão. Na verdade, eu trabalho mais com uma assessora específica, mas às vezes é a dona da empresa que revisa, quando é alguma coisa que ela me pediu ou que é uma pouco mais delicada, um assunto um pouco mais delicado, aí ela revisa também.

Géssica: Que tipos de atividades você já fez nos estágios?

Estudante I: Eu acho que de tudo um pouco. No estágio anterior eu fazia clipping, umas materinhas para blog, uns posts para o blog, fazia release, nota.

Géssica: E você continua fazendo isso?

Estudante I: Mais ou menos. Agora a principal mudança de uma assessoria para outra foi que a assessoria anterior não tinha clipping terceirizado, então nós fazíamos o clipping manual. Essa já tem o clipping terceirizado, então tem pouca coisa que tem que clippar manualmente. Na verdade nem é clipping, é mais um monitoramento de algumas pessoas específicas que a gente sabe que postam coisas, é tipo uma blogueira que tem parceria com um dos clientes, que posta coisas do cliente, essas coisas assim. Mas eu nem considero isso clipping, é mais um monitoramento do que clipping mesmo. De resto tudo normal, produção de release, produção de notas.

Géssica: Eles lhe exigiram algum tipo de conhecimento específico na hora de lhe contratar?

Estudante I: Não, nenhum conhecimento específico. Pegaram currículo, depois fizeram entrevista, mas não teve nada assim que tenha pedido alguma coisa específica. Só no primeiro estágio, ela pediu para mandar um material que eu tinha feito em aula, para conhecer meu texto. No segundo, até por eu já ter experiência, ela nem pediu.

Géssica: Que tipo de conhecimento faltou para um melhor desempenho no estágio?

Estudante I: Na verdade, no primeiro, eu não fazia nem ideia de como se escrevia um release, porque eu não tinha nunca escrito isso na Universidade, porque eu comecei no estágio em fevereiro, e só em março eu comecei a ter aula de Comunicação Institucional. Então teve um tempo ali de quase dois meses que eu não tinha nunca feito um release em aula.

Géssica: E que conhecimentos adquiridos no decorrer do curso vêm sendo utilizados no estágio?

Estudante I: O release, apesar de não ter tido tão perfeito antes de começar o estágio, com certeza a questão do Jornalismo tá ali, na questão de escrita, de apuração, de como tu conversa com a pessoa, como tu faz a entrevista, que é necessário para produção do release. Essas coisas são um conhecimento que tu leva.

Géssica: E você aprendeu alguma coisa que não tinha aprendido no Jornalismo?

Estudante I: Acabei aprendendo a fazer o release, que eu não sabia. Acabei aprendendo lá, antes de fazer na UFSC.

Géssica: Como a universidade pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante I: Eu acho que, primeiro, um acompanhamento mais de perto. Também tem a questão das próprias leis que não ficam bem claras para os estagiários, das leis do estágio. Tem muita coisa assim, por exemplo, às vezes a pessoa oferece estágio voluntário, às vezes oferece estágio que está em desacordo da lei, a própria Universidade posta estágio que está em desacordo com a lei, que pedem oito horas de trabalho, coisa do gênero, que é um absurdo. E mesmo a questão salarial é mal explicada, porque existe uma lei de estágio e essa lei é desconhecida. Na verdade, eu mesma não conheço a lei do estágio, a única coisa que eu sei é a questão das férias com seis meses de estágio, mas a questão salarial tu não sabe, aí tu vê estágio que paga R\$400,00 e estágio que paga R\$1300,00, aí tu fica: ‘tá, o estágio pode pagar assim?’. Às vezes até a própria pessoa que está oferecendo o estágio ainda falam assim: ‘eu estou pagando mil e pouco reais porque é estágio, mas não é para trabalhar como estagiário, é para trabalhar como profissional’. Poxa, então contrata um profissional, porque tu vai contratar um estagiário, se tu quer um profissional? Aí quer uma dedicação que tu não pode oferecer para o estágio, então tem essas coisas assim

Géssica: Alguns desses estágios você atuou como jornalista profissional?

Estudante I: É difícil dizer. Eu nunca tive responsabilidade em questão do cliente, aquela coisa de lidar com cliente, de conversar, de resolver problemas diretamente com o cliente. Mas no final das contas, eu acho que acaba que tu é meio jornalista mesmo, porque faço todas as funções que o próprio jornalista faz, com a diferença de que tu não conversa com o cliente por ser estagiária. De resto, entrevistas, *follow*, release, notas, posts para o Facebook, atualização de *mailing*, todas as funções que os jornalistas exercem também são feitas por mim.

Géssica: E quanto eles estão te pagando?

Estudante I: Agora é R\$600,00 e mais cento e doze reais de vale transporte. No outro era um pouquinho menos, acho que era R\$540,00, mais o vale transporte.

Géssica: Quantas horas é o teu estágio?

Estudante I: É cinco. Mas esse estágio é bem flexível, na hora que eu tenho aula, posso ir para aula tranquilo, não tenho aquela coisa de: ‘tenho que está aqui porque não sei o que’. E mesmo assim, por exemplo, hoje é um dia que eu vou lá e não fico as cinco horas, fico

normalmente só duas horas, três horas, no máximo, porque eu tenho aula de manhã e tenho aula à tarde. Não tem aquela coisa assim: ‘a não, tenho que pagar, tenho que ficar aqui até mais tarde’, no horário que der eu vou. No outro já não era assim, bem por isso que eu tive que sair, porque como eu tinha esses horários picados eles achavam ruim que eu ficasse saindo, ou não fosse um dia inteiro por causa de aula, e coisas assim. Foi por isso que eles não quiseram que eu continuasse, sendo que é muito engraçado, porque lá eu passava muito mais tempo sem fazer nada do que eu passo nesse estágio, então nunca fez nem sentido essa história. Acho que é mais por causa dos outros estagiários do que por minha causa, era só para não achar que, se beneficia para um, beneficia para todos, porque lá tem vários estagiários e aqui só tem eu.

Géssica: E quais são suas sugestões para um programa de estágio no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante I: Essa questão do estágio obrigatório eu tenho bastantes dúvidas, se vai ser um benefício ou se vai só piorar a situação. Primeiro, pela questão do estágio obrigatório não poder ser remunerado, que eu acho que as empresas já exploram bastante os estagiários e vai ser mais uma chance delas explorarem. Imagina, dois meses de estágio sem remuneração é o sonho de qualquer empresa. Então eu acho que isso é uma coisa que tem que ser muito bem pensada, porque se não vai virar uma bagunça, essa questão de trabalhar sem remuneração. Eu acho que esse é um dos pontos que mais tem que ser bem pensado, para não dar problema depois. Mas fora disso eu acho que, como eu disse antes, o estágio tem realmente que ser orientado, ter uma pessoa aqui de dentro, que os professores realmente vão se preocupar com isso, que não vai ser só assinar um papel. E também a questão da quantidade de horas das optativas, que é um horário muito extenso, e colocar mais um estágio obrigatório com a mesma quantidade de optativas é loucura, porque não tem como, uma coisa ou outra.

Géssica: Você tem mais alguma coisa a acrescentar sobre o tema ou sobre seus estágios?

Estudante I: Eu acho que os professores têm que ter um pouco mais de sensibilidade quanto aos estágios. Tem muito professor que é completamente contra os estágios, que: ‘está estudando numa Universidade Federal, não paga, então é obrigado a ter dedicação exclusiva’, só que eles não pensam na vida financeira dos alunos. Daí tu fica pensando assim, como um professor que está numa Universidade pública incentiva uma coisa que vai fazer com que a Universidade só tenha pessoas com dinheiro? Porque eu, por exemplo, não tenho como me sustentar sem a ajuda do estágio. Para mim é impossível, ou eu faço estágio, ou não tenho

como concluir a Universidade. Não é uma questão assim: ‘a eu faço estágio por que eu gosto, ou só por que eu quero aprender’, lógico que tem esse lado, mas a questão financeira é a mais importante. Eu realmente não tenho condições financeiras de concluir a Universidade sem fazer estágio, tanto que, por isso, antes eu tinha a bolsa. E tudo por que realmente as minhas condições financeiras são muito pequenas. Então eu acredito que os professores deveriam ter um pouco mais de sensibilidade quanto a isso. Lógico que não a questão assim: ‘sair da aula por causa do estágio’, que daí eu já acho que é um absurdo, o aluno não deveria nem cogitar a possibilidade de pedir para o professor para sair da aula para ir ao estágio. É uma vergonha, sair mais cedo, aquelas coisas assim, não tem condições. Mas nessa questão de ter apoio do professor, eu acredito que ele tem que ver que cada pessoa é de um jeito, cada caso é um caso, e eles não podem generalizar e achar: ‘a Universidade é pública e tu tem que ter dedicação exclusiva’, se for então eles vão pagar a bolsa para o aluno para eles terem dedicação exclusiva, que nem todo mundo nasceu rico e pode só ficar estudando. Acho que é isso, acho que os professores tem que aprender a olhar também o aluno, não somente a questão ‘é dedicação exclusiva ou não é’.

Entrevista em Profundidade com o Estudante J- Ex-estagiário
Concedida dia 17/10/2014
<p>Área de estágio do aluno: Assessoria de Imprensa.</p> <p>Tempo de estágio: 8 meses.</p> <p>Remuneração: R\$ 600,00 mais vale transporte.</p> <p>Observação: O aluno, que está na sexta fase, fez cerca de dois semestres de estágio no SBT SC e, após esse período, foi efetivado para trabalhar na mesma área em que atuava como estagiário.</p>

Géssica: Por que você decidiu fazer estágio?

Estudante J: Primeiro, por uma necessidade financeira. Porque eu tenho responsabilidades em casa e sem trabalhar não tinha condições, então eu precisei fazer estágio. E também para ter contatos no mercado de trabalho, que eu acho que é importante. Se tu não tiver contatos logo no começo, durante o curso, depois que você sai fica muito mais complicado.

Géssica: E por que você foi para a área de Assessoria de Imprensa?

Estudante J: Na verdade, esse estágio eu entrei porque a oportunidade surgiu para mim. Eu tive contato com o pessoal do SBT antes de fazer estágio lá, na promoção que eu participei deles. Aí eu acabei ganhando a promoção e, quando eu recebi e tal, falei que eu estava fazendo Jornalismo, e que eu estava fazendo na época um trabalho acadêmico, que era um trabalho para rádio. Eu precisava de uma entrevista com o vice-presidente da emissora e aí tive esse primeiro contato com eles. Algum tempo depois eles me ligaram que estavam precisando de uma pessoa, que a pessoa que estava trabalhando na área de assessoria deles lá estava saindo e, como elas já tinham o meu contato, me propuseram trabalho e eu aceitei.

Géssica: Eles lhe exigiram algum tipo de conhecimento específico para lhe dar essa vaga?

Estudante J: Sim, eu fiz uma entrevista antes de ser contratado. A princípio, ser um usuário ativo de redes sociais, e eu era sim, conhecer um pouco de código HTML, que eu conhecia o básico pelo menos para me virar, e o texto mesmo, saber escrever um release para assessoria. Eu não sabia fazer um release exatamente, que a gente não tinha tido nenhuma prática nessa área ainda, mas um texto jornalístico eu sabia fazer, e eu acho que era suficiente.

Géssica: Seu estágio era registrado pelo SIARE?

Estudante J: Isso... Era registrado.

Géssica: E como você acredita que o estágio contribuirá para sua formação como jornalista?

Estudante J: Eu acho assim, apesar de eu não ter tido durante o estágio nenhum tipo de orientação, nem aqui na UFSC e nem na empresa, sobre melhores maneiras de desempenhar a função, tudo que eu aprendi foi meio que lidando com outros profissionais da área, conversando e tal. Tipo, ligando para os sites e portais de notícias para qual eu mandava release, sabendo a maneira mais ideal de mandar informação para eles, com profissionais do mercado, e também errando e acertando sabe. Tu erra, e tu ve que não é daquela maneira que tinha que ser feito, e aí tu vai aprendendo. Meio que um trabalho autodidata, então foi assim. Eu não tinha tido ainda nenhuma disciplina de assessoria de imprensa. Aí eu fiz a primeira Comunicação Institucional, agora estou fazendo Assessoria de Imprensa, acho que foi bem útil, abriu um horizonte. Tipo, tu via na aula exemplos daquilo que tu enfrenta no dia a dia. E aí isso ampliou os horizontes.

Géssica: Você cursou as disciplinas da área depois de ter finalizado o estágio, é isso?

Estudante J: Depois de ter feito estágio. E eu acho que o complicado foi isso, porque tem muita gente que acaba começando a fazer estágio em assessoria de imprensa e só vai ter essa disciplina depois no curso. Entra na assessoria de imprensa sem nenhuma base. Claro, a base teórica do Jornalismo, mas, específico não.

Géssica: E quais conhecimentos adquiridos no decorrer do curso foram utilizados no estágio?

Estudante J: Eu acredito que redação, aprender a fazer uma boa redação. A parte ética também. Tem coisa que, às vezes, no trabalho, a política da empresa te induz para um caminho, e tu tem que, de acordo com as tuas convicções, os teus valores, tu tentar ir por um caminho diferente daquilo. E acho que isso aqui no curso a gente desenvolve. Uma pessoa que não tem essa fundamentação teórica que a gente tem aqui talvez seria levada por aquele caminho, que nem sempre é o mais correto. E eu acho que um pouco de tudo, essa parte prática, de bater uma foto, de gravar um vídeo, de gravar um áudio, acho que isso aqui no curso foi fundamental.

Géssica: Essa questão do conflito ético, você tem algum exemplo de alguma situação?

Estudante J: Assim, a empresa que eu trabalho ela tem uma visão política, um posicionamento político, que não é o meu posicionamento. Então assim, eu gerencio redes sociais, faço release... Tem release que eu fiz que foi, por exemplo, sobre as eleições, a cobertura das eleições, entrevista com os candidatos. Se eu seguisse o posicionamento político da emissora, eu teria feito aquele release, por exemplo, de uma maneira. Mas eu tentei ser o mais imparcial possível, claro, dentro dos meus valores, e talvez isso teria sido uma maneira de eu condicionar o meu texto, mas dentro daquilo que eu acreditei que fosse mais isento possível. Nesse sentido, eu fiz um material diferente do que se fosse outra pessoa talvez mais orientada pelos valores da empresa.

Géssica: E eles permitiram você produzir o material desse jeito?

Estudante J: Nesse sentido eles são bem... Eles deixam eu fazer o meu trabalho. Algumas vezes, dependendo do material, eu passo para eles para aprovação, mas geralmente não. E acho que é também porque eu já estou lá desde quando era estagiário, cerca de dois anos. Então já é o tempo suficiente para eles entenderem a maneira como eu trabalho.

Géssica: E por que você parou de fazer estágio?

Estudante J: Porque daí eu fui contratado, no mesmo local.

Géssica: Que atividades você faz?

Estudante J: Eu faço gerenciamento de redes sociais, releases...

Géssica: Você fazia isso no estágio?

Estudante J: Isso, e continuo fazendo. Só que eu fazia com menos intensidade algumas coisas, por exemplo, informativos e release com menos intensidade e agora eu faço com mais.

Géssica: É carteira assinada?

Estudante J: É carteira assinada.

Géssica: Você considera que faltou algum conhecimento dado pelo curso para poder desempenhar melhor o estágio?

Estudante J: Eu não sei se eu poderia talvez querer isso no curso, mas eu acho que uma aproximação com o mercado geral. Tipo, tu conhece o mercado quando tu vai fazer o estágio,

dentro da Universidade tu não tens esse contato com o mercado. Tu tem alguma disciplina, por exemplo, a Cátedra RBS, que te aproxima um pouco de um grupo de comunicação de Santa Catarina, mas ele não é o único. Acho que a gente poderia ter talvez experiências maiores no mercado, visitar... Sei lá, agências e outros locais.

Géssica: Que tipo de dificuldades encontrou durante a realização de seu estágio? Como fez para saná-las?

Estudante J: Acho que a questão de horários. Eu acho que quem faz estágio tem que se posicionar com relação a não se permitir ser controlado pela empresa. Por exemplo, muitas vezes eles te chamam para trabalhar no momento que não é o teu horário de trabalho, e isso acho que tu tem que saber se posicionar, e saber negociar muito bem isso. Isso é muito comum, pelo menos no estágio que eu fiz, foi o único assim, mas eu acho que de modo geral acontece isso. Tu és pago para trabalhar determinada hora, e tu préacordou determinado horário, então é aquele horário que precisa ser respeitado.

Géssica: Você teve algum problema com o horário? Quanto tempo você fazia de estágio por dia?

Estudante J: Eu fazia trinta horas por semana, e dividia essas horas. Nisso eles foram até bacanas, porque nem sempre eu cumpria as trinta horas semanais, e eles acharam tranquilo. Mas às vezes eu precisava também ir a um evento ou uma cobertura no final de semana, e eu estava à disposição. Mas assim, dentro disso, se esse final de semana eu trabalhei em três, quatro horas no evento, durante a semana eu vou querer três, quatro horas para eu estudar ou para fazer alguma coisa da Universidade. E isso eles atendiam.

Géssica: E você teve um orientador aqui na UFSC?

Estudante J: Tinha.

Géssica: Que papel ele teve no seu estágio?

Estudante J: Nenhum.

Géssica: Alguma orientação?

Estudante J: Nenhuma orientação.

Géssica: Vocês fizeram alguma reflexão sobre o estágio?

Estudante J: Eu fiz com outro professor depois, que não foi esse que era o meu orientador.

Géssica: Fora do estágio?

Estudante J: Isso, fora do estágio.

Géssica: Como foi essa reflexão?

Estudante J: Bom o professor com quem falei me perguntou como havia sido o estágio, se eu havia gostado, se havia aprendido muitas coisas, se haviam me pagado corretamente, se eu tinha tirado férias, essas coisas. Conversamos alguns minutos e eu contei minhas impressões do estágio. Foi uma conversa rápida, mas senti que poderíamos ter feito isso mais vezes. Para quem não tem muito contato com os professores, como eu, é um pouco desconfortável expor opiniões ou problemas pessoais em uma única conversa.

Géssica: Como a UFSC, em especial o curso de Jornalismo, pode atuar para melhorar a forma de realização dos estágios?

Estudante J: Acho que a orientação tem que ser muito mais efetiva. Eu sei, eu entendo que muitos professores... A carga de horários às vezes impede uma presença maior, mas eu acredito que também... Eu vou fazer mea-culpa nesse quesito, porque eu nunca procurei a orientação. Em determinado momento precisando da orientação, eu nunca procurei, então também a orientadora não vai adivinhar que tu precisa de orientação. Mas eu acho que isso é meio que óbvio assim. Na segunda fase, tu está totalmente despreparado no mercado, no próprio curso tu não tem ainda uma base muito sólida. Mas eu acho que uma presença maior, uma conversa mais... Talvez no começo assim, umas dicas: 'o mercado é assim', para ti saber pelo menos o que vai ser exigido, as dificuldades que tu vai enfrentar. Talvez uma conversa antes, e durante... Se tiver um contato também com o orientador vai ser bem interessante. E no final também essa conversa para saber realmente o resultado do estágio.

Géssica: Você tem alguma sugestão para esse programa de estágio obrigatório que vai ser implantado no curso de Jornalismo da UFSC?

Estudante J: Eu acredito que, acima de tudo, tem que ser em estágios que contribuam para a formação do profissional. Não adianta você chegar num local e ficar engessado, fazendo só rede social, ou ficar engessado fazendo só release. Porque o mercado, infelizmente, hoje precisa de profissionais que saibam fazer um pouco de tudo. Então tu tem que ir para uma

empresa que realmente te coloque em diversas situações, para ti realmente saber o que é a profissão. Eu falo mais como assessor de imprensa, eu nunca fiz estágio em redação, então eu não posso falar nada a respeito, mas em assessoria de imprensa tu precisa experimentar muita coisa. Porque uma assessoria de imprensa é muito ampla, então tu precisa experimentar muito e, de preferência, que seja em empresas que contribuam para a formação do profissional, e que também não peguem o estagiário como um profissional já formado. Tem muita empresa que também contrata o estagiário para exercer uma função de profissional. Não é bem assim que funciona sabe. Então acho que tem que ter isso assim, esses dois fatores acho que são fundamentais.

Géssica: Você quer acrescentar mais alguma coisa sobre o tema estágio, ou sobre o estágio que você fez?

Estudante J: Não sei... Nada na cabeça agora.